

UNIVERSO DO FUTEBOL

Futebol e suas variações

ao redor do mundo



UNIVERSO DO FUTEBOL

Futebol e suas variações ao redor do mundo

Organizadores

Prof. Dr. Carlos Ferrari

Prof. Dr. Rafael Mocarzel

Vassouras, Rio de Janeiro

2024

© 2024 Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Dr. Marco Antônio Soares de Souza

Pró -Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras

Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

M. Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva das Produções Técnicas

Dr. Paloma Martins Mendonça

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/4727>

Un399

Universo do futebol 2: futebol e suas variações ao redor do mundo /
Organização de Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari, Sávio Luis
Oliveira da Silva, Rafael Carvalho da Silva Mocarzel – Vassouras, RJ :
Universidade de Vassouras, 2024.

110 p.: il. color.

Recurso eletrônico

Formato: E-book

ISBN: 978-85-88187-73-3

1. Futebol. 2. Esportes – Aspectos sociológicos. 3. Cultura. I. Ferrari,
Carlos Eduardo Rafael de Andrade. II. Silva, Sávio Luis Oliveira da. III.
Mocarzel, Rafael Carvalho da Silva. IV. Universidade de Vassouras. V.
Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Súmario

Homenagem.....	5
Agradecimentos	6
Prefácio.....	7
Apresentação	9
Altinha, Futevôlei, Chinlone E Sepak Takraw: Análise Das Aproximações E Distanciamentos Entre As Práticas Esportivas	10
Pedro Gomes Waismarck Amorim, Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari, Rafael Carvalho da Silva Mocarzel, Alexandre Palma de Oliveira	
Futebol Para Pessoas Com Deficiência Visual	30
Mariana Simões Pimentel Gomes, Thálita Gonçalves Santos, Mariana de Carvalho	
Walking Football: Uma Possibilidade De Prática Do Futebol Para A População 60+	43
Júlia Barreira, Manuella de Oliveira Mota Fernandes, Ricardo Leme, Mariana Simões Pimentel Gomes	
Os Impactos Do Futebol De Mesa (Botão) No Desenvolvimento Psicomotor, Cognitivo E Afetivo De Seus Praticantes	57
Heraldo Simões Ferreira, George Almeida Lima	
Do “Embaçar” Ao Jogar Futebol: A Conquista De Espaços Pela Mulher Asurini Do Trocará	66
Jairson Monteiro Rodrigues Viana, Maria Sarmiento Pereira	

O Etnofutebol Indígena Do Povo Gavião Kyikatejê Do Pará: Aproximações Psicossocial, Etnopsicológica E Etnoesportiva..... 85

Fabio José Cardias-Gomes, Everson Carlos da Silva

HOMENAGEM

Homenagem póstuma (in memoriam) a Renato Alvarenga.

No início de fevereiro de 2023 não só o Brasil, mas o mundo perdeu um grande nome da educação, da saúde e da educação física. Meu querido amigo e professor Renato Alvarenga retornou a Deus.

Eu tive a graça de ter convivido com esse cavaleiro de ouro da fisiologia e treinamento desportivo de renome internacional e posso afirmar que sua imensa competência só não era maior que sua humildade inigualável. Um homem MUITO simples, de fala mansa, humilde até demais, apaixonado pelo ensino e sempre disposto a ajudar!

Durante a pandemia aceitou fazer uma live comigo e falou abertamente que, ao estudarmos, todos nós deveríamos retomar os estudos sobre a filosofia mesmo que minimamente, pois é de lá que saem todas as ciências. Isso só demonstrou como ele era um profissional humilde e sensato, que não concordava com separatismos dentro da educação.

Perde o Mundo, ganham os Céus...

Morre um homem, nasce uma lenda...

Obrigado por tudo, eterno Mestre!

Rafael Mocarzel

AGRADECIMENTOS

Esta obra contou com ajuda de muitos profissionais que se esforçam para manter viva a chama da saúde e educação através do estudo e prática do esporte junto à população. A todos eles, agradecemos humildemente a nobre parceria.

Agradecemos ainda aos apoiadores internos da Universidade de Vassouras, mais especificamente aos respectivos Coordenadores do curso de Educação Física dos campi Vassouras, Maricá e Saquarema, Paulo Caminha, Sávio Luís Oliveira da Silva e Carlos Eduardo das Neves.

Não obstante, nossa gratidão à Coordenadora de Pesquisa e Extensão do campus Maricá Michele Teixeira Serdeiro sempre sendo motivadora e atenciosa, à Pró-Reitora de Saúde Denize Duarte Celento e ao Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica Carlos Eduardo Cardoso e claro, à toda equipe da Editora da Universidade de Vassouras.

Por fim, agradecemos aos incentivos e apoios da Universidade de Vassouras para a produção desta pesquisa e organização e confecção desta obra acadêmica através do apoio em forma de projeto de pesquisa.

PREFÁCIO

É com grande satisfação que recebi o convite para fazer o prefácio dessa coletânea que fala da paixão nacional e suas dimensões.

Desde a sua criação, o futebol tem se tornado um espaço de lazer, de socialização, de gestão, de profissão, além de tantas outras vertentes, não deixando de ser um espaço profícuo de pesquisa. As obras aqui contempladas fazem uma “viagem” neste universo tão extenso.

Dentre os vários pontos abordados me chamou a atenção alguns tópicos, como a relação entre as capacidades condicionais e coordenativas no futsal que é essencial para entender a dinâmica desse esporte. Também é igualmente crucial compreender que o futebol e seus derivados como componente curricular nas escolas, tem sua relevância social transcendendo os limites das linhas que demarcam o campo de jogo. O futebol e suas derivações são espaços ricos em promover valores como trabalho em equipe, respeito e superação de desafios, tornando-se uma ferramenta educacional poderosa, e tudo isso podemos contemplar nesta coletânea.

Outro ponto que foi analisado na coleção descreve sobre as desigualdades de gênero e raça entre os treinadores na Copa do Mundo masculina e feminina, e nos confrontam com uma realidade preocupante, já que a representatividade do futebol é fundamental para inspirar futuras gerações.

Me chamou também a atenção o artigo sobre a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, que foi marcada por polêmicas que ecoaram por todo o mundo. Desde questões relacionadas aos direitos humanos até preocupações com o clima, sustentabilidade e corrupção, este torneio se tornou uma plataforma para debates sobre essas variedades de questões globais. Argumentar sobre essas polêmicas é essencial para promover mudanças significativas no cenário esportivo internacional.

No contexto escolar, a educação física desempenha um papel fundamental na formação dos alunos, seja através da prática esportiva ou do desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas. A docência nessa área demanda um constante aprendizado e reflexão sobre as práticas pedagógicas, visando uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

A discussão do futebol para pessoas com deficiência visual, evidenciou a importância desse esporte para aqueles que tinham pouco espaço nessa modalidade, o artigo ora apresentado, faz com qualidade um resgate histórico desta modalidade que oportunizou os deficientes visuais na prática do tão amado futebol dando um passo crucial rumo à inclusão e à igualdade de oportunidades no cenário esportivo.

Cada um dos artigos aborda aspectos importantes e relevantes sobre o futebol e suas diversas dimensões. Reconheço a qualidade do trabalho apresentado e recomendo a leitura para aqueles que se interessam pelo esporte, seja como praticantes, espectadores ou estudiosos. A diversidade de temas abordados certamente enriquece o conhecimento e promove

reflexões essenciais sobre o papel do futebol na sociedade e em nossas vidas.

Prof. Dr. Rogério Melo
Presidente do Conselho Regional de Educação Física da 1ª Região

APRESENTAÇÃO

Apresento, com um enorme sentimento de satisfação, a coletânea “Universo do Futebol”, dado que organizar uma obra desta natureza, num país como o Brasil, com duzentos e três milhões de potenciais treinadores, é um desafio no que tange o paradoxo: ciência versus senso comum. Assim, como o título da obra sugere, a coletânea é composta por seis livros organizados, contemplando a imaginação epistemológica de pesquisadores brasileiros, portugueses e estadunidenses.

Temas como os Aspectos biológicos no futebol, Futebol na escola, Discussões de gênero no futebol, Ciências humanas e futebol, Nutrição e futebol, tal e qual a abordagem do Futebol e suas variações ao redor do mundo, engendram o mote da obra em relevo. Portanto, cada um a seu modo e dentro de suas perspectivas, procuram apresentar o Futebol, como fenômeno social múltiplo e polissêmico, acarretando numa viagem teórico-científica, que tenciona oferecer ao leitor uma visão mais rigorosa do esporte mais popular do mundo.

Desta forma, o conjunto de obras, numa compreensão inovadora, sustentável, foi publicada em formato ebook, disponibilizada gratuitamente para o público leitor graças à confiança e portas abertas da Universidade de Vassouras, instituição mantida pela Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE). Nesse nexos, o suporte em formato de incentivos via projeto de pesquisa, na pessoa do Magnífico Reitor, deve ser exaltado, pois o fomento proporcionou uma tranquilidade financeira não comum no meio acadêmico hodierno. Gratidão eterna!

Carlos Ferrari

ALTINHA, FUTEVÔLEI, CHINLONE E SEPAK TAKRAW: ANÁLISE DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Pedro Gomes Waismarck Amorim
Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari
Rafael Carvalho da Silva Mocarzel
Alexandre Palma de Oliveira

Introdução

O futebol é o esporte mais popular no Brasil e no mundo (Alcântara, 2006). Em consequência de sua popularidade, ele apresenta diversas vertentes que são praticadas mundo afora com objetivos distintos. Tais variações podem ser vistas em pontos extremos do mundo com alguma semelhança, contudo apresentando significativas diferenças socioculturais consoante a modalidade e o local em que é praticada. No âmbito nacional, encontramos a existência de diversas práticas esportivas oriundas do tradicional futebol inglês, como o já consolidado futsal e futevôlei, além da altinha de forma não profissional (Voser, 2001; Alves, 2015).

A altinha, surgida nas areias cariocas na década de 1960 como uma mistura de esporte e lazer, foi recentemente declarada como patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro (Letieri, 2021). Esta modalidade se trata de um jogo cooperativo, com a participação de pelo menos 2 pessoas, cujo objetivo é o passe de bola entre os integrantes, mantendo-se a bola sem tocar no chão e sem o uso das mãos (Letieri, 2021).

O futevôlei, modalidade também oriunda das praias do Rio de Janeiro, na década de 60, apresenta ampla popularidade em território brasileiro, ganhando notoriedade em âmbito internacional (Letieri, 2020). Em um jogo com dinâmica parecida com a do vôlei de praia, porém não sendo permitido o uso das mãos, o esporte já se encontra mais avançado em relação à altinha em relação à profissionalização da modalidade (Letieri, 2020).

No continente asiático, práticas esportivas seculares, como chinlone em Mianmar e sepak takraw na Tailândia, destacam-se como as modalidades esportivas legitimadas e fortemente popularizadas que apresentam semelhanças intrínsecas com o Futebol tradicional e, em especial, com a altinha e o futevôlei respectivamente (Aung-Thwin, 2020).

Traz-se aqui a reflexão comparativa entre a altinha, o futevôlei, o chinlone e o *sepak takraw*, ambos com objetivos e práticas bem semelhantes, porém com um grande distanciamento entre a criação e prática de ambos. O objetivo deste estudo é, portanto, analisar e refletir a respeito das aproximações e distanciamentos entre a prática da altinha, do futevôlei, do

chinlone e do sepak takraw no âmbito histórico, temporal, geográfico, sociocultural e esportivo. Devido à escassez de trabalhos científicos na literatura que abordem a temática, este trabalho visa preencher esta lacuna através da contextualização destas práticas esportivas em idioma lusofônico.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa (Triviños, 1987), do tipo explicativa, pois busca “[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno; ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2002, p. 42). Fez-se uso do método de revisão narrativa da literatura (Alves-Mazzotti, 2012), através de busca bibliográfica e documental nas principais bases de dados da literatura científica, como Scielo, Pubmed e Google Acadêmico, além de revistas eletrônicas e sites esportivos.

Os principais descritores utilizados foram: “Esporte e cultura”, “História do esporte”, “Esportes regionais”, “Esportes asiáticos” e “Futebol”. Foram incluídos artigos, livros, dissertações, teses, revistas e reportagens que discorrem sobre a prática da altinha, do futevôlei, do chinlone, do sepak takaw ou de aspectos sociológicos do esporte. Tais práticas esportivas estão aqui contextualizadas e analisadas, iniciando-se com as de origem brasileira e em seguida as de origem asiática, respeitando a ordem alfabética dentro de cada categoria.

Fundamentação teórica

Altinha: aspecto histórico e sociocultural

A altinha é uma prática corporal com bola, de característica cooperativa, que surgiu na década de 1960 nas praias da zona Sul da cidade do Rio de Janeiro como uma forma de lazer (Letieri, 2021). O objetivo do jogo, realizado em duplas ou grupos na beira da água, é a troca de passes e a manutenção da bola no alto, utilizando-se do pé e outras partes do corpo (pernas, ombro, peito e cabeça), à exceção das mãos, o que requer determinado nível de destreza (Duarte et al, 2022). Desta forma, apesar do uso rotineiro dos termos ataque, para designar o toque em que a bola é rebatida com mais força para o integrante à sua frente, e defesa, quando ocorre a recepção deste ataque, os jogadores devem ter como premissa evitar jogadas que possam dificultar a ação de um de seus companheiros (Letieri, 2021).

Somente na década de 1990 começaram a ser estabelecidas as regras do jogo, acrescentando-se manobras oriundas do futebol, e mais recentemente sua popularidade fez com que esta prática fosse espalhada por diversas partes do país (Letieri, 2021). Apesar de ter sido criado e ser praticado principalmente na praia, a altinha atrai cada vez mais o público justamente

pela possibilidade de praticar em diversos espaços como no campo ou quadras de futebol (Tavares, 2021; Sperotto, 2022).

Independentemente de sua popularidade, a prática de altinha enfrentou obstáculos para chegar neste patamar. Em seu primeiro mandato como prefeito do município do Rio de Janeiro, em 2009, Eduardo Paes criou a Operação Choque de Ordem, visando a ordenação urbana da cidade. Dentre as diversas proibições estabelecidas pela medida, estava a proibição da prática de altinha, além de frescobol, na beira do mar de todas as praias cariocas entre às 8 horas da manhã e 17 horas. A determinação da Secretaria Especial de Ordenamento Público (SEOP), além de polêmica, já resultou em conflito em outubro de 2012 entre guardas municipais e praticantes de altinha, pela insubordinação destes às regras impostas pela prefeitura (Lyrio, 2018).

No ano de 2020, no entanto, a modalidade foi declarada como Patrimônio Cultural da Cidade do Rio de Janeiro através da lei n.º 6.711/2020, de autoria do vereador Felipe Michel e sancionada pelo então prefeito Marcelo Crivella. Dessa forma, o jogo passou a contar com o apoio do Poder Executivo, através de seus órgãos competentes, visando sua divulgação, valorização e realização de competições ou demonstrações.

Apesar de em sua criação ter sido um jogo essencialmente praticado pelo público masculino, esse cenário vem mudando ao longo dos anos. Cada vez sendo mais comum ver as mulheres participando da prática da modalidade de modo regular e com a existência até de escolinhas de altinha exclusivamente voltada para o público feminino, a consolidação de sua prática por este segmento da população foi dado através da criação da regra que dita a presença obrigatória de ao menos uma mulher por equipe (Letieri, 2021).



Imagem 1: Peladeiros de altinha lotaram a marolinha do Posto 10 da Praia de Ipanema (Moreto, 2020).



Imagem 2: Torneio de altinha na Arena de Esportes em Costazul (Pacheco, 2022).

Altinha: aspecto esportivo

Caracterizado por ser um jogo de cooperação entre os integrantes de cada equipe, as principais regras são: não utilizar as mãos para tocar a bola e manter a bola no ar, não permitindo que a mesma toque no chão (Lettieri, 2021). Nos campeonatos, os jogadores devem constituir uma equipe com 2 a 4 integrantes, sendo, ao menos, uma mulher. As ações implicam em realizar toques de bola entre si por cinco minutos para avaliação de jurados, que irão realizar a pontuação conforme as manobras realizadas pelos atletas e levando em consideração se houve toque da bola no chão durante a apresentação (Lettieri, 2021). Presente nas areias cariocas há muitas décadas, o jogo se tornou esporte a partir da definição de regras para realização de competições. Os campeonatos de altinha começaram a ser disputados por volta de 2017, porém suas regras, pontuações e forma de disputa variavam segundo a localidade. No fim de 2021, houve a criação da Liga Altinha Brasil, fundada por Paulo Ricart, a fim de promover a organização de competições pelo Brasil e conseqüentemente acelerar sua profissionalização (Duarte et al., 2022).

As principais regras e pontuação de manobras estão resumidas e descritas nos **Quadros 1 e 2**, respectivamente.

Quadro 1. Regras nos campeonatos de altinha

Item	Regra
Tempo de apresentação	5 minutos
Número de participantes	4 por equipe (com no mínimo uma mulher)
Pontuação	De acordo com as manobras realizadas
Número de jurados	Entre 3 e 4
Queda de bola	Equipe penalizada em 5 pontos a cada queda

Fonte: Letieri (2021).

Quadro 2. Pontuação de manobras nos campeonatos

Manobras	Pontuação
Salto com corte de cabeça	10 pontos
Shark attack	12 pontos
Voleio	15 pontos
Escorpião	15 pontos
Bicicleta	15 pontos
Bicicleta de letra	17 pontos
Vôo da águia	17 pontos
Cambalhota	17 pontos
Manobras autorais	Até 20 pontos

Fonte: Letieri (2021) e Duarte et al. (2022).



Imagem 3: Salto com corte de cabeça (Barreira, 2013).



Imagem 4: Shark attack na altinha (Moreto, 2020).



Imagem 5: Demonstração da manobra denominada escorpião (Futebol, 2023).



Imagem 6: Execução da manobra bicicleta registrada no livro Arpoador (Mendes, 2014).



Imagem 7: Demonstração do voo da águia, criado pelo atleta de futevôlei Anderson “Águia”, que também pode ser executado na altinha (Redação, 2021).

Futevôlei: aspecto histórico e sociocultural

O início da prática de futevôlei se deu no ano de 1962 nas areias das praias do Rio de Janeiro, mais especificamente na famosa praia de Copacabana, em frente à rua Bolívar. Sob regime da ditadura militar, presente à época no país, e a conseqüente proibição da prática de futebol em determinados horários sob vigilância policial, os jogadores buscaram uma solução para poder continuar a praticar esportes na praia (Morais, 2009; Freire, 2023). Utilizando-se das traves de futebol sem a rede e riscando a areia com os pés a fim de estabelecer o limite em ambos os lados da trave, de modo que o resultado fosse algo semelhante a uma quadra de vôlei, o pontapé para a prática e consolidação do esporte havia sido dado. Inicialmente denominado de “pévôlei” e posteriormente batizado de futevôlei, a prática teve suas regras modificadas e adaptadas ao longo do tempo. (Morais, 2009; Freire, 2023). Em um primeiro momento, o jogo era disputado com seis jogadores em cada equipe de forma semelhante ao vôlei, visando fazer com que a bola toque o chão da equipe adversária dentro da área demarcada. O saque, até então, era realizado com as mãos e os jogadores podiam realizar os toques na bola com os pés e com a cabeça. Posteriormente, ao perceber que a bola demorava muito para cair, o jogo passou a ser realizado com equipes compostas por duplas. A regra do saque, por exemplo, também passou por modificação, a partir da qual determinou que este deve ser realizado com a bola parada no chão, sendo permitido apoiar a mesma sobre um montinho de areia (Morais, 2009).

Destaque deve ser dado também a vários jogadores de futebol profissional das décadas de 1980 e 1990, como Romário, Edmundo e Renato Gaúcho, que auxiliaram na promoção e consolidação da modalidade praticando-a nas areias cariocas e, conseqüentemente, promovendo sua maior visibilidade (Freire, 2023; Mello, 1996).

O primeiro passo para organização da modalidade se deu através da criação das primeiras associações e federações estaduais na década de 1990. Somente em 1998, com a constituição da Confederação Brasileira de Futevôlei (CBFv) na cidade de Goiânia, deu-se início à realização dos primeiros campeonatos brasileiros do esporte (Morais, 2009). A fundação da Federação Paulista de Futevôlei (FPFv), ocorrida em 2009, também auxiliou na promoção, incentivo e aprimoramento do esporte através da coordenação, administração, normatização e apoio de sua prática. Desde sua criação, são realizadas etapas do Campeonato Paulista de Futevôlei sob organização da FPFv, na categoria amador e profissional, além de ser responsável pela formatação do Campeonato Paulista Interclubes de Futevôlei (Federação Paulista de Futevôlei, 2022).



Imagem 8: Campeonato de futevôlei (Lacerda, 2016).

Futevôlei: aspecto esportivo

Dentre os equipamentos necessários para a prática do futevôlei, destacam-se: a linha de marcação da quadra (fitas de poliéster com dimensão de 9x18 metros, largura de 6 centímetros e fixadores de ferro); a rede desmontável (composta por malha de polipropileno com dimensões de 1 metro de largura por 9,5 metros de comprimento e com a presença de faixas de 6 centímetros de largura na borda inferior e superior); e a bola (feita em tecido sintético de toque macio, com peso variando entre 396 e 450 gramas e de circunferência entre 60 e 70 cm) (Marques, 2022). As principais regras encontram-se descritas no **Quadro 3**.

Quadro 3. Regras do futevôlei

Item	Regra
Toques na bola	Cada dupla deve realizar entre 1 a 3 toques na bola para passá-la para o lado da quadra da equipe adversária
Bola de primeira	É permitido realizar apenas um toque na bola para passar para o lado do adversário
Toques seguidos	O mesmo jogador não pode realizar dois toques seguidos na bola, sendo ponto da equipe adversária caso aconteça
Toque na rede	Não é permitido o toque na rede por nenhum jogador, sendo ponto da equipe adversária caso aconteça
Toque mútuo de 2 jogadores	Será considerado 2 toques e ponto para a equipe adversária caso os dois jogadores da mesma equipe toquem na bola simultaneamente

Item	Regra
Saque	O saque deverá ser realizado com o pé e com a bola parada em cima de um montinho de areia localizado externamente a linha de fundo quadra. O sacador não pode pisar na linha durante o saque, sob penalidade de pontuação para o adversário
Bola por fora da rede	Considerado ponto da equipe adversária
Bola no braço	Não é permitido, sendo ponto da dupla adversária. São permitidos toques com o pé, coxa, ombro, peito, tronco e cabeça.
Estrutura da quadra	Quadra: 18m x 9m Rede para jogos masculinos: 2,20m Rede para jogos femininos: 2,00m
Pontuação	Jogo de set único: 18 pontos Jogo melhor de 3 sets: 15 pontos cada A dupla teve atingir no mínimo dois pontos de diferença para vencer um set
Escolha de lado de quadra e saque inicial	A decisão ocorre através de sorteio a ser realizado antes do início da partida. A dupla que vencer o sorteio determina se quer começar sacando ou recebendo o saque ou escolher o lado de preferência para começar jogando. Caso escolha o lado, a outra dupla determina de quem será o saque inicial. Caso escolha a respeito do saque, a outra dupla determinará a respeito do lado de quadra.
Troca de lado de quadra	Deve ser realizada a mudança do lado da quadra a cada 6 pontos, em partidas de 18 pontos, e a cada 5 pontos, em partidas de 15 pontos.
Direito de saque	Após o saque inicial, a equipe vencedora do último ponto deverá realizar o saque.
Abandono da partida	Em caso de um ou dois jogadores de uma dupla abandonar a partida, independentemente do motivo e do placar, será atribuída vitória à equipe adversária.

Fonte: Adaptação de Letieri (2020) e Regras (2023).

Nos campeonatos, apenas as duplas femininas e masculinas são consideradas e, consequentemente, pontuam no ranking internacional. Apesar disto, há a presença de categorias em torneios para duplas mistas compostas por um homem e uma mulher (Letieri, 2020). Entre os principais fundamentos da modalidade destacam-se o saque, a recepção, o levantamento,

o ataque e a defesa. O saque consiste no pontapé inicial de cada ponto disputado, devendo ser realizado com a bola estática apoiada num monte de areia. A partir do saque da equipe adversária, um dos jogadores da dupla deve realizar a recepção da bola, tocando-a para que seu companheiro de equipe possa realizar o levantamento da bola de forma próxima à rede para que o ataque seja realizado nas melhores condições possíveis.

A forma mais comum de atacar no futevôlei é com a cabeça, podendo ser realizada em diversas variações. A forma menos comum, mas cada vez mais praticada em campeonatos, é o shark attack, que na tradução significa ataque de tubarão (movimento criado pelo ex-atleta Léo “Tubarão”) (Letieri, 2020).

Quadro 4. Principais tipos de ataque no futevôlei

Ataque	Descrição
Shark attack	Rebatida com o pé acima da rede
Cabeçada curta (pingada)	Toque sutil para que a bola caia rente à rede da equipe adversária
Cabeçada longa	Toque mais forte para que a bola caia no fundo da quadra adversária
Cabeçada forte	Rebatida forte para baixo a fim de aumentar a velocidade da bola
Cabeçada na diagonal	Toque com a parte lateral da cabeça para que a bola caia na diagonal da quadra adversária
Cabeçada na paralela	Toque para que a bola caia na paralela à linha de marcação

Fonte: Regras, 2023.



Imagem 9: Shark attack no futevôlei (Loos, 2011).



Imagem 10: Presença feminina tem aumentado nas rodas de altinha (Lopes, 2018).

Chinlone

Considerado o esporte nacional de Mianmar, o chinlone é uma derivação dos jogos de chutes asiáticos no qual os participantes devem manter no ar uma leve bola esférica de 50 centímetros de circunferência, feita a partir de tecido de fibra de palmeira, enquanto realizam manobras estilizadas utilizando somente seus pés e pernas para tal. Essencialmente de caráter colaborativo, os atletas formam um círculo entre si para realizarem os passes da bola e as manobras sem deixá-la cair, podendo ser jogado por até seis integrantes (Aung-Thwin, 2020).

Registros históricos indicam que a prática do chinlone no continente asiático é datada por volta do século XIII, tendo começado como um jogo de rua. Sua transformação em um esporte oficial ocorreu na década de 1950 por meio de um processo denominado “esportificação”, na tradução literal, no qual um jogo é definido, padronizado, medido e difundido com a inclusão de um elemento competitivo. Dessa forma, o chinlone foi reconhecido e regulamentado através da determinação de regras, padronização de quadras e estabelecimento de um sistema de pontuação baseado na execução bem-sucedida de movimentos estilizados nas competições, de modo semelhante a modalidades esportivas como ginástica e esportes de salto (Aung-Thwin, 2020).

A oficialização do esporte se encontra intimamente relacionada com o processo de independência de Mianmar do colonialismo britânico, ocorrida em 1948. Sua transformação em esporte nacional foi parte de um programa maior que apresentou como objetivo a construção, codificação e conservação de uma identidade nacional de Myanmar (Aung-Thwin, 2016). O chinlone foi utilizado neste processo como um meio de resgate a noções coloniais de saúde, gênero e educação, a fim de se criar um produto cultural que pudesse ser associado com a nova nação independente, à medida que se caracteriza como uma atividade física essencialmente local com componentes modernos de definição de esporte (Aung-Thwin, 2020).



Imagem 11: Bola de chinlone (Lambert, 2023).



Imagem 12: Prática de chinlone na rua (Edmunds, 2023).



Imagem 13: Campeonato de chinlone (Bermudez, 2017).

Sepak takraw

O sepak takraw, assim como o chinlone, caracteriza-se por ser uma variante dos jogos de chute asiáticos, em especial o sepak raga, podendo o termo “sepak” ser traduzido como “chutar”. A modalidade é praticada em diversos países da Ásia desde o século XII, porém com origem exata ainda indeterminada. Esta modalidade esportiva, fortemente popular e praticada na Tailândia, adaptou-se através da incorporação de uma rede e um sistema de pontuação similar ao voleibol (Aung-Thwin, 2020). O esporte consiste em dois times, com três jogadores cada, dispostos em lados opostos da quadra, com objetivo de chutar a bola, denominada rattan (feita a partir de fibra de palmeira) acima da rede a fim de que esta toque o chão da equipe adversária dentro das linhas demarcadas para ser computada a pontuação (Maselena, 2016).

Conforme o Ministério da Cultura, Comunidade e Juventude de Singapura (2023), o jogo de origem indígena foi organizado no ano de 1931, na Tailândia, porém somente foi incluído como esporte dos Jogos do Sudeste Peninsular Asiáticos em 1965, mesmo ano em que foi estabelecida a Federação Asiática de Sepak Takraw. Com a criação de associações nacionais de sepak takraw, tais como a da Indonésia (1971), da Tailândia (1983) e das Filipinas (1984), o Conselho do Comitê Olímpico Asiático incluiu o sepak takraw nos Jogos Asiáticos em decorrência do seu desenvolvimento e crescente popularidade (Lim, 2023). Atualmente, a prática da modalidade não se restringe mais ao Sudeste Asiático, estando presente também em países como Japão, Índia e Coreia, que já apresentam seleções nacionais para a disputa de competições internacionais (Lim, 2023).

Imagem 14: Bola de sepak takraw (Rose, 2016).



Imagem 15: Prática de sepak takraw na rua (Thu, 2015).



Imagem 16: Campeonato de sepak takraw durante os Jogos Asiáticos, em 2010, na China (McDonald, 2010).



Discussão

Partindo da análise entre as práticas de origem brasileira entre si, a altinha e o futevôlei, verifica-se que estas apresentam similaridade histórica e geográfica entre suas criações, tendo ambas ocorrido na década de 1960 nas praias da cidade do Rio de Janeiro (Morais, 2009; Letieri, 2021). Apesar das práticas distinguirem-se entre si a partir de seus diferentes objetivos, dinâmica de jogo, método de pontuação, número de jogadores e situação no processo de transformação em esporte oficial, por exemplo, estas possuem íntima relação sociocultural à medida que geralmente são praticadas no mesmo ambiente pelo mesmo nicho social

(Sperotto, 2022).

Possuindo claro distanciamento histórico-temporal e geográfico, a altinha e o chinlone caracterizam-se por serem práticas com objetivos semelhantes entre si. Ambas apresentam como intuito a manutenção da bola no ar enquanto são realizadas manobras, que necessitam de grande habilidade específica, além do próprio sistema de pontuação baseado na realização de manobras, presente em competições, e a não determinação de um número fixo de participantes (Aung-Thwin, 2020; Duarte et al., 2022).

Em relação às aproximações existentes entre as modalidades futevôlei e sepak takraw, destaca-se aqui, além do sistema de pontuação similar ao utilizado no voleibol, o objetivo de fazer com que a bola toque no chão da quadra da equipe adversária (Maselena, 2016; Letieri, 2020).

Analisando-se ainda as modalidades de origem asiática entre si, o chinlone e o sepak takraw, fica nítido que estas possuem não somente proximidade geográfica entre os principais locais de sua prática, Mianmar e Tailândia, respectivamente, como também compartilham de suas raízes históricas. Ambas são práticas seculares derivadas dos jogos de chute asiáticos, tendo cada um evoluído de forma independente uma da outra conforme o país em que é praticada (Aung-Thwin, 2016; Aung-Thwin, 2020; Lim, 2023). Em termos de dinamicidade do esporte e suas regras, seus distanciamentos são comparativamente proporcionais aos distanciamentos encontrados entre a prática da altinha e do futevôlei.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que apesar do grande distanciamento temporal e geográfico entre suas criações e práticas, além de relevância sociocultural, cada prática apresenta aproximações e distanciamentos distintos quando comparada com as demais.

Este presente estudo abre, ainda, porta para pesquisas que abordem e reflitam a respeito das aproximações e distanciamentos entre a prática de outras modalidades esportivas asiáticas e brasileiras, assim como práticas oriundas do futebol. Nessa guisa, recomendam-se mais estudos sobre o assunto, principalmente com o uso do idioma português, enriquecendo assim o universo acadêmico e desportivo lusófono.

Referências

ALCÂNTARA, Hélio. A magia do futebol. **Estudos avançados**, v. 20, p. 297-313, 2006.

ALVES, Aline Teixeira; OLIVEIRA, Daniela Moraes de; VALENÇA, Juliana Guimarães Sousa; MACEDO, Odair Gomes de; MATHEUS, João Paulo Chierogato. Lesões em atletas de futevôlei. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 185-190, 2015.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2012.

AUNG-THWIN, Maitrii. Towards a national culture: chinlone and the construction of sport in post-colonial Myanmar. In: **Modern Sports in Asia**. Routledge, 2016. p. 19-30.

AUNG-THWIN, Maitrii. Chinlone: National sport of Myanmar. In: **The Routledge Handbook of Sport in Asia**. Routledge, 2020. p. 96-103.

BARREIRA, Gabriel. **Banhistas jogam altinha na Praia de Ipanema**. 2013. 1 fotografia. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/11/banhistas-aproveitam-dia-de-sol-e-calor-nas-praias-do-rio.html>. Acesso em: 17 nov. 2023.

BERMUDEZ, Marianne. Rhemwil Catana of Philippines. during the Chinlone event at the 2017 SEA Games in Kuala Lumpur where Chinlone team won the 1st silver for the country. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://sports.inquirer.net/260900/sea-games-2017-coordination-cohesion-getting-know-chinlone>. Acesso em: 19 nov. 2023.

DUARTE, Karin; BARONE, Marcelo; SCHMIDT, Tébaro. Altinha ganha liga nacional e até lobby para virar esporte olímpico. Outros Esportes – **Globo.com**, Rio de Janeiro, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/outros-esportes/noticia/2022/03/18/altinha-ganha-liga-nacional-e-ate-lobby-para- virar-esporte-olimpico.ghtml>

EDMUNDS, Scott. **Chinlone in Myanmar**. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://rove.me/to/myanmar-burma/chinlone>. Acesso em: 09 nov. 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEVÔLEI, 2022. Disponível em: <https://futevoleisp.com.br/sobre/>. Acesso em 11 nov. 2023.

FREIRE, Quintino Gomes. Futevôlei é um dos esportes mais populares do Rio de Janeiro. **Diário do Rio**, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://diariodorio.com/futevolei-e-um-dos-esportes-mais-populares-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

FUTEBOL praia altinha. Travel Studio. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://travelstudio.com.br/produto/aula-de-altinha/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACERDA, Cleyton. **Campeonato de Futevôlei aberto na pracinha do IPS**. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.nfnoticias.com.br/noticia-901/campeonato-de-futevolei-aberto-na-pracinha-do-ips>. Acesso em: 11 nov. 2023.

LAMBERT, Sue. **Miniature woven rattan ball bought at Scott Market, Yangon, 2.5 cm diameter**. 1 fotografia. 2023. Disponível em: <https://rove.me/to/myanmar-burma/chinlone>. Acesso em: 09 nov. 2023

LETIERI, Rebeca. Futevôlei: regras, benefícios e dicas de alimentação e suplementação. Eu atleta – **Globo.com**, Rio de Janeiro, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/eu-atleta/noticia/futevolei-regras-beneficios-e-dicas-de-alimentacao-e-suplementacao.ghtml>. Acesso em: 09 nov. 2023.

LETIERI, Rebeca. Altinha: regras e benefícios do esporte que é a cara do verão da pandemia. Eu atleta – **Globo.com**, Rio de Janeiro, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/eu-atleta/treinos/noticia/altinha-regras-e-beneficios-do-esporte-que-e-a-cara-do-verao.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2023.

LIM, Peng Han. From Sepak Raga to Sepak Takraw: The Introduction and Institutionalization of an Indigenous Game in Regional Multi-Sport Events, 1965–1990. **Asian Journal of Sport History & Culture**, v. 2, n. 1, p. 106-123, 2023.

LOOS, Lucas. **Mundial de Futevôlei 4x4 começa nesta quinta com presenças ilustres**. 2011. 1 fotografia. Disponível em: <https://ge.globo.com/outros-esportes/noticia/2011/03/mundial-de-futevolei-4-x-4-comeca-nesta-quinta-com-presencas-ilustres.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LOPES, Bárbara. **Presença feminina tem aumentado nas rodas de altinha. 2018. 1 fotografia**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/altinha-vira-mania-entre-as-meninas-22573206>. Acesso em: 16 nov. 2023.

LYRIO, Bianca. **Microterritorialidades na praia de Ipanema/RJ: o exemplo dos praticantes de altinho**. 2018. Artigo (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. ISBN: 978-85-99907-08-5. Disponível em: http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1531330500_ARQUIVO_ArtigoENG2018.pdf. Acesso em: 12 jul. 2023.

MASELENO, Andino; HASAN, Md. Mahmud; MUSLIHUDIN, Muhammad; SUSILOWATI, Tri. Finding kicking range of sepak takraw game: Fuzzy logic and Dempster-Shafer theory approach. **Indonesian Journal of Electrica Engineering and Computer Science**, v. 2, n. 1, p. 187, 2016.

MARQUES, João Paulo. Futevôlei. **Todo Estudo**. Maringá, 2022. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/educacao-fisica/futevolei>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MCDONALD, Jamie. Wanwisa Jankaen of Thailand serves in the women's sepak takraw team final at the Haizhu Sports Center during day eight of the 16th Asian Games in Guangzhou, China. 2010. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/photo/2018/08/the-athletic-acrobatics-of-sepak-takraw/568396/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MENDES, Frederico. **Arpoador**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/a-beleza-do-arpoador-retratada-em-livro-13636813>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MORAIS, Otávio Sérgio de. A História do Futevôlei. **Federação Paulista de Futevôlei**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://futevoleisp.com.br/historia-do-futevolei>. Acesso em 11 nov. 2023.

MORETO, Guito. **Dezenas de peladeiros de altinha lotaram a marolinha do Posto 10 da Praia de Ipanema**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/altinha-agora-patrimonio-imaterial-da-cidade-24205684>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MORETO, Guito. Shark attack **na altinha**. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/altinha-agora-patrimonio-imaterial-da-cidade-24205684>. Acesso em: 06 nov. 2023.

NATIONAL HERITAGE BOARD, 2023. Ministry of Culture, Community and Youth. Singapore. 2023. Disponível em: <https://www.roots.gov.sg/en/ich-landing/ich/sepak-takraw>. Acesso em 17 nov. 2023.

PACHECO, Cláudio. **Torneio de altinha na Arena de Esportes em Costazul**. 2022.

1 fotografia. Disponível em: <https://www.riodasostras.rj.gov.br/rio-das-ostras-sedia-torneio-de-altinha-alta-world-cup/>. Acesso em: 09 nov. 2023.

RATOS de praia. Reportagem de Cícero Mello. Rio de Janeiro, 1996. 1 vídeo (4 min). Produzido pelo canal ESPN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bAocqN-50eA>. Acesso em: 15 nov. 2023.

REDAÇÃO. **Multicampeão Anderson Águia abrirá 2ª etapa do Torneio de Futevôlei Pantanal Open**. 2021. Disponível em: <https://www.acritica.net/editorias/esportes/multicampeao-anderson-aguia-abrira-2a-etapa-do-torneio-de-futevolei/507102/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

REGRAS do futevôlei. **Leegues**. 2023. Disponível em: <https://leegues.com/pt/futevolei/regras-futevolei/>. Acesso em: 08 nov. 2023.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 6.711, de 21 de janeiro de 2020**. Declara como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial da Cidade do Rio de Janeiro a modalidade esportiva denominado Altinho. Rio de Janeiro: Câmara Municipal, [2020]. Disponível em: https://www2.rio.rj.gov.br/conlegis/legis_consulta/60796Lei%206711_2020.pdf. Acesso em: 11 nov. 2023.

ROSE, Clive. Max Verstappen of the Netherlands plays the Malaysian sport sepak takraw at the IM4U Sentral in Puchong during previews for the Malaysia Formula One Grand Prix at Sepang Circuit in Kuala Lumpur, Malaysia. 2016. 1 fotografia. Disponível em: Fonte: <https://www.theatlantic.com/photo/2018/08/the-athletic-acrobatics-of-sepak-takraw/568396/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

SPEROTTO, Amanda. Altinha: esporte que vem conquistando o público. **SCC 10**, Santa Catarina, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://scc10.com.br/esporte/altinha-esporte-que-vem-conquistando-publico/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TAVARES, Marcelo Ribeiro; VAZ, Lilian Fessler; MATOS, Madalena Cunha. Copacabana e o vôlei: uma história de lazer e esportes na praia | Copacabana and volleyball: a history of leisure and sports in the beach. **Oculum Ensaios**, v. 18, p. 1-16, 2021.

THU, Ye Aung. Young men in Myanmar play sepak takraw, also known locally as chinlone, in Yangon. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/photo/2018/08/the-athletic-acrobatics-of-sepak-takraw/568396/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São

Paulo: Atlas, 1987.

VOSER, Rogerio da Cunha. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. Editora da ULBRA, 2001.

FUTEBOL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Mariana Simões Pimentel Gomes
Thálita Gonçalves Santos
Mariana de Carvalho

Introdução

Devido à popularidade do esporte Futebol muitas pessoas desenvolvem o interesse em sua participação, para pessoas com deficiência este interesse não se faz diferente. Podemos encontrar variedades na prática das modalidades do Futebol, jogadas por pessoas com deficiências. Dentre essas podemos citar o Futebol PC para pessoas com Paralisia Cerebral (antes denominado Futebol de 7), Futebol de Amputados para pessoas com amputação (antes denominado Futebol com muletas), Power soccer praticado por pessoas com deficiências severas em cadeira de rodas motorizada (também conhecido como Futebol sobre rodas), Futebol de Cegos praticado por pessoas cegas (até os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 denominado como Futebol de 5 - Football 5-a-side) e Futebol para Pessoas com Visão Parcial (em inglês Partially Sighted Football) destinado a pessoas com deficiências visuais com menor comprometimento,



porém agudas.

Figura 1. Futebol de PC. Fonte: Ande (2023). (<https://ande.org.br/modalidades-futebol-de-pc/>).



Figura 2. Futebol de Amputados. Fonte: Capela (2022). (<https://medium.com/@rafaelpassos1982/brasil-o-pa%C3%ADs-do-futebol-para-amputados-6fe73484bbe5>).



Figura 3. Power Soccer. Fonte: Almeida (2021). (<https://midianinja.org/news/futebol-em-cadeira-de-rodas-conheca-a-modalidade-que-esta-sendo-pleiteada-para-os-jogos-paralimpicos/>).



Figura 4. Futebol de Cegos. Fonte: Divulgação/Comitê Paralímpico Brasileiro (2014). (<https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/2014/11/futebol-de-5-brasil-encara-china-em-busca-do-primeiro-lugar-no-grupo.html>).



Figura 5. Futebol para Pessoas com Visão Parcial. Fonte: Futsal Focus (2020). (<https://www.blogpreston.co.uk/2020/03/captain-of-englands-blind-futsal-announces-retirement/>).

Dentre todas as modalidades do Futebol apresentadas, daremos destaque ao Futebol para pessoas com deficiência visual, que é uma modalidade destinada a pessoas cegas e com baixa visão, descreveremos com detalhes o Futebol de Cegos, visto que este, está inserido nas principais competições nacionais e internacionais do paradesporto e dos esportes paralímpicos.

Por muito tempo a composição do time de Futebol de cegos (cinco jogadores em quadra: quatro jogadores vendados e o goleiro com visão total ou parcial) deu origem a seu antigo nome (Futebol de 5), porém devido a ampliação e popularidade do paradesporto, foi necessário realizar alguns ajustes para melhor especificar a modalidade e seus praticantes, passando então a ser oficialmente denominado como Futebol de cegos. A IBSA (International Blind Sports Federation) é a instituição que governa este esporte.

Panorama histórico

O Futebol de cegos teve início em escolas para pessoas com deficiência visual (DV), porém, não se sabe ao certo o ano e o local em que as pessoas com DV iniciaram sua prática. Dentre as incertezas de sua criação ou prática, a única certeza é de que os objetos envolvidos na prática deveriam emitir sons e que as pessoas envolvidas deveriam comunicar-se em voz alta (Tosim et al., 2023).

As primeiras manifestações do que se tornaria o Futebol de cegos utilizavam tampas, latas de alumínio ou pedras inseridas em garrafas plásticas, objetos com emissão de sons (Tosim et al., 2023).

No Brasil, quatro principais institutos tiveram colaboração para o início do Futebol para pessoas com deficiência visual, como o Instituto São Rafael¹ em Belo Horizonte, o Instituto

¹ O Instituto São Rafael, em Belo Horizonte, foi inaugurado como Escola em 1926. A Escola chamou-se Instituto São Rafael até 1976, a partir daí, por decisão da Secretaria de Estado da Educação passou a chamar-se Escola Estadual São Rafael. Este é conhecido como um dos principais centros de referência em atendimento especializado a pessoas com vários tipos de deficiência visual na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Padre Chico² em São Paulo, o Instituto Santa Luzia³ em Porto Alegre e o Instituto Benjamin Constant⁴, no Rio de Janeiro (Tosim et al., 2023; IBSA, 2023; CBDV, 2023).

O jogo “gol a gol” é mencionado como uma atividade praticada por pessoas com deficiência visual, durante intervalos de aulas, no pátio de institutos especializados existentes (Freire, Conrado, 2014; Tosim et al., 2023). Utilizava-se bolas envoltas em saco plástico e o aviso verbal do oponente era realizado para autorização do chute (Tosim et al., 2023).

Os primeiros registros da prática mais estruturada ocorreram em meados de 1920, na Espanha, desta forma, o país é considerado pioneiro no esporte. No Brasil temos registros sobre o início da modalidade de forma mais organizada desde meados da década de 1960, com os primeiros Campeonatos Nacionais sendo realizados em 1974 (Tosim et al., 2023, IBSA, 2023, Morato, 2007).

Ainda sem uma entidade governante que unificava a prática, cada país a praticava de acordo com suas regras locais, com bolas, campos e superfícies de jogo variadas (Tosim et al., 2023). Com o crescimento da prática houve a realização de torneios internacionais amigáveis que buscavam estruturar e ampliar a prática desse paradesporto (IBSA, 2023).

Posteriormente, surgiram as bolas com guizos externos, compostas por uma bola de couro parcialmente murcha, com tampas de garrafa fixadas nos fios de arame inseridos e envolvidos no couro da bola. No entanto, os guizos externos ainda não permitiam que a bola rolasse em linha reta, prejudicando o desempenho dos atletas no jogo. A primeira bola com guizos internos no Brasil é de 1980 já apresentando estrutura semelhante à utilizada em demais países europeus (Tosim et al., 2023).

Em Natal no ano de 1978, aconteceu o primeiro campeonato de futebol com jogadores com deficiências visuais (Olimpíadas das APAEs), desta forma, frente a diferentes movimentos em prol dessa modalidade a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), reconheceu a importância da modalidade e promoveu o Campeonato Nacional em 1984, considerado a primeira Copa Brasil realizada em São Paulo (Tosim et al., 2023; CBDV, 2023).

Com a criação da Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC) o Futebol de cegos, passa a ter a sua própria associação que se responsabilizava em realizar os campeonatos nacionais, convocar atletas para a Seleção Brasileira e buscar recursos para as disputas de campeonatos internacionais (Tosim et al., 2023; CBDV, 2023).

2 O Instituto de Cegos Padre Chico foi criado em 1928, a partir de um apelo do Dr. José Pereira Gomes, médico oftalmologista para que se construísse uma escola para cegos em São Paulo.

3 O Instituto Santa Luzia foi fundado em 1941 por Dona Lydia Moschetti, inicialmente com o objetivo de acolher cegos no Rio Grande do Sul. Ao longo dos anos, passou por várias mudanças de denominação e foco. O Instituto Santa Luzia estabilizou-se com o ensino de Educação Infantil até o Ensino Médio, integrando alunos cegos com estudantes sem deficiência visual.

4 O Instituto Benjamin Constant, inicialmente conhecido como Imperial Instituto dos Meninos Cegos, inaugurado em 1854, teve origem como fruto de um trabalho realizado por José Álvares de Azevedo (nascido com deficiência visual congênita). Azevedo com 16 anos, sonhava em difundir o Sistema Braille no Brasil o qual teve contato ao estudar em uma instituição especializada em cegos em Paris.

Em 1986, aconteceu o 1º Campeonato Brasileiro realizado pela ABDC e o 1º Campeonato Espanhol da modalidade, o que levou o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) a reconhecer o evento espanhol como primeiro campeonato entre clubes da modalidade (Tosim et al., 2023; CBDV, 2023, Morato, 2007).

Durante um torneio realizado pela a Organização Nacional de Cegos da Espanha – ONCE no ano de 1988, com a participação de duas equipes espanholas e com as Seleções do Brasil, do Peru e de Portugal, foram discutidas as principais regras para a internacionalização da modalidade, ainda assim, não houve um consenso sobre as regras da modalidade a nível internacional (Tosim et al., 2023).

Apenas em 1994, a International Blind Sports Federation – IBSA) criou o subcomitê de futebol com a proposta de unificar as regras da modalidade (Tosim et al., 2023). Desta forma, o esporte é oficialmente regulamentado pela Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA) desde 1996 e é jogado de acordo com regras modificadas da FIFA (IPC, 2023; IBSA, 2023; CBDV, 2023).

Após 1997 com um conjunto de regras estabelecido, os Campeonatos Regionais e Mundiais passaram a ser realizados regularmente.

Classificação médica esportiva

A classificação é um processo de avaliação conduzido por profissionais especializados chamados de classificadores, que realizam uma análise detalhada para identificar e assegurar que os atletas possuam a deficiência visual mínima necessária para tornarem-se elegíveis na prática do paradesporto. Se possuírem a deficiência elegível, serão então agrupados em uma das três classes esportivas existentes para pessoas com deficiência visual (Mann; Ravensbergen, 2018; IBSA, 2023; IPC, 2023, Winckler et al., 2023).

No Futebol de cegos os atletas são divididos em três classes que começam sempre com a letra B (blind, cego em inglês) (CPB, 2023). Desta forma, o futebol de cegos da IBSA é destinado a jogadores com deficiências visuais graves, conhecidos como atletas ‘B1’ (Mann; Ravensbergen, 2018; IBSA, 2023). O futebol parcialmente cego da IBSA é voltado para jogadores com deficiências visuais menos graves - embora ainda agudas - que são classificados como B2 e B3 (Mann; Ravensbergen, 2018; IBSA, 2023). O Futebol de cegos é a modalidade que faz parte do programa Paralímpico, no qual competem apenas os atletas da classe B1 (CPB, 2023). Vejamos detalhes sobre o agrupamento em questão:

- B1: Acuidade visual menor que LogMAR 2.6 (cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância) (Mann; Ravensbergen, 2018; Tosim et al. 2023; CPB, 2023).

- B2: Acuidade visual variando de LogMar 1,5 a 2,6 (inclusive) e/ ou campo visual

restrito a um diâmetro inferior a 10 graus (Atletas com percepção de vultos) (Mann; Ravensbergen, 2018; Tosim et al. 2023; CPB, 2023); e

•B3: Acuidade visual variando de LogMAR 1,4 a 1,0 (inclusive) e/ou campo visual restrito a um diâmetro inferior a 40 graus (Atletas com percepção de imagem) (Mann; Ravensbergen, 2018; Tosim et al., 2023; CPB, 2023).

Os classificadores são oftalmologistas e optometristas reconhecidos pela IBSA e Comitê Paralímpico Internacional (IPC). Uma equipe composta por, no mínimo, dois classificadores certificados realiza a avaliação de cada atleta, submetendo-os a testes físicos e visuais e avaliando evidências médicas (Mann; Ravensbergen, 2018; IBSA, 2023; IPC, 2023, Winckler et al., 2023). Cada sistema de classificação deve atender ao Código de Classificação de Atletas do IPC do paradesporto que esteja no programa Paralímpico (Mann; Ravensbergen, 2018; IBSA, 2023; IPC, 2023).

Os elementos-chave no código são que o sistema de classificação precisa ser baseado em evidências e específico para o esporte, desta forma, a IBSA vem sempre conduzindo pesquisas para garantir que cada um de seus esportes paralímpicos atenda os critérios do Código de classificação atualizado (Mann; Ravensbergen, 2018; IBSA, 2023).

Regras

O jogo ocorre em campo com dimensões de 20m por 40m, similar a uma quadra de futsal. A cobertura é feita de madeira, borracha sintética ou grama sintética. Nas laterais do campo, existem barreiras feitas de placas de madeira (bandas laterais) que impedem a bola ou os jogadores de saírem do espaço demarcado, contribuindo para maior tempo de bola em jogo. Normalmente, a quadra é instalada em ambientes fechados, proporcionando resguardo em situações adversas climáticas, como ventos intensos ou chuva, enquanto as dimensões do gol são de 3,66m x 2,14m.

Na **Figura 6**, é possível identificar a quadra, com as linhas demarcadas e as bandas laterais no campo.



Figura 6. Quadra de Futebol de Cegos no CPB. Fonte: Cabral (2023). (<https://www.cbdiv.org.br/sao-paulo-sera-sede-do-grand-prix-da-ibsa-de-futebol-de-cegos>).

A bola, de formato esférico, possui um peso variando entre 510 e 540 gramas, com circunferência situada entre 60cm e 62cm. Equipada com um guizo interno, seu sistema assegura a emissão de som ao girar em seu eixo ou no ar, facilitando a localização dos jogadores durante a partida. Por conta disso, é necessário silêncio durante o jogo e a torcida só pode se manifestar quando a bola estiver fora de jogo, seja em momento de gol, falta, linha de fundo, lateral, tempo técnico ou outra paralisação da partida.

Quanto aos atletas em campo, cada partida envolve duas equipes, compostas por cinco jogadores, sendo quatro na linha e um goleiro. O goleiro pode ter visão parcial (B2 ou B3) ou total. Os jogadores de linha devem ser completamente cegos e utilizam vendas para eliminar qualquer resquício de luminosidade que possa lhe colocar em situação de desigualdade, enquanto o goleiro não usa vendas, desempenhando também o papel de guia para os outros jogadores. As vendas oficiais de jogo podem ser observadas na **Figura 7**.



Figura 7. Jogadores paralímpicos de Futebol de Cegos em campo. Fonte: Cabral (2022). (<https://cpb.org.br/noticias/futebol-de-cegos-tera-mudancas-de-regras-a-partir-desta-temporada/>).

Além dos atletas atuantes dentro da quadra, cada equipe possui um Chamador, que fica atrás do gol adversário orientando aos atletas de sua equipe no ataque, este sinaliza possibilidades de jogadas, marcação adversária e orientação espacial do gol. A quadra é dividida em três terços de orientação (como demonstra a **Figura 8**), que determinam quem pode orientar os jogadores de acordo com seu posicionamento em quadra.

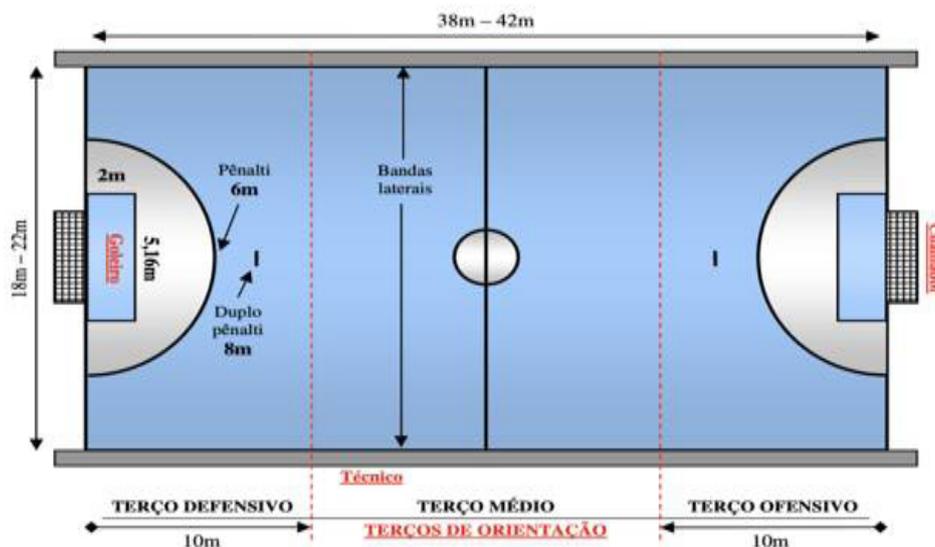


Figura 8. A quadra e os terços de orientação. Fonte: Morato (2007, pág. 67).

No terço defensivo o goleiro é o responsável, no terço médio o técnico pode dar as informações aos jogadores e no terço ofensivo o chamador tem essa função.

A partida é constituída por dois tempos de 15 minutos cronometrados e um intervalo de dez minutos. Cada equipe tem direito ao tempo técnico de um minuto de duração por etapa.

Em geral, as regras do Futebol de cegos são as mesmas que as do futsal convencional. Além destas e das listadas acima, sempre que os atletas estiverem se deslocando em direção a bola, eles são obrigados a falar a palavra espanhola “voy”, que significa “vou” em português, isto evita que ocorram choques entre os jogadores. Caso eles não digam “voy” ao se aproximarem da bola, uma falta poderá ser marcada contra a equipe.

Em relação às faltas, cada time pode cometer quatro faltas por período. A partir da quinta falta, a equipe adversária tem direito a um tiro livre da marca dos oito metros, sem barreira, em direção ao gol. Além disso, são permitidas seis substituições por tempo de jogo a cada equipe e se um atleta for expulso com cartão vermelho, este pode ser substituído por outro, caso o time não tenha excedido o limite de substituições e após dois minutos da expulsão. Além disso, se uma das equipes estiver com menos de três atletas em quadra, o jogo não pode continuar.

É importante ressaltar que as regras descritas acima estão de acordo com a IBSA (IBSA, 2022) e podem sofrer alteração de acordo com o nível do campeonato e dos atletas, como mudança no número de jogadores dentro de quadra, tempo de jogo e até mesmo a classificação funcional da visão.

O Futebol de Cegos pelo mundo

América

Na América do Sul, o primeiro torneio oficialmente reconhecido e organizado pela IBSA foi a Copa América de Assunção em 1997, com a participação de quatro seleções: Brasil, Argentina, Colômbia e Paraguai (CBDV, 2023). O Brasil conquistou a vitória da competição (IBSA, 2023; CBDV, 2023).

Copa América IBSA

1997 - Assunção (PAR)

2001 - Paulínia (BRA)

2003 - Bogotá (COL)

2009 - Buenos Aires (ARG)

2013 - Santa Fé (ARG)

2019 - São Paulo (BRA)

2022 - Córdoba (ARG)

Jogos Parapan-Americanos

2007 - Rio de Janeiro (BRA)

2011 - Guadalajara (MEX)

2015 - Toronto (CAN)

2019 - Lima (PER)

2022 - Santiago (CL)

Europa

Os primeiros Campeonatos Europeus de Futebol de cegos da IBSA e os Campeonatos Europeus de Futebol para parcialmente cegos da IBSA foram realizados em Barcelona, Espanha, em 1997. Os anfitriões se tornaram os primeiros campeões em ambos os torneios (IBSA, 2023).

As regras internacionalmente reconhecidas foram desenvolvidas antes dos primeiros grandes campeonatos internacionais. As duas disciplinas - Futebol de cegos para atletas B1 e Futebol parcialmente cego para jogadores B2 e B3, competem separadamente (IBSA, 2023).

Mundial

Os Campeonatos Mundiais ocorrem a cada quatro anos, entre os Jogos Paralímpicos. A Copa do Mundo de Futebol de cegos organizada pela IBSA foi criada em 1998, teve sua primeira edição realizada no Brasil no interior do estado de São Paulo. O Brasil conquistou a vitória nas competições de 1998 (BRA), 2000 (ESP), 2010 (ING), 2014 (JP) e 2018 (ESP). A Seleção Argentina conquistou os demais títulos.

Campeonato Mundial IBSA

- 1998 – Paulínia/Campinas (BRA)
- 2000 – Jerez de la frontera (ESP)
- 2002 – Rio de Janeiro (BRA)
- 2006 – Buenos Aires (AR)
- 2010 – Hereford (ING)
- 2014 – Tóquio (JP)
- 2018 – Madri (ESP)
- 2023 – Birmingham (IN)

Jogos Paralímpicos

Apenas a modalidade de Futebol de cegos faz parte desta competição, sua estreia nos Jogos Paralímpicos ocorreu na edição de Atenas em 2004, sendo disputado em todas as edições dos Jogos desde então. O Brasil conquistou a medalha de ouro em: Pequim 2008, Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020 (2021); e medalha de bronze em Paris 2024 (IPC, 2024; IBSA, 2023; CBDV, 2023; CPB, 2023). A medalha de ouro da edição para-límpica de Paris 2024 foi conquistada pela França.

Jogos Paralímpicos

- 2004 - Atenas (GRE)
- 2008 - Pequim (CHN)
- 2012 - Londres (ING)
- 2016 - Rio de Janeiro (BRA)
- 2020 - Tóquio (JP)

Em 2005, os Campeonatos Asiáticos de Futebol de cegos foram adicionados ao calendário em Ho Chi Minh, Vietnã. O Japão foi o vitorioso.

Em 2015, no Campeonato Africano de Futebol de cegos, Marrocos emergiu como vencedor em Douala, Camarões. Outras competições foram adicionadas ao calendário nos últimos anos, incluindo o World Grand Prix, que é realizado anualmente (IPC, 2023; IBSA, 2023; CBDV, 2023; CPB, 2023).

Participação feminina no Futebol de Cegos

O Futebol de cegos ainda é disputado majoritariamente por homens, assim como o futebol convencional, seja em âmbito nacional ou global. As mulheres já foram proibidas de praticarem o futebol no Brasil por mais de 40 anos, veto que começou em 1941, durante a ditadura militar. Na época, o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto-lei que tiraria o direito de

mulheres praticarem esportes que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza” e somente em 1983 as mulheres recuperaram este direito e até hoje lutam pelo seu lugar neste esporte (Westin, 2023).

Nos últimos anos, com o aumento da popularidade do futebol masculino em todo o mundo, houve um foco no desenvolvimento do futebol feminino para mulheres com deficiência visual. Em 2017, ocorreu um acampamento e torneio em Viena, Áustria, que reuniu 60 jogadoras de nove países. Uma segunda edição foi realizada em 2019, seguida pelo anúncio dos primeiros Campeonatos Mundiais. Eventos como tais, visam ampliar a participação feminina nesse paradesporto em diferentes âmbitos (IBSA, 2024).

Atualmente, a seleção brasileira é constituída apenas por jogadores homens. Algumas participações femininas no Brasil, entretanto, podem ser vistas em ocasiões específicas como em festivais ou mistas, como nas Paralimpíadas Escolares, que acontecem em fases regional e nacional. Neste evento especificamente, que reúne centenas de crianças com deficiência em idade escolar, a fim de promover o esporte paralímpico, o Futebol de cegos é adaptado para aumentar as possibilidades de jogo, divulgar o esporte e viabilizar a participação de mais pessoas, inclusive as meninas.

Referências

BLIND Football: Brazil wins the fifth American title in Santiago 2023. IBSA Sport, 2023. Disponível em: <<https://ibsasport.org/blind-football-brazil-wins-the-fifth-american-title-in-santiago-2023/>>. Acesso em: 3 dez 2023.

Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Disponível em: <https://cpb.org.br/modalidades/futebol-de-cegos/>. Acesso em: 15/12/2023.

Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Disponível em: <https://www.cbdv.org.br/modalidades/futebol-de-cegos>. Acesso em: 15/12/2023.

Escola Estadual São Rafael – Reportagem: “INSTITUTO SÃO RAFAEL”. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcjpcglclefindmkaj/http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2003/edicao-25-agosto/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2003_Entrevista.pdf> in http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2003/edicao-25-agosto/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2003_Entrevista.pdf. Acesso em: 15/12/2023.

FREIRE J., CONRADO M. História do Futebol de 5. In: Souza R.P., Campos L.F.C.C, Gorla J.I. Futebol de 5: Fundamentos e Diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu; 2014. p. 13–17.

International Blind Sports Federation (IBSA). Disponível em: <https://blindfootball.sport/about-football/history/>. Acesso em: 15/12/2023.

International Paralympic Committee (IPC). Disponível em: <https://www.paralympic.org/blind-football>. Acesso em: 15/12/2023.

MANN, RAVENSBERGEN. International Paralympic Committee (IPC) and International Blind Sports Federation (IBSA) Joint Position Stand on the Sport-Specific Classification of Athletes with Vision Impairment. *Sports Med* 48, 2011–2023 (2018). <https://doi.org/10.1007/s40279-018-0949-6>

MORATO, M. P. Futebol para cegos (Futebol de cinco) no Brasil: leitura do jogo e estratégias tático-técnicas. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Instituição Padre Chico. Disponível: <https://padrechico.org.br/sobre-a-instituicao/>. Acesso em: 15/12/2023.

IBSA Football Sport Committee. Blind Football Rulebook 2022-2025. Disponível em: <<https://blindfootball.sport/about-football/rules-and-downloads/>>. Acesso em: 5 dez 2023.

TOSIM, A. et al. Pedagogia do Paradesporto Modalidades coletivas para pessoas com deficiência visual In: Pedagogia do paradesporto / Ciro Winckler. -- Santos, SP: Ed. do Autor, 2023.

WESTIN, Ricardo. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediw-legalizacao#:~:text=Por%20mais%20de%2040%20anos,as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20sua%20natureza%E2%80%9D.>>. Acesso em: 3 dez 2023.

WALKING FOOTBALL: UMA POSSIBILIDADE DE PRÁTICA DO FUTEBOL PARA A POPULAÇÃO 60+

Júlia Barreira

Manuella de Oliveira Mota Fernandes

Ricardo Leme

Mariana Simões Pimentel Gomes

Introdução

O *Walking Football* (WF) tem recebido crescente atenção de praticantes, de profissionais de Educação Física que buscam promover um envelhecimento saudável e da literatura científica (PUERTO et al., 2021). O termo ainda não possui uma correspondência específica para o português, mas em uma tradução livre, significa futebol caminhando. A modalidade é uma adaptação do futebol tradicional para pessoas com mais de 60 anos com a regra de não poder correr durante o jogo, impossibilitando a execução de esforços de alta intensidade. Essa modalidade foi proposta com o objetivo de combater os elevados níveis de inatividade física entre a população idosa, favorecer a aderência e manutenção esportiva, e minimizar os riscos de lesões associados a ela.

Segundo Winnick e Porreta (2016), o esporte adaptado é definido como uma atividade física desenvolvida ou adaptada para atender às necessidades de indivíduos com deficiência ou condições físicas específicas, como a população idosa. O WF, portanto, por ser uma modalidade que adapta regras de um esporte convencional para atender uma população específica, se enquadra nesse universo.

A adaptação do futebol a esse público tem particular importância no contexto brasileiro uma vez que a modalidade é a mais praticada no país e está associada à identidade nacional (PNUD, 2017). Entretanto, mesmo frente à sua popularidade, a prática esportiva diminui ao longo da vida e é ampliada por marcadores identitários como gênero, raça e classe social (Figura 1). Nesse sentido, o WF busca promover o esporte para homens e mulheres com diferentes níveis de desempenho e condições socioeconômicas. Entre praticantes, se encontram pessoas que jogaram futebol ao longo da vida e buscam uma prática com menos contato e riscos de lesões, e também pessoas que não tiveram oportunidades de jogar e identificam nessa proposta a possibilidade do primeiro contato com o esporte.

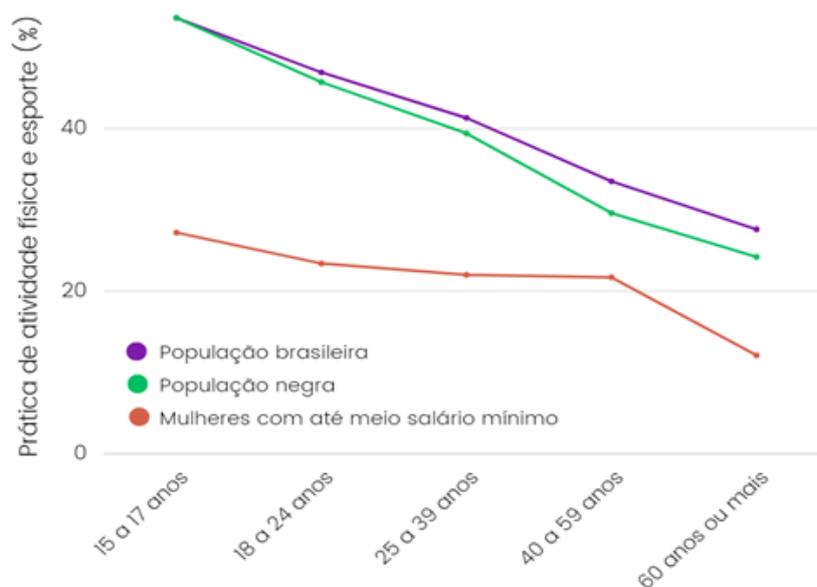


Figura 1: Prática de atividade física e esportiva pela população brasileira. Fonte: dados extraídos de PNUD (2017).

Existem pelo menos quatro motivos que justificam os benefícios do WF para essa população. O primeiro é a melhora da condição física geral e a prevenção de doenças cardiovasculares promovida pela prática esportiva (MURTAGH et al., 2010). O segundo corresponde às mudanças promovidas pela atividade muscular esquelética, como a redução da resistência à insulina, que pode contribuir para o controle da diabetes (KUMAR et al., 2019). O terceiro são as melhorias promovidas na capacidade funcional e mobilidade dessa população (FIELDING et al., 2017) e, por fim, se encontram as conexões sociais fortalecidas a partir das aulas realizadas em grupo (NIELSEN et al., 2014).

Mesmo frente a todo esse potencial, poucos estudos investigaram os benefícios promovidos pela prática regular da modalidade. No caso brasileiro, embora a modalidade esteja presente no país desde 2019, encontramos apenas um relato de experiência sobre a implementação do projeto de WF para idosos em São Borja (RS) (FERREIRA et al., 2022). Portanto, esse capítulo tem como objetivo apresentar características históricas, organizacionais e de promoção do *Walking Football*, além de realizar uma breve revisão de literatura apresentando as contribuições científicas até o momento e as lacunas a serem investigadas em estudos futuros. As informações apresentadas ao longo do texto são baseadas em dados disponíveis nos sites oficiais das entidades responsáveis pela promoção da modalidade, em estudos publicados em revistas científicas revisadas por pares e em uma entrevista semiestruturada realizada com o atual presidente da Walking Football Brasil, Ricardo Leme.

História

A prática do futebol pela população idosa é comumente denominada de futebol recreacional. Essa proposta reproduz as regras e a dinâmica do jogo formal, sendo disputada principalmente por jogadores veteranos. Para se manterem ativos na modalidade, praticantes enfrentam dois principais desafios: a falta de oportunidades de prática e o elevado risco de lesão frente à alta intensidade da partida (REDDY *et al.*, 2017). Nesse sentido, o WK é proposto para ser disseminado entre a população idosa, ampliando suas possibilidades de vivência e reduzindo os riscos associados a ela. O WF, diferente do futebol recreacional, conta com regras adaptadas e organizações próprias responsáveis pela sua promoção no Brasil e no mundo.

Os primeiros registros da prática do WF datam de 1932 entre *Derby Railway* e *Crewe Railway Veterans* no *Baseball Ground in Derby*, na Inglaterra (DUVIVIER *et al.* 2017). Todos os jogadores tinham mais de 65 anos e as partidas, que aconteciam anualmente, atraíam mais de 1500 espectadores (COREPAL *et al.*, 2020). Entretanto, o esporte desapareceu até julho de 2011 quando um clube comunitário, o *Chesterfield Football Club Community Trust*, lançou o primeiro programa de WF em Derbyshire, na Inglaterra (JENKIN, 2018). O esporte ganhou popularidade por volta de 2014 devido a uma campanha publicitária ao redor mundo, sendo atualmente praticado em mais de 16 países e por mais de 2 mil clubes (CARVALHO, 2023).

No Brasil, a modalidade passou a ser desenvolvida oficialmente pela *Walking Football Brasil* (WFB). Um dos seus fundadores, Raoni Biasucci, conheceu a modalidade em 2018 e se encantou pelo impacto positivo promovido à população inglesa⁵. Junto com mais quatro fundadores, Ricardo Leme, Daniel Castro, Lucas Almeida e George Xavier, se tornaram membros das organizações internacionais reguladoras do esporte para introduzir e promover a modalidade no país de forma oficial⁶. Para a sua introdução, foram necessários diversos estudos para compreender os melhores modelos internacionais e o contexto de longevidade no Brasil⁷. De acordo com Ricardo Leme:

“Antes de se institucionalizar fomos estudar um pouquinho mais sobre a heterogeneidade da população 60 mais, pensar os caminhos que essa organização adotaria, qual seria a inspiração dela, a forma de atuar, a missão e onde ela gostaria de chegar nos próximos anos (Ricardo Leme, Presidente da Walking Football Brasil).”

No seu processo de implementação, a modalidade teve como principal objetivo a transformação social e o desenvolvimento humano, criando pilares de diversidade e inclusão no âmbito do esporte para a vida. Diferente da sua consolidação em países europeus, onde prevalece o caráter competitivo, a proposta brasileira teve como foco o esporte de participação. Nessa proposta, pessoas com diferentes identidades de gêneros e idades praticam a modalidade de forma conjunta. Embora a competição se faça presente ao longo da prática, a cooperação e colaboração recebem maior destaque.

“A gente tinha uma preocupação talvez um pouco diferente de como é no restante do mundo (...) a gente dividiu o esporte em duas linhas de atuação no país né. A primeira linha de

5 Informações disponíveis em: <https://www.wfb.org.br/como-chegamos-ao-brasil>

6 Informações disponíveis em: <https://www.wfb.org.br/como-chegamos-ao-brasil>

7 Informações disponíveis em: <https://www.wfb.org.br/como-chegamos-ao-brasil>

atuação, que para nós é muito importante, muito necessária para o processo de inclusão, é o que a gente chama de esporte para a vida. Aqui eu tô olhando para um esporte que se inspira nas regras, obviamente, mas ele age de uma forma inclusiva. Ele mistura mulheres e homens jogando juntos. E esse caminho é o que a gente chama de esporte para a vida. Ele tem um olhar muito mais lúdico, ele tem um olhar que se inspira na longevidade como metodologia (Ricardo Leme, Presidente da Walking Football Brasil).”

A segunda linha de atuação é promoção do esporte com foco na competição. Nessa proposta, praticantes são organizados por categoria, gênero e faixa etária, acompanhando a regulação da WFB, e disputam campeonatos da modalidade. Entretanto, reconhecendo que o esporte competitivo tende a favorecer a participação de pessoas com mais habilidade esportiva e excluir aquelas que tiveram menos vivências ao longo da vida (GUBBY, 2019), Ricardo Leme reforça o comprometimento da instituição em primeiro promover uma prática diversa e inclusiva para, posteriormente, desenvolver o aspecto competitivo.

“Se eu não introduzisse primeiro o que eu chamo de esporte para a vida, talvez a gente fosse muito semelhante ao resto do mundo. Eu teria muitos times de Walking Football pelo Brasil e mais uma vez a gente introduziria um esporte no país deixando de lado muita gente, deixando de lado quem nunca jogou futebol, deixando de lado quem em algum momento foi segregado dentro do esporte (Ricardo Leme, Presidente da Walking Football Brasil).”

Entre esses grupos que historicamente enfrentaram desafios para participar do esporte, Ricardo Leme destaca sua preocupação com as mulheres. Reconhecendo que elas foram impedidas socialmente e legalmente de praticarem o esporte por décadas no país (GOEL-LNER, 2005), a organização destina esforços para oferecer um espaço seguro a elas.

“Hoje a gente tem 66% de mulheres praticando Walking Football no Brasil. Isto foi de propósito mesmo porque a mulher esteve proibida de jogar futebol até 1979. Por mais que isso pareça batido, a gente tem que repetir isso inúmeras vezes porque eu acho que historicamente a gente tem um compromisso de introduzir esse esporte, trazer a mulher para esse esporte e tornar esse esporte, de fato, inclusivo. (Ricardo Leme, Presidente da Walking Football Brasil).”

Esse caminho mais participativo foi possível a partir da construção de uma metodologia específica da WFB baseada nos princípios de envelhecimento ativo e equidade. A partir de cursos formativos, a organização também tem a responsabilidade de certificar profissionais para aplicarem a metodologia WF e difundirem a modalidade pelo país.

“Saúde, participação social, segurança e conhecimento ao longo da vida são pilares que sustentam o processo de um envelhecimento ativo. A gente bebeu desta fonte para compreender como essa dinâmica aconteceria na ponta. [Esse processo foi necessário] para que o esporte não fosse excludente, para que a gente trouxesse quem nunca jogou futebol e experimentasse jogar futebol e participasse junto com pessoas que já jogavam futebol. Quando a gente faz esse exercício, a gente criou uma metodologia para a organização e eu acho que isso nos difere do restante do mundo, quando a gente cria esta metodologia que é orgânica, viva, está sempre em andamento (Ricardo Leme, Presidente de Walking Football Brasil).”

Para fomentar a participação esportiva da população brasileira, a WFB conta com parcerias com diferentes agentes que atuam no sistema nacional de esporte e saúde. O seu maior meio de implementação está nos centros de Convivência da Pessoa Idosa e em outros espaços dedicados às pessoas com idade superior a 60 anos, gerando a possibilidade de integração de idosos independente do gênero e das habilidades esportivas (CARVALHO, 2023). De acordo com Ricardo Leme, “a gente tem, por exemplo, parceria com a liga solidária que é um Centro de Convivência da pessoa idosa em São Paulo. Ali a gente integra a aula da modalidade Walking Football como parte da agenda que aquele núcleo normalmente tem”. Além disso, a organização também estabelece parceria com municípios e demais iniciativas comprometidas com uma prática esportiva segura, diversa e alinhada com a longevidade. Entre esses municípios, a WFB conta com polos de prática estruturados em São Paulo, Cajamar, Guarulhos, Jundiaí, Itapevi e em estados como Santa Catarina e Espírito Santo.

Regras adaptadas

O WF é um esporte recreativo e inclusivo que pode ser praticado em pequenos grupos, com times formais e informais, por pessoas com idade superior aos 60 anos (CARVALHO, 2023). As características desse esporte não são iguais às do futebol convencional, sendo adaptadas à realidade dessa população. As regras são simples e consistem em favorecer o desempenho e promover um ambiente seguro para a vivência do esporte. A principal delas é não poder correr. Outras modificações também foram propostas para reduzir os contatos, a intensidade do jogo e, conseqüentemente, os riscos de lesão. Entre elas, não é permitido jogadas aéreas e contato físico direto. O tempo de jogo também é menor do que no futebol convencional, com partidas que duram de 10 a 14 minutos, a depender se será um jogo de participação ou jogo de competição. Vale ressaltar que o número de jogadores e jogadoras também pode variar de acordo com o tamanho do campo. Nesse sentido, o WF se consolida como uma proposta mais flexível, podendo sofrer adaptações em relação ao campo de jogo, número de praticantes e regras.

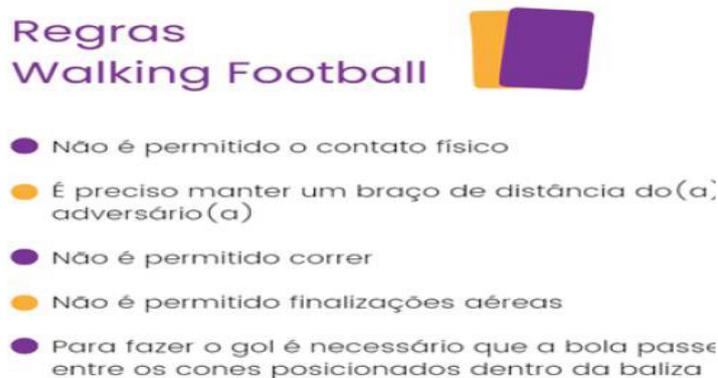


Imagem 2: Regras para a prática do Walking Football. Fonte: Elaborado pelas autoras e autor.

Implementação do programa

As aulas de WF no âmbito do esporte para a vida são realizadas duas vezes por semana, com uma duração de aproximadamente duas horas e são desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar, que conta com a presença de um profissional de Educação Física certificado pela WFB. A metodologia proposta pela organização é estruturada em quatro passos que buscam valorizar a heterogeneidade da população 60+ no Brasil, partindo de escuta ativa, diálogo e análise de contexto, e conseqüentemente a promoção de atividades alinhadas com o perfil dessa população⁸.

Passo 1: Sinergia – Corresponde à análise do contexto a partir de pesquisas, levantamento de dados e do diálogo social, buscando compreender fatores que influenciam diretamente a proposta e implementação do programa. Além disso, a WFB adaptou questionários, como o Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ), que devem ser aplicados antes de iniciar qualquer prática de atividade física regular. Também são levantados dados socioeconômicos e utilizados instrumentos de medição de prontidão física, como a AAPHERD (*American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance*), que a partir de cinco testes motores avalia a agilidade e equilíbrio dinâmico, flexibilidade, resistência de força de membros superiores e inferiores, coordenação motora, resistência motora e habilidade de andar.

Ademais a esses protocolos citados acima, existe uma matriz que foi desenvolvida pela organização, que visa identificar o nível de proficiência de cada participante com a prática de futebol e com a sua condição e aptidão física. Com todos esses dados é possível conhecer o contexto do projeto, as características da turma e, assim, aplicar a metodologia adequada para as aulas.

“Se a gente fosse só comparar Brasil com Europa, a gente tá falando de modelos de saúde completamente diferentes. Aqui a gente tem uma população que conforme o tamanho da vulnerabilidade social, tem maior ou menor qualidade de vida. A gente precisa levar isso em consideração. Quando eu vou para núcleos, eu obviamente tenho que compreender quem é esse grupo e, apesar de ser um processo coletivo, o acompanhamento é individualizado para não deixar ninguém de fora (Ricardo Leme, Presidente da Walking Football Brasil).”

Passo 2: Conexão – É o início à metodologia WFB para o desenvolvimento das atividades socioesportivas, socioeducativas e socioculturais, considerando os temas transversais que contribuem para o envelhecimento ativo.

Passo 3: Passo a Passo – Essa etapa corresponde à execução do programa. Para isso, é necessário integrar o conteúdo formativo proposto pelas organizações internacionais e WFB com o contexto de atuação e perfil socioemocional dos participantes. Durante a sua implementação, professores e professoras registram os acontecimentos durante as aulas para, posteriormente, avaliarem o programa.

“A gente foi criando protocolos, a gente foi sistematizando. Todos os professores foram cons-
8 Informações disponíveis em: <https://www.wfb.org.br/metodologia#:~:text=Essa%20metodologia%20est%C3%A1%20baseada%20em,com%20o%20perfil%20dos%20idosos.>

truindo um diário de bordo. Eu tô usando essa palavra “diário de bordo”, mas sistematizando tudo que acontecia para que, com discussões semanais pedagógicas, a gente pudesse ir percebendo o que precisaria ser evoluído nesse grupo (Ricardo Leme, Presidente Walking Football Brasil).”

Passo 4: Reflexão – Essa etapa corresponde à avaliação dos resultados com o intuito de promover a evolução contínua do esporte, dos seus diferentes benefícios e impactos sociais. A avaliação é baseada em relatórios sistematizados de todas as fases e diálogos com participantes.

Literatura científica

A literatura científica sobre a modalidade ainda é recente com a primeira publicação datando do ano de 2014 (PUERTO et al., 2021). Ao fazer uma rápida busca no PubMed com as palavras chaves “walking football” OR “walking soccer” foram encontrados apenas 22 resultados (Figura 3). A partir desses estudos, duas revisões de literatura já foram realizadas oferecendo um panorama da contribuição científica até o presente momento (COREPAL et al. 2020; PUERTO et al., 2021). De forma geral, as revisões apontam que poucos estudos buscaram compreender os efeitos da prática do WF na saúde da população idosa. Os estudos apresentaram diferentes desenhos experimentais, mas, em geral, são caracterizados por uma curta duração (inferior a 12 meses). As amostras também são pequenas (entre 10 e 25 participantes) e, em sua maioria, compostas apenas por homens. Os achados de algumas dessas investigações são apresentados abaixo.

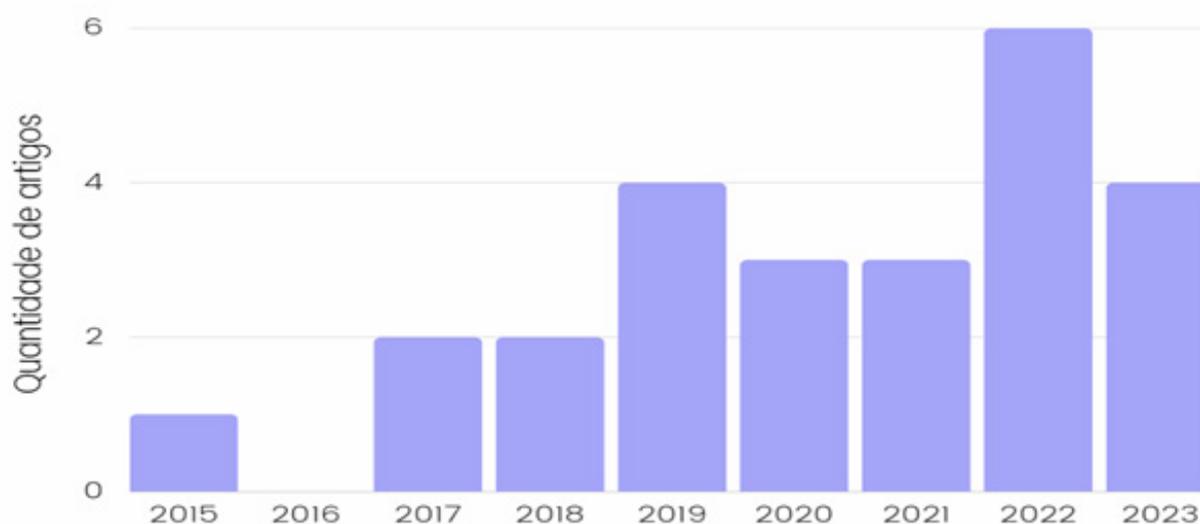


Figura 3: Publicações internacionais sobre Walking Football. Fonte: Elaborado pelas autoras e autor.

ADERÊNCIA E BENEFÍCIOS À SAÚDE

Diversos fatores podem influenciar a adesão e manutenção no esporte. No caso do WF, Cholerton et al. (2022) investigaram aspectos específicos que possibilitaram a iniciação e permanência de 439 pessoas na prática esportiva. As autoras encontram uma influência significativa

das relações sociais e da cultura esportiva. Elas sugerem que profissionais responsáveis pela prática direcionem esforços para oferecerem um ambiente positivo que fomente as conexões sociais entre os e as praticantes. Além disso, o estudo mostrou que o gênero e a classe social não influenciaram o desejo por iniciar e se manter no esporte. Segundo as autoras, as construções sociais que historicamente limitam o acesso ao esporte podem ter sido minimizadas a partir da proposta de uma nova modalidade com menor intensidade (CHOLERTON *et al.*, 2022).

O potencial do WK em desafiar os estereótipos de agressividade e masculinidade presentes no futebol tradicional também foi abordado pela etnografia realizada por Loadman (2019). O autor realizou um estudo de observação, que incluía conversas informais com praticantes e análise documental, ao longo de 18 meses em um centro de lazer na Inglaterra. Ao final desse período, o autor sugere que os benefícios fisiológicos da prática esportiva são menos tangíveis em comparação aos ganhos sociais e psicológicos. O esporte foi apontado como capaz de desenvolver sentimentos de comunidade, amizades e consideração por outras pessoas. Esses aspectos contribuíram para a saúde mental dos e das praticantes. Além disso, a positividade gerada pelo jogo e o aumento dos níveis de envolvimento social também promoveram um maior interesse pela vida.

Os benefícios sociais e psicológicos da prática do WF também foram reportados por Reddy *et al.* (2017) ao investigarem um programa com duração de 12 semanas realizado uma vez por semana com duração de 60 minutos. Ao final do período, foram realizadas seis entrevistas individuais semiestruturadas. Os autores e autoras mostraram que os praticantes (apenas uma mulher) identificaram o esporte como prazeroso, envolvente e sem uma elevada demanda física. Inicialmente os jogadores encontraram dificuldade em evitar a corrida, porém posteriormente incorporaram a caminhada na sua prática. Além disso, sete (63%) das onze pessoas que participaram do estudo continuaram praticando a modalidade depois que acabou o protocolo experimental. Entretanto, é importante destacar que o estudo não encontrou melhoras significativas em relação aos parâmetros de saúde e cognição da população. Os autores e autoras justificam esse resultado pelo baixo volume de treino e indicam a necessidade de mais de 60 minutos de prática semanal para alcançar esses benefícios.

Entre os estudos que mostraram os benefícios físicos promovidos pela prática regular do WF se encontra o de Arnold, Bruce-Low e Sammut (2015). O estudo investigou os efeitos do treinamento de WF por um período de 12 semanas realizado uma vez na semana com duração de duas horas. Foram analisadas as mudanças físicas e antropométricas em 10 homens adultos com idade superior a 50 anos. O estudo mostrou uma redução significativa na massa gorda e percentual de gordura corporal e um aumento no tempo de exaustão em um exercício incremental. As variáveis de massa corporal, massa magra e índice de massa corporal não sofreram modificações significativas. Baseados nesses achados, os autores sugeriram que o WF, quando realizado com um volume igual ou superior a 120 minutos por semana, pode ser utilizado como uma proposta de política pública buscando benefícios à saúde física, mental e social da população idosa.

Frente a esses possíveis benefícios promovidos pelo WK, um estudo recente investigou a intensidade, percepção de esforço e o prazer pela modalidade quando comparado ao futebol tradicional (jogo reduzido) e à caminhada (MADSEN; KRUSTRUP; LARSEN, 2021). Como resultado desse estudo foi possível observar que as três atividades promoveram aumento da pressão arterial, sendo que a caminhada foi em menor intensidade, enquanto o futebol tradicional em maior intensidade. A frequência cardíaca e distância total percorrida também foram maiores no futebol tradicional e menores na caminhada. Nesse sentido, o WK aparece como uma possibilidade intermediária entre os benefícios fisiológicos promovidos pelo futebol tradicional e caminhada.

GRUPOS ESPECIAIS

Além dos benefícios apresentados acima a uma população saudável, estudos foram conduzidos buscando investigar os efeitos da prática regular do WF em grupos especiais. Por exemplo, o estudo de Capela et al. (2023) investigou pacientes com câncer de próstata sob terapia de privação androgênica. O intuito do estudo foi analisar a viabilidade e o impacto de um programa de WF na qualidade de vida, capacidade cardiorrespiratória, força muscular e equilíbrio desse grupo. O programa consistia em três sessões de 90 minutos por semana. Os praticantes foram avaliados antes, durante (semana 8) e após (semana 16) as intervenções. O estudo mostrou uma melhora significativa na capacidade cardiorrespiratória, na força muscular e equilíbrio dos praticantes. Além disso, mostrou uma aderência em 80% dos participantes e uma taxa de prazer média de 4,5 de um total de 5. Desta forma, os autores e autoras indicam a modalidade como uma possibilidade segura e prazerosa para pacientes com câncer de próstata em terapia hormonal.

Outro trabalho investigou os efeitos da prática do WK em pacientes que possuem alterações cognitivas como demência (MCRAE et al., 2020). O estudo qualitativo investigou como as sessões de WK foram propostas, implementadas e vivenciadas por pessoas com demência e seus familiares. O programa foi baseado em sessões com duração de 60 minutos divididos em blocos de 10 minutos possibilitando o revezamento entre os e as praticantes. A partir de entrevistas realizadas com 18 pessoas, o estudo mostrou o impacto positivo no comportamento social, físico e motor. A prática regular do WF possibilitou criar e desenvolver lembranças positivas. Os mínimos detalhes foram cruciais para a criação dessas lembranças como o espaço do café, o troféu que recebido como destaque da semana, e o acolhimento dos familiares e cuidadores. O entusiasmo pelas sessões de treino também foi relatado como um aspecto positivo pelos acompanhantes, principalmente entre praticantes acima dos 70 anos que relatavam uma vida apática. Além disso, as sessões melhoraram o humor e o padrão do sono da população.

Os efeitos da prática regular do WK em populações com diabetes do tipo 2 também já foram investigados (BARBOSA et al., 2023). A autora e autores investigaram a implemen-

tação de um programa de WK ao longo de nove meses, como três sessões por semana (60 minutos por sessão), realizado por pacientes homens de meia-idade e idosos com diabetes tipo 2. Além dos benefícios promovidos à saúde dos praticantes e da elevada aderência, o estudo mostrou que os custos para a implementação do programa eram baixos comparado a implementação de outras atividades físicas. Nesse sentido, o estudo recomendou a implementação de programas de WK para pessoas com diabetes tipo 2 como uma estratégia de política pública.

Em relação às situações especiais, Zainudin et al. (2022) investigaram a prática do WF por um grupo de muçulmanos que realizaram o jejum intermitente durante o mês do Ramadan. Esta prática religiosa é acompanhada por mudanças no estilo de vida, hábitos alimentares e padrões de sono. O WF foi utilizado como uma alternativa que não fosse tão intensa e que pudesse ser praticada por qualquer indivíduo, independentemente do nível de condicionamento físico, habilidade e idade. Como resultado, foram observadas respostas de estresse cardiovascular e metabólico adequadas para populações com baixos níveis de condicionamento físico. Além disso, o estudo mostrou que o WF foi reconhecido como uma atividade divertida que promove interações sociais, portanto, com potencial para encorajar e sustentar a participação a longo prazo.

Considerações finais

“A gente percebe benefícios seja de fortalecimento de força de membros inferiores, seja de melhoria da coordenação motora, seja de equilíbrio. Eu acho que o grande ganho que a gente quer criar com profundidade são os benefícios emocionais da prática. Você ouve relatos de pessoas que tiveram participação social a partir da prática da modalidade, diminuíram quadro de depressão, conseguiram perceber a questão do convívio melhor estruturado com grupos sociais (Ricardo Leme, Presidente da Walking Football Brasil).”

Esse é o primeiro trabalho acadêmico no contexto nacional a apresentar características históricas, organizacionais e de implementação do *Walking Football*, assim como trazer um panorama das contribuições científicas sobre a modalidade. Essas produções nos auxiliam a compreender as diferentes possibilidades de implementação do WF, assim como seus diversos benefícios aos praticantes.

Esse capítulo destaca que, embora o WK tenha começado e se popularizado no Reino Unido, o esporte tem sido disseminado mundialmente e legitimado por organizações próprias da modalidade. No caso brasileiro, a *Walking Football Brasil* (WFB) promove a modalidade de acordo com os parâmetros internacionais, coordenando a estrutura e o desenvolvimento do esporte de forma oficial. A organização também tem a responsabilidade de formar e certificar profissionais para aplicarem a metodologia WF. A organização busca criar uma rede WFB comprometida com a promoção do bem-estar e qualidade de vida da população idosa a partir da prática esportiva.

A crescente popularidade do esporte reflete sua capacidade de promover uma prática inclusiva capaz de promover benefícios à saúde física, mental e social dos seus praticantes. Assim como os estudos científicos, profissionais que trabalham com a modalidade enfatizam que os benefícios sociais e mentais promovidos pela prática do WK se sobressaem frente às melhoras nos parâmetros fisiológicos. Reconhecendo que a maioria desses estudos e relatos foram realizados com a população inglesa, reforçamos a necessidade de iniciar investigações e consolidar um corpo científico no contexto brasileiro.

Referências

ARNOLD, Josh Timothy; BRUCE-LOW, Stewart; SAMMUT, Luke. The impact of 12 weeks walking football on health and fitness in males over 50 years of age. **BMJ Open Sport and Exercise Medicine**, v. 1, n. 1, p. 1–5, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjsem-2015-000048>

BARBOSA, Ana et al. How much does it cost to implement a community-based walking football programme for patients with type 2 diabetes? **BMJ Open Sport and Exercise Medicine**, v. 9, n. 2, p. 1–6, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjsem-2023-001549>

CAPELA, A. et al. Effects of walking football on adherence, safety, quality of life and physical fitness in patients with prostate cancer: Findings from the PROSTATA_MOVE randomized controlled trial. **Frontiers in Oncology**, v. 13, n. March, p. 1–11, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fonc.2023.1129028>

CARVALHO, A. M. Painel da Longevidade: Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país. **Mais 60, Estudos sobre envelhecimento**, v. 33, n. 85, p. 1–13, 2023.

CHOLERTON, Rachel et al. Differences in Older Adults Walking Football Initiation and Maintenance Influences Across Respondent Characteristics: A Cross-Sectional Survey. **Journal of Aging and Physical Activity**, v. 30, n. 6, p. 936–949, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/japa.2021-0305>

COREPAL, Rekish et al. Walking soccer: A systematic review of a modified sport. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 30, n. 12, p. 2282-2290, 2020.

DUVIVIER, Bernard MFM et al. Benefits of substituting sitting with standing and walking in free-living conditions for cardiometabolic risk markers, cognition and mood in overweight adults. **Frontiers in physiology**, v. 8, p. 353, 2017.

FERREIRA, Rodrigo Wiltgen et al. Walking Football para idosos: um relato de experiência extensionista walking football and elderly: program implementation report. **III Seminário Regional Fronteiras da Educação, Extensão e Inovação.**, p. 24, 2024.

FIELDING, Roger A. et al. Dose of physical activity, physical functioning and disability risk in mobility-limited older adults: Results from the LIFE study randomized trial. **PloS one**,

v. 12, n. 8, p. e0182155, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUBBY, Laura. Can korfbal facilitate mixed-PE in the UK? The perspectives of junior korfbal players. **Sport, Education and Society**, v. 24, n. 9, p. 994–1005, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13573322.2018.1519506>.

JENKIN, Claire; HILLAND, Toni; EIME, Rochelle M. Walking Basketball Program: Evaluation report for Basketball Victoria. n. August, p. 1–27, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18745/PB.20331>

KAMMOUN, Nouredine et al. Effects of Walking Football During Ramadan Fasting on Heart Rate Variability and Physical Fitness in Healthy Middle-Aged Males. **American Journal of Men's Health**, v. 16, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15579883221103418>

KUMAR, A. Sampath et al. Exercise and insulin resistance in type 2 diabetes mellitus: A systematic review and meta-analysis. **Annals of physical and rehabilitation medicine**, v. 62, n. 2, p. 98-103, 2019.

LAMONT, Emma et al. Qualitative investigation of the role of collaborative football and walking football groups in mental health recovery. **Mental Health and Physical Activity**, v. 12, p. 116–123, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.mhpa.2017.03.003>

LOADMAN, Alastair. 'He's Running, Ref!' An ethnographic study of walking football. **Soccer and Society**, v. 20, n. 4, p. 675–692, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2017.1396451>

MACRAE, Rhoda; MACRAE, Eilidh; CARLIN, Liz.. Modifying walking football for people living with dementia: lessons for best practice. **Sport in Society**, v. 25, n. 8, p. 1405–1418, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430437.2020.1825383>

MADSEN, Mads; KRUSTRUP, Peter; LARSEN, Malte Nejst.. Exercise intensity during walking football for men and women aged 60+ in comparison to traditional small-sided football—a pilot study. **Managing Sport and Leisure**, v. 26, n. 4, p. 259–267, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23750472.2020.1762508>

MURTAGH, Elaine M.; MURPHY, Marie H.; BOONE-HEINONEN, Janne. Walking—the first

steps in cardiovascular disease prevention. **Current opinion in cardiology**, v. 25, n. 5, p. 490, 2010.

NIELSEN, Glen et al. Health promotion: the impact of beliefs of health benefits, social relations and enjoyment on exercise continuation. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v. 24, p. 66-75, 2014.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas:**

2017. Brasília: PNUD, 2017.

PUERTO, Gamonales et al. Fútbol caminando para personas mayores: revisión sistemática. **E-Balonmano. com: Revista de Ciencias del Deporte**, v. 17, n. 3, p. 195-210, 2021.

REDDY, Peter et al. Walking football as sustainable exercise for older adults—A pilot investigation. **European Journal of Sport Science**, v. 17, n. 5, p. 638–645, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17461391.2017.1298671>

TAYLOR, Dominic; PRINGLE, Andy. Investigating the effect of walking football on the mental and social wellbeing of men. **Soccer and Society**, v. 23, n. 7, p. 805–820, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2021.1967933>

WINNICK, Joseph P.; PORRETTA, David L. **Adapted physical education and sport.** Human Kinetics, 2016.

ZAINUDIN, Sueziani Binte; SALLE, Dee Dee A.; AZIZ, Abdul Rashid. Walking Football During Ramadan Fasting for Cardiometabolic and Psychological Health Benefits to the Physically Challenged and Aged Populations. **Frontiers in Nutrition**, v. 8, n. January, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fnut.2021.779863>

OS IMPACTOS DO FUTEBOL DE MESA (BOTÃO) NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR, COGNITIVO E AFETIVO DE SEUS PRATICANTES

Heraldo Simões Ferreira
George Almeida Lima

Futebol de mesa: origens e federalização

O futebol é uma prática corporal que se consolidou como uma atividade que permeia diversos campos sociais. Neste ínterim, destaca-se que o futebol perpassou por diversas tensões que levaram em conta as percepções de grupos dominantes, que condicionaram sua prática a determinados grupos em detrimento de outros e a utilização de determinadas regras em detrimento de outras, sendo, em muitos momentos, um mecanismo de afirmação do poder e manutenção do *status quo* (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010).

Todavia, com a ampla popularização do futebol, muitos grupos sociais começaram a se apropriar dessa prática, vivenciando o futebol a partir do lazer, manutenção da saúde, competições e disputas políticas. Com reforço, o fato de diversos campos culturais se apropriarem do futebol, contribuiu para que essa prática fosse ressignificada ao longo do tempo, refletindo as percepções dos diversos grupos sociais que permeiam a sociedade (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010).

Desse modo, o futebol começa a ser vivenciado a partir de diferentes estruturas, como sua vivência em quadras, campos sintéticos, quadras e campos de areia, tábuas de madeira, etc. Essas distintas estruturas permitiram a criação de práticas que tinham o futebol de campo como base, como o futebol de salão, futebol de areia, futebol *Society*, futebol paralímpico, futevôlei e futebol de mesa, ou botão, objeto deste estudo.

Por conseguinte, tomamos o futebol de mesa (botão) como *locus* deste estudo. Finelli (2006) destaca que o futebol de botão é brasileiro, sendo desenvolvido inicialmente no Rio de Janeiro, na década de 1920. O publicitário Geraldo Cardoso Décourt teria sido a primeira pessoa a organizar as regras iniciais do futebol de botão. Décourt também foi um dos primeiros praticantes dessa atividade no Brasil.

Inicialmente, o jogo era conhecido como Celotex, pois era praticado em mesas feitas a partir desse material. A prática se popularizou nas escolas e muitos alunos utilizavam botões dos uniformes do colégio. Com a danificação dos uniformes, muitas escolas começaram a proibir essa prática (BARRETO, 2006).

Mesmo com essa problemática, o futebol de botão continuou a ser praticado e ressignificado. Nesse sentido, são criados materiais de madeira, depois de plástico e depois acrílico. Os locais de disputa também são diversificados, sendo praticados em mesas, no chão e em tábuas de madeira adaptadas. Essas adaptações contribuíram para que essa prática fosse difundida por diversos estados brasileiros, popularizando-se em âmbito nacional. Com reforço, Tavares (2006) destaca que em 1988 o Conselho Nacional do Desporto reconheceu o futebol de botão como uma prática genuinamente brasileira.

Com a publicação das primeiras regras do futebol de botão, em 1930 e a ampla popularização dessa prática, o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, em 14 de fevereiro de 2001, determinou esse dia como o “dia do botonista”. Com o crescente desenvolvimento do futebol de botão, essa prática é sistematizada e estruturada em forma de competições esportivas, tendo materiais e locais de prática muito específicos. Nesse momento, a prática começa a ser chamada de futebol de mesa, que seria a prática com regras mais restritas e específicas (TAVARES, 2006).

Destarte, a literatura apresenta distinções para os dois termos. Futebol de botão refere-se a prática menos sistematizada, propiciando a adaptação de regras que consideram as peculiaridades de cada praticante. Futebol de mesa é considerado um esporte que é organizado em ligas, federações e confederações, pautando-se em competições (TAVARES, 2006).

Atualmente, a Confederação Brasileira de Futebol de Mesa (CBFM) considera 8 modalidades oficiais, sendo elas: 1 toque. Essa modalidade é dividida em 2 tipos de botões utilizados que são “Liso”, onde os botões são lisos por baixo, e “Livre”, onde os botões são cavados por baixo. É a modalidade que está há mais tempo organizada. A abrangência da modalidade é nacional, embora a vertente “Liso” tenha maior concentração nos estados do nordeste e Espírito Santo e a vertente “Livre” no Sul e Sudeste. Essa modalidade exige mais técnica dos praticantes, uma vez que apenas um toque pode ser dado por cada botão (CBFM, 2023).

A segunda modalidade é a regra de 3 toques. Cada partida tem duração de 40 minutos divididos em 2 tempos de 20 minutos e intervalo de 5 minutos. Cada praticante poderá dar 3 toques, devendo, no segundo toque, passar a bola para outro botão e no terceiro toque, finalizar a jogada (CBFM, 2023).

A terceira modalidade é denominada 12 toques. Cada partida tem 20 minutos de duração, divididos em 2 tempos de 10 minutos com intervalo de 3 minutos. O participante que estiver com a bola terá um limite coletivo de 12 toques, em que antes do décimo segundo toque, deve chutar a bola ao gol. Caso não consiga, será penalizado com um tiro livre que será cobrado no local em que a bola estiver (CBFM, 2023).

A quarta modalidade chama-se Dadinho. É a prática mais nova, sendo aprovada como regra oficial em 2010. A bola de jogo é um cubo. Os jogadores são discos circulares, semelhantes a botões com diâmetro máximo de 60 mm e mínimo de 35 mm, e sua altura máxima de 1 cm, podendo ser de qualquer cor ou combinação de cores, de qualquer material, com exceção de metal e vidro. Cada botão poderá dar apenas 3 toques consecutivos individual-

mente e coletivamente cada equipe poderá dar 9 toques. Até o nono toque, a bola deverá ser chutada ao gol. Caso não aconteça o chute, será cobrado uma falta indireta no local em que a bola estiver (CBFM, 2023).

Segundo a CBFM, 21 estados possuem federações que organizam eventos com modalidades específicas. O **Quadro 1** apresenta as federações e modalidades desenvolvidas.

FEDERAÇÃO	MODALIDADE
Federação Alagoana de Futebol de Mesa	1 toque; 12 toques; Dadinho.
Federação de Futebol de Mesa do Amazonas	3 Toques; 12 Toques; Dadinho
Federação Baiana de Futebol de Mesa	1 Toque
Federação Brasiliense de Futebol de Mesa	12 Toques; 3 Toques; Dadinho
Federação de Futebol de Mesa do Ceará	1 Toque; 12 Toques; Dadinho
Federação de Futebol de Mesa do Espírito Santo	1 Toque; 12 Toques
Federação Goiana de Futebol de Mesa	3 Toques; 12 Toques
Federação Maranhense de Futebol de Mesa	Em processo de Filiação
Federação de Futebol de Mesa do Mato Grosso do Sul	12 Toques; Dadinho
Federação de Futebol de Mesa de Minas Gerais	3 Toques; 12 Toques; Dadinho; Sectorball
Federação Paraense de Atletas de Futebol de Mesa	Dadinho
Federação Paraibana de Futebol de Mesa	1 Toque; 12 Toques; Sectorball
Federação Paranaense de Futebol de Mesa	12 Toques; Dadinho; Subbuteo
Federação Pernambucana de Futebol de Mesa	1 Toque; 12 Toques; 3 Toques; Dadinho; Subbuteo; Chapas
Federação de Futebol de Mesa do Estado do Rio de Janeiro	1 Toque; 3 Toques; 12 Toques; Dadinho; Sectorball; Subbuteo
Federação Norte Rio Grandense de Futebol de Mesa	1 Toque
Federação Gaúcha de Futebol de Mesa	1 Toque; 12 Toques; 3 Toques; Dadinho
Federação Paulista de Futebol de Mesa	1 Toque; 3 Toques 12 Toques; Dadinho Sectorball; Subbuteo
Federação Catarinense de Futebol de Mesa	1 Toque; 12 Toques; Dadinho
Federação Rondoniense de Futebol de Mesa	1 Toque; 3 Toques 12 Toques; Dadinho
Federação Sergipana de Futebol de Mesa	1 Toque – Disco; 12 Toques

Quadro 1 – Federações e modalidades de futebol de mesa. **Fonte:** CBFM (2023).

Podemos perceber que nem todas as federações adotam todas as modalidades reconhecidas pela Confederação Brasileira de Futebol de Mesa. Esse aspecto pode refletir o processo de filiação das federações e a própria estrutura política, econômica e social de cada estado.

Com reforço, é perceptível a ampliação da prática do futebol de mesa para diversos estados brasileiros. Esse aspecto evidencia sua apropriação para diversos campos sociais, perpassando o universo esportivo. Nesse sentido, o futebol de mesa também é *locus* de estudos científicos que buscam compreender sua dinâmica e seus impactos para os praticantes.

Bucciarelli *et al.* (2014) realizaram um estudo que buscou, a partir de um relato de experiência com o Futebol de Botão, trabalhar escritas numéricas na Educação Infantil, realizada com crianças de 4 e 5 anos em uma escola de Curitiba/PR. Os autores apontam que a partir do futebol de botão, as crianças vivenciaram o processo de desenvolvimento da escrita e suas diferentes manifestações.

Capitó, Silva e Montenegro (2016) buscaram relatar experiências vivenciadas em uma escola pública dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Maceió/AL, tendo como base o conteúdo de futebol de mesa. Durante um mês de atividades desenvolvidas, com uma aula por semana, foi possível tematizar as regras e o desenvolvimento histórico do jogo, além de propiciar vivências práticas do jogo. Conclui-se que o futebol de botão propicia a inclusão de todos os alunos e alunas, uma vez que sua prática, pautada na ludicidade, não requer o amplo domínio motor que atividades coletivas exigem.

Agostini e Souza Júnior (2020) buscaram compreender os recursos metodológicos oriundos da pedagogia dos projetos, desenvolvida a partir da tematização do futebol de mesa. Embora o projeto buscasse o ensino de um *software* de desenho em 3D, os alunos construíram times de futebol de mesa e desenvolveram um torneio entre os alunos e alunas, fato que potencializou o desenvolvimento do projeto para além de um objetivo específico. Esse aspecto potencializou o desenvolvimento social, cognitivo e motor dos alunos.

Desse modo, podemos perceber que a prática do futebol de mesa está se expandindo, de maneira organizada e estruturada, para o campo educacional, tendo em vista os estudos supracitados. Nesse sentido, se faz necessário compreender o desenvolvimento integral dos praticantes, a partir da prática do futebol de mesa, tema tratado a seguir.

O desenvolvimento integral do praticante do Futebol de Mesa/Botão

O desenvolvimento integral de um sujeito pode ser compreendido em três campos – psicomotor, cognitivo e afetivo. Essa forma de interpretar o desenvolvimento possui sua origem na Psicomotricidade

Nesse enfoque, a Psicomotricidade é entendida como um olhar globalizado que percebe a relação entre o movimento e o psiquismo, considerando o envolvimento entre o indivíduo e o mundo externo (DE MEUR; STAES, 1992). Para Gonçalves (2012), a Psicomotricidade é compreendida como uma ciência que estuda o indivíduo por meio do movimento.

O francês Jean Le Boulch, que investiga a Psicomotricidade como meio de não fragmentar o entendimento do corpo e não mecanizar o movimento humano. O autor era médico, psicólogo e professor de Educação Física. O mesmo foi o primeiro a inserir relações psicomotoras

entre ambas as áreas com intuito de descentralizar a prática da atividade física centrada nos resultados, no rendimento e não no sujeito e em seu corpo, assim como ilustra em seu livro, que deu origem a abordagem, 'educação pelo movimento' (LE BOUCH, 1983).

Tal como escreve o citado autor, a Psicomotricidade volta seu olhar sobre os aspectos do desenvolvimento humano, numa perspectiva lúdica, emocional, psíquica e sociocultural. Assim, a Psicomotricidade busca garantir a formação integral do aluno viabilizando o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores (DARIDO; RANGEL, 2008).

O CAMPO COGNITIVO

Ao se referir ao campo cognitivo, estamos lidando com o desenvolvimento do intelecto de uma pessoa, de suas capacidades mentais. Está relacionado com o processo de aquisição de conhecimento envolve fatores diversos como pensamento, linguagem, percepção, raciocínio, dentre outros (OJEDA, 2011).

Nesse sentido, o cognitivo do praticante de futebol de mesa é estimulado, pois, durante uma partida, há extrema necessidade de o jogador estar realizando conexões cerebrais para produzir ações de: formulação de estratégias, resolução de problemas, cálculo de distância, atenção, concentração, velocidade de raciocínio, conhecimento lógico matemático e memória.

O CAMPO AFETIVO

A afetividade, no desenvolvimento integral de um sujeito, trata dos sentimentos, emoções, comportamentos e relacionamentos. Segundo Carvalho (2013), o compartilhamento de experiências se envolve de uma maneira singular através das histórias de cada indivíduo, conseqüentemente, o desenvolvimento dessas relações interpessoais ajuda no processo de sociabilidade dos envolvidos.

Em uma partida de futebol de mesa todos esses aspectos estão presentes e são aflorados. Ao jogar, se percebe alegria/tristeza, raiva/calma, cooperação/competição, passividade/atividade, respeito/desrespeito às regras e aos colegas. Também estão presentes nos jogos momentos em que a moral e a ética são postas a prova, assim como o saber ganhar ou perder, a empatia, a cordialidade, a humildade e o companheirismo. Note que situações negativas também podem ocorrer no campo afetivo, e, caso ocorram, são percebidas e reprovadas pelos praticantes, levando o jogador a aprender com seus erros.

O CAMPO PSICOMOTOR

A Psicomotricidade busca colaborar com o desenvolvimento integral humano, por sete fatores, a saber: Tonicidade, Equilíbrio, Lateralidade, Noção de Corpo, Organização Espaço-Temporal, Coordenação Global e Fina (FONSECA, 1995).

A seguir, descrevemos como cada fator psicomotor é aflorado, durante uma partida de futebol de mesa.

Noção de Corpo

Se constitui no elemento básico indispensável à formação humana, é a representação relativamente global, científica e diferenciada que uma pessoa tem de seu corpo. É a percepção do corpo atuando no espaço, se locomovendo, num ritmo próprio, num estado de tensão ou relaxamento muscular (FONSECA, 1995). No jogo de botão, não é um fator tão observável, porém, está presente, obviamente.

Lateralidade

Lateralidade é a dominância de um lado do corpo em relação ao outro, ao nível de eficácia, força e habilidades; enfim é o predomínio motor de um dos lados do corpo, resultante da relação entre as funções dos dois hemisférios cerebrais. Se diz destro ou sinistro, em relação a dominância dos lados direito e esquerdo, respectivamente (FONSECA, 1995). No futebol de mesa, se percebe, também, um predomínio de botonistas destros.

Tonicidade

É a atividade postural dos músculos que fixa as articulações em posições determinadas, solidárias umas com as outras, que no seu conjunto compõem a atitude. De acordo com Fonseca (1995), abrange todos os músculos responsáveis pelas funções biológicas e psicológicas, além de toda e qualquer forma de relação e comunicação social não-verbal, tendo como característica essencial o seu baixo nível energético, que permite ao ser humano manter-se de pé por grandes períodos de tempo sem a manifestação da fadiga, que é o que ocorre em uma partida de futebol de mesa.

Organização espaço-temporal

A organização espaço-temporal nos conscientiza das formas de deslocamentos corporais de uma maneira continua e perceptiva atuando nos diferentes planos, eixos, direções e trajetórias. Permite ao ser humano não só se deslocar e reconhecer-se no espaço, mas também dar sequência aos seus gestos, localizando e utilizando as partes do corpo, coordenando e organizando suas atividades de vida diária (FONSECA, 1995).

A orientação temporal é fundamental, pois situa a pessoa em função dos acontecimentos no que se refere à sua sucessão, duração e intervalos. Embora inseparável da estruturação espacial, resume-se a apreciar a estruturação rítmica em termos de memória de curto termo e de reprodução motora (FONSECA, 1995).

Equilíbrio

O equilíbrio é a capacidade de manutenção e orientação do corpo e de suas partes em

relação ao espaço externo e a ação da gravidade. O domínio postural é um domínio da gravidade adquirida à custa da contração tônica dos músculos da profundidade, ação de suporte que estabiliza as estruturas articulares onde a co-contratação básica dos músculos da superfície se desenrola adequadamente (FONSECA, 1995).

Coordenação global

É a utilização coesa, econômica e harmoniosa do corpo no espaço. Para ser desencadeada exige a interação da tonicidade e equilíbrio, combinando o tônus da profundidade com o da superfície e assegurando a estabilidade gravitacional necessária. Reclama, por outro lado, a coordenação da lateralidade, da noção de corpo e da estruturação espaço temporal para harmonizar o espaço intracorporal com o extra-corporal (FONSECA, 1995).

Coordenação fina

É a utilização precisa dos pequenos grupos musculares. Segundo Fonseca (1995), por compreender as tarefas motoras sequenciais finas, está ligada à função de coordenação dos movimentos dos olhos durante a fixação da atenção e manipulação de objetos que exigem o controle visual, além de abranger a regulação e verificação das atividades preensivas e manipulativas mais finas e complexas, tal qual ocorre no ato do jogador de futebol de mesa quando empunha a palheta para realizar as jogadas com seu botão.

Considerações finais

O futebol de mesa (botão) passou por diversas ressignificações, dentre elas, o processo de federalização, em que 21 estados brasileiros possuem uma federação que regula a prática em cada um desses estados. Todas as federações estão ligadas a CBFM. Também destacamos que existem diversos estilos de jogo que adotam regras distintas. Nesse sentido, cada federação regulamenta estilos específicos de futebol de mesa (botão), considerando os elementos socioculturais de cada estado.

Conclui-se que o futebol de mesa, ou botão, é um potente instrumento para o desenvolvimento dos campos psicomotores, afetivos e cognitivos dos praticantes, devendo ser estimulado, considerando-se a possibilidade de vivência desta prática a partir de aspectos voltados ao lazer, competição, saúde e socialização. A pluralidade de significados que envolvem esta prática, pode corroborar para a redução da utilização exacerbada dos recursos tecnológicos. Nesse sentido, cabe aos professores de Educação Física, principalmente, a propagação sistemática desta cultura popular. Neste ínterim, recomendamos novos estudos e propostas de aplicação do futebol de mesa nas aulas de Educação Física e demais campos sociais.

Referências

AGOSTINI, Cauê dos Santos; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Processos educativos emergentes da pedagogia de projetos: o futebol de botão como tema gerador. **Corpoconsciência**, p. 17-28, 2020.

BARRETO, Anélio. **Botão. Alguém se esqueceu?** O Estado de São Paulo. São Paulo, 7 de jun. 2006.

BRASIL, **Confederação Brasileira de Futebol de Mesa**, 2023. Disponível em: <https://www.cbfm.com.br/> Acesso em: 02 de jun. 2023.

BUCCIARELLI, Tamara de la Macarena Moreiras *et al.* Futebol de botão: relato de experiência realizada na educação infantil. In: **II Seminário Estadual do PIBID do Paraná**, 2014.

CAPITÓ, Amanda Cerqueira Paranhos; SILVA, Simone Maria da; MONTENEGRO, Patrícia Cavalcanti Ayres. A utilização do futebol de botão como prática pedagógica nas aulas de educação física escolar. In: **Congresso Internacional de Atividade Física, Nutrição e Saúde**. 2016.

CARVALHO, R. M. Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Lugares de Educação (RLE)**, Bananeira/PB, v. 3, n. 5, p. 37-49, Jan-Jun. 2013.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DE MEUR, A; STAES, L. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. São Paulo: Manole, 1984.

FINELLI, Fábio. **Futebol de botão**. Arenafc. Disponível em: http://www.arenafc.com/reportagem_especial.asp?id=42 Acesso em: 02 de jun. 2023.

FONSECA, Vítor da. **Manual de Observação Psicomotora**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

GONÇALVES, F. **Psicomotricidade e Educação Física: quem quer brincar põe o dedo aqui**. – São Paulo: Cultural RBL. 2012.

LE BOULCH, J. **A educação pelo movimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

OJEDA, T. R. **Relações entre corpo, trabalho e Educação Física na Educação de Jovens e Adultos**. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Porto Alegre, 11 a 16 de Setembro de 2011.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, p. 920-930, 2010.

TAVARES, Thiago Stephan. **O futebol de botão e as narrações esportivas**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 1. sem. 2006, 79 fl.impre. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

DO “EMBAÇAR” AO JOGAR FUTEBOL: A CONQUISTA DE ESPAÇOS PELA MULHER ASURINÍ DO TROCARÁ

Jairson Monteiro Rodrigues Viana
Maria Sarmiento Pereira

Introdução

É fato que o futebol é uma das modalidades esportivas mais praticadas e difundidas no mundo, tendo chegado ao Brasil no século XIX. A prática moderna do futebol, com regras e funções estabelecidas como o praticamos na atualidade, surgiu na Inglaterra, em 1863⁹ quando as associações de *Rugby* e *Football* se afastaram, dando oportunidade para a criação da primeira instituição de regulamentação futebolística, a *Football Association*¹⁰.

Apesar de termos aprendido, exaustivamente, que o futebol surgiu na Inglaterra, encontram-se registros históricos sobre práticas semelhantes ao que hoje chamamos de futebol entre os chineses, o *Tsu-Chu*. Tais registros estão em um manual militar datado dos séculos III a II a.C., o qual:

[...] consistia em chutar uma bola de couro preenchida com penas e cabelo através de uma abertura, medindo apenas 30-40cm de largura, em uma rede fixada entre dois longos bastões de bambu. De acordo com uma variação desse exercício, não era permitido o jogador alcançar seu alvo desimpedido, mas deveria utilizar seus pés, peito, costas e ombros enquanto tentava resistir aos ataques de seus oponentes. O uso das mãos não era permitido (FIFA, 2023)¹¹.

Cerca de 500 a 600 anos após os primeiros vestígios na China, surgiram relatos acerca da modalidade no Japão, o *Kemari*, um jogo em que os participantes ficam em círculo, cuja finalidade é chutar a bola para outro participante sem que esta toque o chão. Também, gregos e romanos tinham registros de práticas semelhantes ao futebol, o *Episkyros*, que:

9 Criação das 13 regras que o regulamentaram como esporte.

10 FIFA. History of Football – The Origins. Disponível em: <https://www.fifamuseum.com/en/exhibitions-events/special-exhibitions/origins/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

11 Ibidem (Tradução nossa).

[...] era jogado com uma bola menor por dois times em um campo retangular com marcações para limitar o campo e uma linha central. O objetivo era fazer a bola passar através dos limites do campo inimigo, com os jogadores passando entre si, truques eram a ordem do dia. O jogo permaneceu popular por 700-800 anos, mas, embora os romanos o tenham levado para a Grã-Bretanha com eles, o uso dos pés era tão insignificante que mal pode ser considerado uma consequência (FIFA, 2023)¹².

Galeano (2009), em seus estudos, relata práticas semelhantes ao futebol nas Américas, descrevendo atividades com bola entre os indígenas centro-americanos:

No México e na América Central, a bola de borracha era o sol de uma cerimônia sagrada desde uns mil e quinhentos anos antes de Cristo; mas não se sabe desde quando se joga o futebol em muitos lugares da América. Segundo os índios da selva amazônica da Bolívia, tem origens remotas a tradição que os leva a correr atrás de uma bola de borracha maciça para metê-la entre dois paus sem fazer uso das mãos (Galeano, 2009, p. 31).

De acordo com Galeano (2009, p. 32), no século XVIII, um sacerdote espanhol, das missões jesuítas do Alto Paraná, descreveu, assim, um costume antigo do Povo Guarani: “não lançam a bola com a mão, como nós, mas com a parte superior do pé descalço”. O autor também relata que, entre os indígenas do México e da América Central, a bola era golpeada, costumeiramente, com o quadril ou com o antebraço, embora as pinturas de Teotihuacán e de Chichén Itzá revelem que, em certos jogos, chutava-se a bola com o pé e o joelho.

Na América Latina, especificamente no Brasil, há registros nos primeiros séculos de atividades realizadas com bola. Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, descreve um jogo com bola de borracha praticado pelos indígenas, o qual consistia em controlar a bola por meio de cabeçadas e, algumas vezes, com as costas.

Vale destacar que há divergências sobre a origem do futebol brasileiro entre alguns historiadores e pesquisadores. Alguns afirmam ter começado a ser jogado em solo brasileiro na década de 1860, no Colégio São Luís, em Itu. Posteriormente, em outras instituições de ensino, como no Colégio Anchieta e no Colégio Dom Pedro II, ambos no estado do Rio de Janeiro (Rosa, 2011). Severino (2010), em seus estudos, destaca a presença do escocês Thomas Donohoe, o qual teria trazido o futebol ao Rio de Janeiro alguns anos antes de Charles Miller.

Apesar das divergências sobre a origem do futebol, oficialmente no Brasil, a versão mais aceita determina que Charles Miller, um brasileiro paulista, filho de ingleses, retornando ao

¹² Ibidem (Tradução nossa).

Brasil em outubro de 1894, trouxe de presente ao seu País duas bolas e uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte (Aquino, 2002), ou melhor, trouxe o futebol.

Momento em que, o cenário brasileiro era de um país republicano, que, recentemente, havia abolido a escravidão e acabava de trocar a mão de obra negra por trabalhadores imigrantes brancos assalariados.

Nesse contexto, inicialmente, o futebol se disseminou, sobretudo, entre os jovens da elite que se organizavam em clubes e escolas ligadas às colônias de imigrantes, como também no meio industrial, dominado pela aristocracia de origem europeia (Helal, 2007). Franco Junior (2007) afirma que, nesse período:

Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do conseqüente afastamento dos demais setores sociais (Franco Junior, 2007, p. 62-63).

Em 1923, fundou-se o Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, primeiro clube de elite a aceitar atletas negros em sua equipe para a disputa do campeonato daquele ano. Feito que causou grande impacto na estrutura recém-organizada do futebol do Rio de Janeiro ao conquistar o título carioca.

Tal acontecimento causou a ruptura das equipes brancas do Fluminense, Botafogo, Flamengo, América Bangu e São Cristóvão com o Vasco da Gama. As equipes brancas fundaram, em 1924, a Associação Metropolitana de Esportes Amadores, a qual não contaria com a participação do Vasco da Gama, que se recusou a excluir de sua equipe os 12 jogadores negros (Franco Júnior, 2007).

A história do futebol está, portanto, intrinsecamente, ligada ao confronto entre classes sociais. Em sua chegada elitista ao Brasil, a prática do futebol esteve presente nos conflitos entre pobres e ricos, negros, indígenas, mestiços e brancos. Tal disputa de forças entre poderosos e oprimidos e tentativas de controle social deram origem ao futebol na Inglaterra e no Brasil. Até então, não se ouvia falar do envolvimento de mulheres no futebol, tampouco de mulheres indígenas. É notório que o mundo do futebol se caracterizou por ser, desde sua origem, um espaço exclusivamente masculino. Nessa perspectiva, questionamos: qual o lugar da mulher no País do futebol?

Existem diferentes versões sobre o início da prática do futebol feminino no Brasil. Em uma das versões apresentadas, a primeira partida oficial de futebol feminino no Brasil aconteceu em 1921, como uma atração para as pessoas em uma festa junina no estado de São Paulo. Anos

depois, outra partida ocorreu em abril de 1941. Em outra versão, segundo Salles, Silva e Costa (1996), após análise de matéria jornalística do Brasil em 1976, as primeiras partidas de futebol feminino ocorreram na praia do Leblon em dezembro de 1975, as quais aconteciam sempre tarde da noite em virtude de as jogadoras serem empregadas domésticas.

Durante o governo de Getúlio Vargas, foi criado o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941 (Brasil, 1941), proibindo a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”, entre eles, o futebol. Assim, o futebol feminino passou a ser visto como um “desvio de conduta”, dado que permitia às mulheres outras funções “além daquelas consagradas pelo estereótipo da ‘rainha do lar’, que sedimentava a representação da mulher como a ‘boa mãe’ e a ‘boa esposa’ (de preferência seguindo os padrões hollywoodianos de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico” (Franzini, 2005, p. 321).

A liberação da prática esportiva para as mulheres era limitada aos esportes que se diziam compatíveis com a estrutura corporal feminina, gerando, dessa forma, um distanciamento do futebol, pois:

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (Goellner, 2005, p. 145).

É necessário que se mantenha aberta a discussão acerca da desigualdade de espaços para a prática e o investimento no futebol, pois, a despeito de o futebol feminino ter conquistado mais espaço nos clubes e na mídia na última década, a realidade vivenciada pelas jogadoras é totalmente diferente daquela experienciada pelos jogadores homens, ao passo que o histórico do futebol feminino, diante da repressão e da ainda latente falta de incentivo, explica a razão disto.

Incluídos nessa realidade estão os povos indígenas do Brasil, cuja história encontra-se marcada por impactos culturais, sociais, econômicos, de saúde e ambientais, decorrentes da expansão e consolidação da colonização/exploração do homem branco sobre seus territórios. Em nossa região, em particular, a construção de hidrelétricas¹³ foi um fator que trouxe impactos à vida dessa população e expulsou indígenas de suas terras.

13 No Pará temos duas usinas de grande porte: a usina hidrelétrica de Tucuruí e a de Belo Monte. A implantação destas usinas ocasionou o alagamento de algumas cidades e vegetações nativas, alterando o ecossistema local e expulsando comunidades indígenas de suas moradias.

Segundo o censo (IBGE, 2023), 1.693.535 milhão de pessoas se identificam como indígenas, representando 0,83% da população. A maior população indígena encontra-se localizada na região Norte, posto que, nessa região, 753.357 mil indivíduos se declararam indígenas, representando 44,48% da população indígena nacional. No Estado do Pará, há 89.974 mil pessoas que se declararam indígenas.

Em relação às tradições culturais esportivas dos povos indígenas no Brasil, Camargo (2014) revela que eles já praticavam o jogo de bola com os pés, como é o caso dos indígenas habitantes do Alto Xingu (MT). Estes praticam um esporte chamado Katulaiwa, semelhante ao futebol, em que a bola é chutada usando somente os joelhos e a regra se assemelha a do futebol.

Do mesmo modo, os Pareci, com o “futebol de cabeça”, o Xikunahity, praticam sem a participação da mulher indígena. Há, portanto, uma relação de aproximação entre alguns povos indígenas e o esporte com bola. Atualmente, há, também, semelhanças entre indígenas e não indígenas brasileiros, pois ambos demonstram paixão pelo futebol e a exclusão da mulher do jogo.

O povo indígena Asuriní do Trocará

Segundo Franz-Boas (1920 *apud* Lévi-Strauss, 2003, p. 21), “para compreender a história, não basta saber como são as coisas, mas como chegaram a ser o que são”. Nessa linha de pensamento, acreditamos ser importante um olhar sobre a história do povo Asuriní do Trocará, dividida em um período pré-contato e um pós-contato com os não indígenas.

O povo indígena Asuriní da Terra Indígena Trocará, atualmente, vive na região Norte da Amazônia Paraense, município de Tucuruí (PA), sendo constituído por 813 indígenas (IBGE, 2023). Antes, ocupou o município de Pacajá e, depois de conflitos com o povo Parakanã, mudou-se de lugar, estabelecendo-se nessa região, inicialmente, às margens do rio Tocantins. Na década de 1980, com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí e as consequentes inundações em decorrência dessa construção, os indígenas foram obrigados a se deslocar para terras mais distantes da margem do rio.

Entre as transformações ocorridas na TIAT, evidenciamos o excesso de fazendas que se instalaram aos arredores da Terra Indígena, o desmatamento excessivo e a inundação da área localizada às margens do rio, devido à elevação do nível da água. A população indígena, que vive nessa área, distribui-se, principalmente, em quatro aldeias denominadas: Trocará (aldeia central), Ororitawa, Oimutawá e Marirotawa. Imperioso ressaltar que em cada aldeia há um cacique.



Imagem 1 – Mapa de localização da Aldeia Asuriní do Trocará na TI Trocará.

Fonte: Gonçalves (2010).

A mulher indígena

Ao longo da pesquisa bibliográfica na base de teses e dissertações da CAPES e repositórios de artigos acadêmicos como: Revista Movimento; Revista Motrivivência (Revista da Educação Física, Esporte e Lazer da UFSC); Motriz (Revista de Educação Física da Unesp); Revista de Educação Física da Universidade de Maringá; Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes (FuLiA/UFMG); e Plataforma SciELO, constatou-se a existência de poucos estudos realizados sobre a mulher indígena, e nenhum estudo tendo como tema central a prática do futebol pela mulher indígena.

Dentre os estudos encontrados, em sua maioria, predominam visões colonialistas dessas mulheres. De tal maneira que o colonialismo propagou uma visão preconceituosa e estigmatizadora das indígenas. Estudos recentes, como o de Lacerda (2010), que se dedicou a investigar elementos do colonialismo brasileiro presentes na atualidade em nossas políticas, destacam que:

[...] foram múltiplos os papéis da mulher indígena. Abusadas sexualmente, exploradas como escravas, dotadas do nobre papel de mães de famílias de filhos considerados legítimos e ilegítimos. Trabalhavam na roça e com os cuidados da casa e da família, donde provavelmente herdamos nossos mais fortes hábitos de higiene. Foram, também, junto com seu povo, vítimas do extermínio quando este foi conveniente. Geraram, em seus ventres, os primeiros mestiços brasileiros (Lacerda, 2010, p. 44).

Presta (2006) enfatiza que algumas abordagens, adotadas por vários pesquisadores, mascararam a exploração e os abusos sexuais sofridos pelas mulheres indígenas. Para o autor,

os colonizadores que chegavam à América, podendo ser fidalgos ou homens comuns, consideravam as mulheres indígenas como parte da conquista realizada, de modo que podiam ser utilizadas como mão de obra ou abusadas sexualmente. Isto posto, a trajetória de resistência das mulheres indígenas, costumeiramente, é silenciada pela historiografia oficial nos livros didáticos ou pelos estudiosos que preferem ocultar a realidade ao longo da história. Ainda assim, é válido ressaltar que tais mulheres:

[...] não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. [...] Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar (Perrot, 2006, p. 212).

Nessa perspectiva, Wolff (1999), em seu livro intitulado “Mulheres da Floresta”, destaca a atuação das mulheres no processo de constituição dos seringais e na formação da sociedade seringalista. A autora mostra o papel social dessas mulheres de origem cabocla e indígena, evidenciando suas ações de resistência ante as diferentes formas de opressão a que foram submetidas. Como forma de resistência, tais mulheres introduziram seus hábitos, costumes, técnicas e ideias de origem indígena nos grupos familiares dos quais foram obrigadas a fazer parte, envolvendo elementos da cultura indígena e não indígenas, tal como a construção de novas culturas, ainda que:

Um fato um tanto audacioso, visto que, pelos preconceitos existentes, os povos indígenas enfrentam constantemente desafios na luta em busca de direitos, imagine neste caso, **ser indígena e mulher** [grifo meu], o preconceito tende a ser dobrado, pois, como se presencia cotidianamente, mulheres, de forma geral, sofrem constantemente diversas formas de violência e discriminação por apenas serem mulheres, ainda mais sendo mulheres indígenas (Ribeiro, 2017, p. 41).

Alguns estudiosos da temática indígena (Oliveira, 1942; Ribeiro, 2014; Wolff, 1999; Perrot, 2006; Alencar, 2008) relatam que, tradicionalmente, na organização social desses povos, a mulher não detém o papel de submissão. Inclusive, Ribeiro (2014), ao visitar a fronteira do Pará com o Maranhão, relatou que, em algumas aldeias Kaapor, percebeu que as mulheres detinham um papel elevado na organização do grupo. O autor pontua que as tarefas diárias eram divididas entre homem e mulher igualmente, desde as de subsistência até os rituais.

O homem vai à roça com a mulher, ajuda a desbastar o mandiocal, a arrancar as raízes, a arrumá-las num jamaxim e a carregar. Durante a fabricação

de farinha, ele provê a lenha e, ocasionalmente, pode ajudar na secagem, na prensagem do tipiti, na peneiração e na torrefação da farinha. Essas são atribuições femininas e eles não se sentem obrigados a realizá-las, mas, geralmente, nos casais mais jovens, que sempre vivem juntos, há cooperação mesmo nessas tarefas e até entre os velhos, quando a mulher está grávida ou doente (Ribeiro, 2014, p. 243).

Nessa perspectiva, segundo os estudos de Ribeiro (2017) sobre a mulher Asuriní, na contemporaneidade, esta não espera que seus maridos apenas as consultem acerca de determinado assunto, dado que já fazem parte do processo de decisão, em virtude de estarem inseridas nos espaços decisórios. Dessa forma, na atualidade, a mulher Asuriní faz parte das reuniões, expressa sua opinião e participa das decisões que implicam no funcionamento da aldeia Trocará e melhoria para o povo Asuriní.

Enfatizamos que a transformação dos papéis das mulheres Asuriní não se resume a esfera doméstica e comunitária, porque seu engajamento é entendido de forma mais ampla, como também o seu direito ao lazer, incluindo a luta pelo direito ao espaço e materiais adequados à prática do futebol, em que reivindicam as mesmas igualdades de condições que os homens indígenas possuem.

Essa desigualdade de condições ao lazer, especialmente no contexto do futebol, é destacada na fala de Apua Asuriní, ao afirmar que “as mulheres não possuem material para jogar Futebol, jogam descalças e sem uniforme. Os homens não emprestam a bola e nem uniforme” (Apuassu Assurini, 2023). A afirmação de que os homens não emprestam a bola e nem uniforme sublinha a existência de barreiras sociais e culturais que limitam o acesso das mulheres a esses recursos. Isso não apenas ressalta as desigualdades, mas também destaca a necessidade de desafiar normas estabelecidas que restringem a participação destas mulheres.

A voz das mulheres Asuriní, como a de Apua, revelam que estas mulheres desafiam os homens indígenas, reivindicando seus espaços e trazendo à tona essas questões para promover mudanças, particularmente no que diz respeito à prática do futebol. Assim, fortalecem os esforços coletivos da mulher indígena Asuriní para superar esses desafios, desnudando o empoderamento e participação ativa destas mulheres na reivindicação de seus direitos, incluindo o direito a jogar futebol em igualdade de condições com os homens indígenas.

Futebol na/da cultura Asuriní do Trocará

A partir das observações e conversas informais realizadas durante visitas à aldeia Asurini do Trocará entre 2021 e 2023, obtivemos alguns depoimentos sobre a prática do futebol na TI. Em uma dessas conversas, a liderança indígena Pirá Asurini¹⁴ relatou que a prática do futebol entre as indígenas ocorre há muito tempo, representando um momento festivo de encontro

¹⁴ Dentre as perguntas realizadas durante nossa conversa: os Asurini jogam futebol há quanto tempo? Em qual local jogam o futebol? As mulheres jogam também?

para esse povo (homens e mulheres indígenas). Em relação às mulheres indígenas, a liderança relatou que as mulheres jogam no final da tarde em virtude de seus afazeres domésticos.

Em um diálogo com o antigo Cacique geral¹⁵, o capitão Kajuangawa Asuriní (86 anos), acompanhado de sua esposa Kossesinga Asuriní (**Imagem 2**), em sua narrativa relembra o campo de futebol localizado as margens do rio Tocantins, revelando que jogou muitas vezes neste campo e naquela época somente os homens jogavam.

Ao longo da conversa, com o senhor Kajuangawa (2023) o indagamos sobre o futebol praticado pelas mulheres Asuriní atualmente, e ele destacou nominalmente suas netas e bisnetas que hoje jogam futebol. Assim como, disse que várias delas haviam viajado à aldeia dos Gaviões para um evento em que iriam também jogar futebol neste mês de outubro. O destaque dado às netas e bisnetas que hoje jogam futebol, indica uma mudança na dinâmica da prática do futebol, especialmente no que diz respeito à participação das mulheres indígenas, pois o próprio Kajuangawa em relato anterior afirmou que no período em que jogava futebol às margens do rio Tocantins, somente os homens jogavam.



Imagem 2 – Conversa com o Senhor Kajuangawa e sua esposa Kossesinga.¹⁶

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2023).

A mulher Asuriní joga futebol com os pés descalços, sem divisão por faixa etária, pois, em um mesmo time, há mulheres entre 13 e 47 anos. Durante a visita ao lócus da pesquisa, assistimos um torneio de futebol. Na aldeia Asuriní, o torneio de futebol se inicia com os jogos dos homens indígenas, enquanto os “jogos principais” são os das mulheres indígenas. Outra observação interessante foi que, inicialmente, jogariam dois times femininos, mas surgiu um terceiro time. Isso porque as mulheres reivindicaram junto aos homens a entrada desse terceiro time. Depois de muita insistência delas, permitiu-se a participação do terceiro time.

A reivindicação das mulheres para a entrada do terceiro time e a persistência até que fosse permitida a participação deste evidenciam um papel ativo dessas mulheres, revelando que as

¹⁵ Passou o cargo ao seu filho Imuiwa Asuriní, hoje o capitão geral dos Asuriní do Trocará.

¹⁶ Todos os participantes da pesquisa assinaram as autorizações: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização do Uso de Imagem e Voz.

mulheres indígenas da aldeia Asuriní não apenas participam do futebol, mas também buscam, ativamente, melhorias, igualdade de oportunidades e reconhecimento na prática do futebol.

Verificamos que o futebol praticado por essas mulheres possui as mesmas regras e normas esportivas que o praticado pelas mulheres não indígenas. A diferença está na formação dos times e nas competições entre os grupos étnicos/famílias nos torneios da aldeia, isso porque:

[...] Dentro ou fora dos limites escritos do campo de jogo, são semelhantes aos daqueles como qual gostando ou não, estamos familiarizados – das “peladas” assistidas ou praticadas, da televisão, dos estádios. Semelhantes não é o mesmo que iguais, o que pode fazer toda a diferença (Viana, 2001, p. 15).

Buscando compreender o significado da prática do futebol para a mulher Asuriní, coletamos os relatos abaixo:

[...] é algo importante que faz a gente desenvolver conhecimento (Asuriní 1, entrevista do dia 14/06/2023).

É uma modalidade que é muito importante para nós indígenas, as mulheres sempre se dedicam no futebol, eu gosto. É uma diversão! [...] É muito bom quando a gente se reúne, sempre é uma diversão (Asuriní 2, entrevista do dia 14/06/2023).

É algo muito importante! (Asuriní 3, entrevista do dia 14/06/2023).

O futebol para a mulher Asuriní é muito importante que traz conhecimento [...] é a gente se reunir, jogar futebol e ter uma diversão (Asuriní 4, entrevista do dia 14/06/2023).

O futebol para a mulher Asuriní é uma coisa de conhecimento que faz a gente se desenvolver [...] se reunir e jogar futebol é sempre uma diversão (Asuriní 7, entrevista do dia 15/06/2023).

Apesar dos relatos anteriores elucidar que as mulheres têm uma relação de amor com o futebol, tal relação está longe de ser pacífica com os homens da aldeia em relação ao espaço destinado à prática do futebol – o campo –, e com os materiais esportivos necessários a essa prática, como demonstram os relatos que seguem:

[...] quando as meninas querem jogar bola os meninos estão lá (Asuriní 1, entrevista do dia 14/06/2023).

Os meninos sempre tomam a frente das meninas, e a gente fica sem jogar (Asuriní 3, entrevista do dia 14/06/2023).

A diferença é que quando as meninas querem jogar os meninos estão lá [...] os meninos tomam a frente das meninas, e a gente fica sem jogar (Asuriní 7, entrevista do dia 15/06/2023).

A falta de treinador para as mulheres indígenas foi uma reclamação feita por todas as indígenas durante as rodas de conversa. Elas afirmaram que há treinadores e material esportivo somente para os homens indígenas. Também apontaram que sempre ficam na beira do campo esperando os homens saírem para elas jogarem e, quando percebem que eles não sairão, invadem o campo, permanecendo no seu centro até que os homens se retirem e, assim, elas possam começar a jogar futebol. Em vista disso, frequentemente, a mulher Asuriní precisa “embaçar”¹⁷ o jogo dos homens para poder ter sua vez de jogar futebol.

A despeito do grande número de mulheres praticantes de futebol na AIAT, ressaltamos que vários projetos destinados à prática de futebol passaram pela aldeia, entretanto a prática de futebol era destinada somente aos homens indígenas. Apesar disso, o futebol está presente na AIAT entre as mulheres Asuriní do Trocará, seja no uso de camisa de times, tatuagens, pintura das casas ou na prática do futebol (**imagem 3**).



Imagem 3 – Pannel de fotos retratando a presença do futebol na AIAT.

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2023).

¹⁷ “Embaçar” – essa palavra foi usada por um indígena de 15anos ao se referir ao momento em que estão jogando futebol no campo, sem permitir que as mulheres possam jogar e as mulheres invadem o campo, expulsando os homens para que possam também jogar.



Imagem 4 – Mulheres indígenas com pintura corporal para a prática do futebol.

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2023).

Estas mulheres atribuem nomes indígenas em seus 04 times (**Imagem 5**): o **Tasahoa**, o **Ta'owa**, **Ytutawa** e o **Iwitatoihara** e fazem pintura corporal para jogar futebol, e, ao serem questionadas se havia uma pintura corporal específica para a prática do futebol, responderam que não! E, explicaram que fazem pintura específica para festa, pois consideram a prática do futebol um momento festivo, de alegria (imagens 4).



Imagem 5 – Times de mulheres indígenas Asuriní do Trocará.

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2023).

A líder Apua Asuriní (entrevista do dia 03/06/2023) relata que sua filha joga com ela no time. As líderes dos times afirmaram que, para jogar futebol no campo grande de areia, precisam “brigar” com os homens por causa do campo. Isso porque chegam entre 15h e 16h ao campo para jogar, quando os homens já estão jogando. Elas esperam e, para que possam jogar, muitas vezes, precisam invadir o campo, postando-se no meio dele e saindo apenas quando eles as deixam jogar. Ao longo da roda de conversa com as lideranças dos times de futebol: Apuassua Asuriní, Tarumatinga Asuriní, Miriásangwa Asuriní e Paranatinga Asuriní afirmaram em entrevista que:

As mulheres não possuem material para jogar Futebol, jogam descalças e sem uniforme. Os homens não emprestam a bola e nem uniforme [...]. Jogamos uma única vez na cidade, porque não temos transporte, nem calçado, ... [...] não tem dinheiro nem para comprar o pão de manhã [...] No torneio da cidade voltamos com os pés muito machucados, porque jogamos sem chuteiras (Apuassu Asuriní, entrevista do dia 03/06/2023).

A declaração das lideranças dos times de futebol Asuriní, destacam desafios significativos enfrentados pelas mulheres na prática do futebol em sua comunidade, e a luta diária destas mulheres para realizarem a prática do futebol. O estudo pôde capturar a prática do futebol efetiva pelas mulheres Asuriní do Trocará, e, também a complexa e rica relação entre a prática do futebol e a cultura Asuriní se refletindo também na incorporação de palavras relacionadas ao futebol à língua tupi-guarani falada pelos Asuriní do Trocará, sendo um exemplo claro dessa integração de elementos culturais. Nessa perspectiva, a professora Morosopia Asuriní, informou-nos algumas terminologias em tupi-guarani relacionadas ao futebol e à sua prática, conforme **Quadro 1**.

Quadro 1 – Terminologias em tupi-guarani relacionadas ao futebol e à sua prática.

Tupi-guarani	Português
<i>Ywá mamahawa</i>	Futebol
<i>Ywá</i>	Bola
<i>Nakawa'é</i>	Estádio
<i>E' apo imong'o ywá</i>	Faz o gol
<i>Eré samaman ywá</i>	Vamos jogar bola
<i>Eré</i>	Vamos
<i>Emamam ywá seope</i>	Joga bola para mim
<i>Emamam ywá isope</i>	Joga bola para ela
<i>Eron ywá</i>	Traz a bola
<i>Eson ywá herotá</i>	Corre com a bola
<i>Emaman ywá koweí</i>	Chuta a bola logo

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O projeto Aldeia do futebol

Por intermédio do Edital nº 1, de 3 de agosto de 2020 (Brasil, 2020), do Ministério da Cidadania (atualmente Ministério dos Esportes), que selecionava projetos para fazer parte do programa Academia & Futebol, submetemos e aprovamos o projeto Aldeia do Futebol PARA ser desenvolvido na AIAT com as mulheres indígenas. No entanto, os recursos financeiros não foram disponibilizados pelo Governo Federal. Ainda assim, devido à expectativa e à importância demandada por essa comunidade, estamos desenvolvendo o projeto com materiais advindos do projeto PARA.BOLA¹⁸.

Os treinamentos ocorrem aos sábados pela manhã, e regularmente as mulheres Asuriní participam dos treinamentos. Ao entrarmos na TIAT, saímos buzinando e ao verem o carro se deslocam para o campo pois sabem que o treinamento irá iniciar.



Imagem 6 – Treinamento com as mulheres indígenas que jogam futebol.

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2023).

O futebol entre as mulheres indígenas já existia na aldeia Asuriní do Trocará, o Aldeia do futebol busca potencializar esta prática, na busca da promoção da igualdade de gênero e na valorização das habilidades esportivas das mulheres indígenas, fortalecendo o senso de comunidade, empoderamento e autoestima, porque o futebol deve ser para todos, independentemente do gênero ou da origem étnica.

Considerações finais

No que se refere, especificamente, ao futebol praticado por mulheres indígenas, não foram

¹⁸ Projeto aprovado em 2019 pelo Programa Academia & Futebol/Ministério da Cidadania, atualmente Ministério do Esporte, com liberação de recursos financeiros para pesquisas e ampliação da prática do futebol na área urbana do município de Tucuruí (PA).

encontrados estudos acerca dessa temática nas revistas acadêmicas e na plataforma de teses e dissertações da CAPES, no período entre 2011 a 2023, e nos repositórios de revistas acadêmicas, justificando a relevância deste estudo. Evidenciaram-se, nas pesquisas encontradas, tão somente estudos relativos às manifestações culturais, mitos e ritos tradicionais e o papel da mulher indígena na transmissão de saberes tradicionais.

A prática do futebol faz parte do cotidiano da AIAT. Nessa perspectiva, Silva (2023), ao entrevistar a professora Morosopia da escola indígena, relatou que ela, ao planejar suas aulas com os demais professores de língua materna, escreve em seu caderno frases usadas no dia a dia da comunidade em português e na língua Asuriní. Dentre estas, apareceu “vamos jogar bola”.

Portanto, “jogar bola” faz parte do dia a dia desse povo, sendo uma realidade na Aldeia Asuriní do Trocará, praticada também pelas mulheres indígenas Asuriní do Trocará, fazendo parte do cotidiano dessas mulheres não somente como forma de lazer, mas também como forma de empoderamento, visto que reivindicam: espaço para jogar futebol, treino regular, participação em campeonatos, acesso a materiais e a treinamentos adequados, ou seja, oportunidades apenas destinadas aos homens indígenas.

O futebol que penetrou na cultura Asuriní do Trocará, preliminarmente, introduzido pelos não indígenas, na atualidade, faz parte da centralidade dos eventos, do lazer e da interação entre etnias e entre indígenas e não indígenas. Dessa forma, “jogar futebol” para as indígenas detém um potencial intercultural a ser incorporado em políticas públicas, no esporte e no lazer das populações (Nascimento, 2015, p. 118), porque “o futebol praticado pelos indígenas rompe as fronteiras espaço/lugar, podendo ser visto dentro e fora das aldeias, numa dimensão para além do jogo e sua organização técnica”.

Por fim, entre todas as idas e vindas à comunidade indígena Asuriní do Trocará, arremessando nossa rede de pesca no rio caudaloso da cultura, costumes, ritos e prática do futebol pelas mulheres indígenas, pescamos informações e trouxemos um pouco do que observamos ao longo do nosso trabalho de campo, buscando compreender tal prática dentro do contexto Asuriní do Trocará e de sua relação com a sociedade envolvente, sem ofuscar as necessidades latentes desse povo.

Assim, pretendemos contribuir com os estudos na área e estimular outros estudiosos a navegar por esse rio caudaloso, inspirando novas curiosidades. Temos a certeza de estarmos diante de um estudo inacabado porque as histórias, as pessoas, as culturas e os estudos estão em constante processo de construção e reconstrução.

Referências

ALENCAR, J. Mulheres que jogam: primeiras aproximações sobre as manifestações do processo civilizador nos jogos dos povos indígenas. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, 2008. p. 1-9.

AQUINO, R. S. L. **Futebol Uma Paixão Nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2002.

BOAS, F. **Antropologia cultural**. Celso Castro (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 87.845, de 22 de novembro de 1982**. Homologa a demarcação da área indígena que menciona, no Estado do Pará. Brasília, DF: Presidência da República, 1982. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos/decretos/1982/d87845.html. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-Lei nº 3. 199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1941. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834**. Faz algumas alterações e adições à Constituição Política do Império, nos termos da Lei de 12 de outubro de 1832. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1834. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim16.htm. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. DOU - Publicado em: 05/08/2020 | Edição: 149 | Seção: 3 | Página: 5, Edital nº 1, de 3 de agosto de 2020. Ministério da Cidadania/Secretaria Especial do Esporte/Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor.

CAMARGO, V. T. Jogos indígenas: etnias brasileiras jogavam bola antes da chegada de Charles Miller. **Ciência e Cultura**, [S.l.], v. 66, n. 2, p. 54-55, 2014.

COSTA, C. E. Futebol em campo, no campo da etnologia: o desporto bretão e a esportividade ameríndia. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 64, n. 3, p. e189722, 2021. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2020.189722. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/189722>. Acesso em: 24 set. 2023.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Com-

panhia das Letras. 2007.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev Bras Hist**, [S.l.], v. 25, n. 50, p. 315-328, jul. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012>

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GOELLNER, S. V. Mulheres E Futebol No Brasil: Descontinuidades, Resistências e Resiliências. **Movimento**, [S.l.], v. 27, p. e 27001, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 17 dez. 2023.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 2 mar. 2023.

GONÇALVES, Rosiane Ferreira. **Autonomia e sustentabilidade indígena: entraves e desafios das políticas públicas indigenistas no estado do Pará entre 1988 e 2008** / Rosiane Ferreira Gonçalves; Orientadora, Ligia T. L. Simonian. – 2010.

HELAL, R.; SOARES, A.; LOVISOLO, H. **A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

IBGE. IBGE disponibiliza Base de Faces de Logradouros do Censo 2022. Estatísticas Sociais IBGE. 2023. Disponível em: [Censo Demográfico 2022 \(ibge.gov.br\)](https://censos.ibge.gov.br). Acesso: 12 set. 2023.

LACERDA, M. B. “**As mulheres no Brasil Colonial**”. Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil. 2010. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NASCIMENTO, R. **O Futebol Munduruku: Um Jogo Estratégico Nas Relações Interétnicas E Interculturais Em Juara-Mt**”. 2015 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

OLIVEIRA, J. J. M. “**Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil?**”. [S.l.]: RIHGB, t. IV, 1842.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRESTA, A. M. “Indígenas, españoles y mestizaje en la región andina”. *In*: MORANT, I. (dir.). **Historia de las mujeres en España y América Latina**. Vol. II: El mundo moderno. Madrid: Cátedra, 2006.

RIBEIRO, B. N. P. **A crença na Sawara e a inserção de credos não indígenas entre o povo Assurini do Trocará, no município de Tucuruí-Pará**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, 2014.

RIBEIRO, B. N. P. **Mahíra e os saberes femininos: gênero, educação e religiosidade na comunidade indígena Assurini do Trocará, município de Tucuruí/PA**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

ROSA, A. L. **Operários da Bola: Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SALLES, J. G. C.; SILVA, M. C. P.; COSTA, M. M. “Mulher e o futebol: significados históricos”. *In*: VOTRÉ, S. J. (org.). **A Representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.

SEVERINO, C. M. **Nós é que somos banguenses**. Brasília, DF; João Pessoa: Ícone, 2010.

SILVA, S. V. **O ensino da língua Asuriní na Aldeia Trocará**. 2023. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2023.

VIANNA, F. L. B. **A bola, os “brancos” e as toras: futebol para índios Xavantes**. 2002. 459 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

WOLFF, C. S. **Mulheres da floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890- 1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

O ETNOFUTEBOL INDÍGENA DO POVO GAVIÃO KYIKATEJÊ DO PARÁ: APROXIMAÇÕES PSICOSSOCIAL, ETNOPSICOLÓGICA E ETNOESPORTIVA

Fabio José Cardias-Gomes
Everson Carlos da Silva

Introdução

Este estudo objetiva conhecer, apresentar e ampliar saberes sobre o futebol indígena desenvolvido entre os povos Timbira, em especial o povo Gavião Kyikatejê, que possuem e defendem seu território no estado do Pará, o qual ficou conhecido por ter saído daquela região o primeiro time de futebol indígena não só do Brasil, mas do mundo, conforme a própria Federação Internacional de Futebol (FIFA). A perspectiva teórica-metodológica deste trabalho se dá pelo viés da observação em campo, do etnográfico com coleta de dados no território, e entrevista não estruturada, sob análise psicossocial do esporte, abordagem etnoesportiva e etnopsicológica, que são concepções desenvolvidas ao longo do texto. Um dos personagens principais desta história do futebol Gavião Kyikatejê foi entrevistado, o renomado e primeiro treinador indígena: o senhor e protagonista Zeca Gavião.

Inicialmente, ao estudarmos a noção de Cultura Corporal de Movimento o compreendemos como um termo amplo que abrange todas as práticas corporais que foram historicamente desenvolvidas e possuem relevância cultural. Isso inclui danças, jogos, lutas, ginásticas e esportes, todos com transmissão intergeracional e configuradores da identidade sociocultural (MIARKA; SILVA, 2022).

Posteriormente, ao investigarmos os dois conceitos de etnoesporte presentes na literatura contemporânea, o conceito brasileiro de Fassheber (2006) e o russo de Kylasov (2012), implicam tanto as práticas corporais que têm suas raízes fincadas nas tradições ritualísticas do grupo étnico-cultural específico quanto as práticas esportivas modernas dentro do mesmo grupo, geralmente os últimos tendo uma relação com os primeiros, ou seja, ressignificam práticas ancestrais, como veremos.

Ambos os conceitos refletem as crenças, os valores e as tradições de sociedades tradicionais, nas quais a prática corporal ancestral e moderna desempenham papéis no entretenimento, de lazer, de fazer a pessoa indígena e na defesa territorial, além de atuarem como veículos de expressão cultural e de preservação das tradições ancestrais no mundo contemporâneo, colonialista e violento com os quais lidam esses povos e suas tradições (CARDIAS-GOMES,

2019).

Essas conceituações de etnoesporte buscam esclarecer os valores dessas práticas não só como exercícios físicos, práticas corporais e esportivas, mas também como patrimônios culturais vivos e memoráveis, que merecem reconhecimento e valorização social por sua contribuição à diversidade cultural e histórica do Brasil, como veremos mais abaixo.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 217 garante que:

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados:

IV - A proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. (BRASIL, 1990).

O artigo 217, inciso IV, da Constituição Federal estabelece como dever do poder público a proteção e o fomento às manifestações esportivas de caráter nacional. Logo, torna-se imprescindível a implementação de políticas que estimulem tais práticas, enaltecendo a cultura da sociedade brasileira através do esporte.

As práticas desportivas indígenas são frequentemente um meio de perpetuar sua cultura, história e identidade. Portanto, é de suma importância que o Estado desenvolva e execute políticas públicas que assegurem o acesso e o estímulo a essas práticas, consolidando os direitos culturais dos povos indígenas e promovendo sua inclusão social. Esta abordagem não só atende ao mandato constitucional, mas também contribui para a valorização e preservação da diversidade cultural inerente ao Brasil (SILVA; NAVARRO, 2015).

É importante destacar que as manifestações desportivas dos povos tradicionais são amplamente amparadas pelo artigo 215 da Constituição Federal de 1988, que trata especificamente da proteção e valorização da cultura. Conforme destacado abaixo:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I - Defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II - Produção, promoção e difusão de bens culturais;

III - Formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV - Democratização do acesso aos bens de cultura;

V - Valorização da diversidade étnica e regional.

§ 4º A lei estabelecerá as condições de acesso aos recursos públicos da cultura, incentivando a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 5º É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a fundo estadual de fomento à cultura até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, para o financiamento de programas e projetos culturais. (BRASIL, 1990).

A discussão sobre as práticas esportivo-culturais indígenas evidencia a importância de elementos como identidade étnico-cultural e sua diversidade. Estas atividades simbolizam uma ligação histórica e significativa com a natureza e com suas terras ancestrais, atuando como expressões de resistência cultural face ao processo de colonização violento e de desapropriação de terras. Além disso, as práticas esportivas indígenas estão entrelaçadas a uma cosmovisão e cosmopolíticas que prezam a relação e o respeito à natureza, evidenciando a interdependência vital entre a humanidade e o ambiente natural (SANTOS, 1999).

O Art. 31 da Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas garante que os povos indígenas tenham o direito de controlar, desenvolver e manter seu patrimônio cultural, conhecimentos tradicionais e expressões culturais, incluindo suas ciências, tecnologias e culturas. Além disso, o artigo protege suas propriedades intelectuais relacionadas a esses elementos culturais, permitindo que eles preservem e transmitam suas tradições para as gerações futuras.

Os povos indígenas têm o direito a manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais e as manifestações das suas ciências, tecnologias e culturas, compreendidos os recursos humanos e genéticos, as sementes, os medicamentos, o conhecimento das propriedades da fauna e da flora, as tradições orais, as literaturas, os desenhos, os esportes e os jogos tradicionais e as artes visuais e interpretativas (ONU, 2007, p. 21).

Entretanto, a origem dos jogos da humanidade se confundem com a origem da mesma. Durkheim, por exemplo, em “As formas elementares da vida religiosa” se debruçou sobre os rituais australianos a partir de documentos produzidos por diversos etnógrafos e administradores coloniais sobre tais populações para explicar que as origens da religião se dão pela separação entre sagrado e profano. Os estudos iniciais dos jogos também se deram

pelos primeiros registros escritos dos primeiros etnógrafos, missionários e colonizadores. Como veremos abaixo.

Revisão da literatura

Ressalta-se que este estudo tem grande influência e inspiração a partir dos estudos iniciados por Fassheber (2006a, 2006b, 2010), Freitag e Fassheber (2011) e Fassheber, Freitag e Gouvêa (2019). José Ronaldo Mendonça Fassheber nos deixou muito precoce e recentemente, neste ano de 2023. Estava professor da Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR), mineiro que se estabeleceu no Paraná, teve tese doutoral premiada pela Capes, em 2010. Deixou um profícuo trabalho e abriu caminhos para se compreender o esporte indígena, o etnoesporte, o etnofutebol, a partir de seu caminhar com os povos Kaingang do sul. Grande parte das referências abaixo contidas são frutos do estudo de sua obra fértil e sementada.

Em seus estudos iniciais sobre os jogos tradicionais, Fassheber aponta para o clássico Durkheim (1996) “*As formas elementares da vida religiosa*”, para quem os jogos e recreações, incluindo as danças, foram incorporados ao espírito religioso, funcionando como uma forma de distensão contra os rigores da vida religiosa. Os jogos triam sua origem nas representações do ritual religioso, o culto seria uma espécie de ritual de recreação, ou seja, os elementos recreativo e estético dos rituais e/ou ritos. Os jogos tradicionais carregam o aspecto recreativo cujas representações para Durkheim são estranhas ao fim utilitário, permitem que esqueçamos o mundo real, deixa a imaginação a vontade, distraem.

E também para Lévi-Strauss (1997) e suas relações e diferenças que faz entre jogo e rito. O jogo se definiria pelo conjunto de regras, pelo rito que também se joga. As diferenças entre jogo e rito seriam estruturais. O jogo aparece como *disjuntivo*, há uma divisão diferencial entre os jogadores individuais ou equipes, porém não desiguais. De maneira inversa o ritual é *conjuntivo*, pois institui uma união. No caso do jogo, a simetria é pré-ordenada; estrutural, decorre do princípio das regras sendo as mesmas para os dois campos. Já o rito está para a assimetria, decorre da contingência dos fatos, depende da intenção, do acaso ou do talento. Ocorre o inverso no ritual, a assimetria preconcebida é postulada entre profano e sagrado, fiéis e oficiantes, mortos e vivos, iniciados e não-iniciados. O *jogo conjuntivo do rito*, consiste em fazer passarem todos os participantes para o lado da parte vencedora, o *jogo disjuntivo* divide entre quem ganha e quem perde a partir de oportunidades iguais.

Dos estudos dos Jogos tradicionais ameríndios, Fassheber aponta que os praticados pelos ameríndios é pouco mensurado, que a literatura possui muitas lacunas em dados etnográficos. Que Renson (1992) aponta a falta de dados sobre os jogos tradicionais da América do Sul e no mundo, e que é apenas nas quatro últimas décadas que a pesquisa antropológica sobre jogos e esportes têm experimentado um impulso. Culin (1975), em 1903, teria feito a primeira classificação dos jogos tradicionais indígenas da América do Norte, dividindo-os em duas grandes classes: jogos de azar e jogos de destreza. Chan (1969) relata sobre os índios do antigo México,

que seus jogos aproximavam povos, regulavam relações sociais e por isso davam significado ao treinamento físico, com procedimentos rituais, tais como sacrifícios humanos, os que o deixa em comparatividade com os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga ou do mais antigo Egito (Kemet).

Ainda nos rastros de Fassheber, Freitag e Gouvêa (2019), Nabokov (1981), ao estudar os Incas pré-colombianos, observa que houve engenhadas estrada na Cordilheira dos Andes, cujas extensão se faziam comunicar pela corrida todos os povos das terras altas e baixas da América do Sul em relação à capital incaica. Fassheber aponta que há uma literatura recente de exemplos inventariados por colegas antropólogos e por poucos professores de Educação Física. No Brasil, a corrida de Toras foi primeiro registrada por Nimuendajú ([1934] 2001), contemporaneamente estudada por Vianna (2001). O Joga Bunda, o Jogo de Soco e a Peteca Kadiwéu e a peteca Guarani e Sambo-Nhanderi por Vinha (1999, 2004), exemplos de estudos que registramos em nossas pesquisas bibliográficas.

Rocha-Ferreira, Vinha, Tagliari, Fassheber, Ugarte (2005) apontam uma noção mais próxima da qual concebemos: a de que há uma integração da cosmovisão desses povos entre jogo e ritual, não separados. Ainda que cada povo tenha sua visão cosmopolítica, na América como um todo, os autores apontam que pesquisadores como Von Vriessen (1997), por exemplo, já havia proposto a inseparabilidade entre as relações jogos-rituais. E como bem observado, os funerais antigos já incluíam competições, como é o caso milenar da corrida de tora Timbira (CARDIAS-GOMES, 2021a; 2021b). Os jogos tradicionais indígenas são práticas corporais e também rituais, com ludicidade, com mitos que lhes deram origem, e portanto, congregam em si o mundo material e imaterial de cada etnia, inseparáveis, não coincidindo com a noção ocidental colonizadora. E também requerem aprendizado específico de habilidades motoras, psicossociais e estratégias do jogo-ritual, para formar a pessoa-étnica de cada aldeia-comunidade. Ou seja, os autores acima bem observam que as práticas corporais indígenas são rituais, para agradecer a um ser sobrenatural, os encantados, para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Também ritos de passagem, a preparação da criança para a vida jovem e adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Não existem medalhas de ouro, ainda que haja ganhadores e perdedores, a premiação é o prestígio, o reconhecimento do esforço, a busca da participação equilibrada com significados e experiências que são incorporadas pela pessoa indígena em grupo.

Entretanto, resumindo e de acordo com Fassheber e Cardias-Gomes (2020), os estudos sobre as práticas corporais ameríndias, ao retomarem que a literatura social ao longo da década de 1960 a 1980 são inauguradas com Chan (1967), Cullin (1975) e Nobokov (1981). Que no Brasil os exemplos são raros, destacando o futebol de cabeça do povo Paresi, o Zikunati ou Zukunahati, o qual foi registrado por Rondon em 1906, bem como a corrida de toras por Nimuendajú em 1946. Só posteriormente Melatti em 1975 estuda a corrida de toras como ocorre entre os povos Kraô, no antigo Goiás, atual Tocantins.

Podemos até pensarmos, em outro momento de escritura, em uma periodização tripartite:

a) primórdios: registros escritos raros e iniciais (1900), b) etnografias posteriores por antropólogos (1940-1980) e c) retomadas do tema, vide a ameaça de extinção dos Jogos Tradicionais e a construção de conceitos como esporte indígena e etnoesporte vide a mescla entre jogos e esportes modernos nas aldeias, em especial o futebol indígena, quilombola, ribeirinho e outras comunidades tradicionais no Brasil (2001-atual)..

Fassheber estudou as práticas corporais do povo Kanjire e do futebol entre os Kaigang, com tese sobre Etno-Desporto indígena, de 2006, premiada em 2010 como melhor tese Capes na subárea, vindo a falecer precocemente em 2023, como antes notado. Em 2012, Kylasov defende tese doutoral forjando o tema em inglês: *Ethnosport*, a partir das suas etnografias na Rota da Seda Oriental e na Sibéria. Como o próprio Fassheber afirmava, com diferença de seis anos de seus trabalhos, ambos não conheciam um o trabalho do outro, sendo pouco provável que Kylasov viesse a saber dos trabalhos de Fassheber no Brasil. Vieram a se conhecer em tempos recentes e online, porém, a barreira da língua impediu trocarem mais, havendo diferenças e semelhanças de seus conceitos, com autores principais da antropologia. O Etno-Desporto indígena em Fassheber e o *Ethnosport* em Kylasov não constituem caso isolado na ciência ocidental na busca de formulação de conceitos acadêmicos aproximados.

A partir do século XXI, diversas associações de Jogos Tradicionais ou *Traditional Sports and Games* (TSG) e *Ethnosport* se estabeleceram desde a Europa e os Estados Unidos (EUA), organizados por regiões, países e continentes com reconhecimento e institucionalizados como uma questão global, pois é notório as ameaças de extinção desses pratimônios materiais e imateriais que são os jogos tradicionais, como apontou La Vega (2021). Essas organizações se apresentam como associações dialógicas que se classificam como promotoras, apresentadoras, protetoras e fomentadoras de TSG e estudos e experiências como são os exemplos: *TSG Association* dos EUA, TSG na Europa, a *World Ethnosport Confederation* na Turquia e países árabes, a *World Ethnosport Association* com sede em Latvia e Rússia, esta última fundada pelo próprio Kylasov.

Porém, o conceito de Etnoesporte é mais contemporâneo em comparação ao de Jogos Tradicionais. O conceito proposto por Fassheber, o de Etno-Desporto indígena, segundo conversa informal que tivemos, foi sugerido por um colega acadêmico dele, o cientista político professor Dr. Raul Francisco Magalhães, da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, lembrando que Fassheber era mineiro. Ainda segundo Fassheber, anos depois o antropólogo do esporte, estudioso de futebol e torcidas, Luiz Henrique Toledo, da Universidade Federal de São Carlos/SP (TOLEDO, 2001) também sugeriu em artigo acadêmico o termo Etno-esporte ao se referir a pesquisas com esportes praticados em meio às sociedades indígenas que começavam a aparecer com mais frequência: como em Vinha e Rocha-Ferreira (1997), Vinha (1999, 2000, 2001a, 2001b) sobre as práticas brincantes e esportes entre os povos Kadiawé, em Fassheber e Rocha-Ferreira (2001) sobre o futebol entre os povos Kaigang e em Vianna (2001) sobre a corrida de tora e o futebol indígena entre os povos Xavante.

Assim, a concepção de Fassheber (2006, 2010) sobre Etno-Desporto indígena é a seguinte:

O Etno-Desporto indígena está então fundamentado nas possibilidades das culturas adaptarem e transformarem suas próprias tradições e adaptarem e transformarem as tradições advindas do contato. Mais que adaptar e transformar, o Etno-Desporto expressa o processo de ressignificação de valores culturais e uma re-inserção com o mundo dos brancos: a criação – pela mimesis – de uma segunda natureza [...] (FAS-SHEBER, 2010, p. 87).

Já a noção de Kylasov (2012) sobre *Ethnosport* é a que segue abaixo, de uma tradução livre da obra em versão de língua inglesa disponibilizada pelo autor da mesma, sendo que a obra original é em língua russa:

Partindo desta posição básica, o Ehtnosport (objeto de uma teoria) pode ser definido como uma forma institucional de espaço social e cultural unido para todos os estilos tradicionais de atividade física (sem a formação de organizações desportivas), federações desportivas dos chamados “desportos nacionais”. e amplamente revividos como reconstruções históricas – jogos tradicionais como parte integrante dos festivais tradicionais (KYLASOV, 2012, p.12).

Enquanto o conceito de etno-desporto indígena em Fassheber (2006, 2010) parte da experiência do autor com o povo Kaigang, sugere a extensão do termo a outros povos, destaca o conceito antropológico de mimésis desde Taussig, indica a possibilidade de adaptação, transformação e ressignificação de valores culturais e a re-inserção no mundo globalizado, como uma segunda natureza (ou consciência) dos jogos tradicionais e os esportes modernos entre os povos e etnias. Por outro lado, já o conceito de *ethnosport* em Kylasov (2011, 2012) propõe institucionalizar no espaço sociocultural os estilos tradicionais de jogos tradicionais sem a necessidade de formação de federações aos moldes esportivos mas revividos como reconstruções em festivais tradicionais, mesmo além dos ciclos rituais, porém sem considerar os esportes modernos, o que o diferencia de Fassheber, e também partindo de outras referências antropológicas, especialmente russas.

Se até aqui apresentamos referências baseadas no saber antropológico, é porque os antropólogos chegaram primeiro que os psicólogos nessa temática, que só agora demonstram interesse no tema, ainda que tímido. Daí a necessidade de um diálogo interdisciplinar, ou mesmo transdisciplinar, entre saberes e fazeres antropológicos e psicológicos.

Por exemplo, é recente o interesse da psicologia, da psicologia social e da psicologia do esporte e exercício em temas como etnia, raça, antirracismo, interculturalidade, povos indígenas e tradicionais. Por exemplo, em *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil* (PIZA et al, 2016), Kabengele Munanga denuncia o embranquecimento como ideologia educacional e cultural, escolarizado, alienado à pessoa negra (pretos e pardos) o qual batizou de Racismo a Brasileira. Em *Psicologia Social do Esporte* (RUBIO;

CAMILO, 2019), Junior e Rubio, em estudo sobre o negro no esporte brasileiro, no capítulo *Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro: implicações para a Psicologia Social*, concluem que o assunto ainda merece investigação profunda e que só agora se iniciou com as novas leis de injúria racial e discriminação racial, presentes fortemente no esporte e futebol mundial. Tanto a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) quanto a Associação Brasileira de Estudos da Psicologia do Esporte e Exercício (ABEPEEX) trazem em suas edições de congressos grupos de trabalho sobre as problemáticas acima.

Ao investigarmos práticas esportivas indígenas sob viés psicológico e antropológico, ou antropopsicológico, sob métodos etnográficos, estamos a investigar uma psicologia de uma etnia, uma etnopsicologia. Etnopsicologia foi o termo que substituiu o nome de uma revista francesa do meado do século XX, a *Ethnopsychologie*, que substituiu o título anterior *Psychologie des peuples* (Psicologia dos povos). Moritz Lazarus e Heymann Steinthal usaram o termo Psicologia dos povos primeiro que Wilhelm Wundt, o que geralmente lhe é atribuído como pioneiro na literatura, no alemão: *Völkerpsychologie*. Pagliuso e Bairrão (2019) chamam a atenção da mudança do termo povo para *ethnos* (que significa povo em língua grega), porém a primeira tinha um peso histórico maior (people em inglês, peuples em francês), mudança que ocorrera a partir da antropologia. Depois, viria o desenvolvimento da etnopsiquiatria com Georges Devereux, dentre outros atores teóricos, que como psicanalista defenderia o reconhecimento da funcionalidade da cultura no psiquismo de cada paciente, o *ethos* da cultura.

Pagliuso e Bairrão (2019) anunciam que a intenção da Etnopsicologia não é aplicar teorias psicológicas e enquadramentos às pessoas e ao contexto social, mas, dialogar com outras formas de produção de conhecimento do ser e de visão do universo, como processos históricos e sociais e culturais, ao apreendê-los e apresentá-los como uma concepção humana original e autêntica e não sob uma hierarquia de saberes. Como são os casos de compreensões do que são os jogos-rituais para os próprios que o organizam, o fazem, o transmitem e o ressignificam ao longo de dezenas de gerações, como a corrida de tora do povo Timbira, por exemplo, praticadas a centenas de anos nos territórios.

De acordo com Fassheber (2006), o etno-desporto é a prática das atividades físicas, tanto sob a forma de jogos tradicionais e a mimesis, conforme Taussig, que dinamiza esses jogos, quanto esta mesma mimesis aplicada ao esporte global no território e na sociedade vizinha de contato, essa capacidade de adaptação aos esportes modernos não lhes tira a sua indianidade, sua identidade étnica-cultural. O etno-futebol indígena, seria então o processo pelo qual a sua própria ressignificação e a sua mimesis no esporte passará tanto pela via da transformação dos jogos tradicionais como da incorporação do futebol nas aldeias afirmando a identidade étnica de forma singular, ao se considerarmos a construção de pessoa, a feitura do corpo e da alma, bem como o uso específico que cada grupo faz de sua corporalidade na contemporaneidade da sua indianidade. Ou como aponta Fassheber, ao estudar o futebol entre o povo Jê-Kaingang do Paraná:

Mas, que os índios brasileiros são apaixonados por futebol seria inútil dizer, já que entre todos os brasileiros esse esporte desperta todo tipo de paixão. Inclui até a paixão de quem “odeia futebol”. Então não poderia ser diferente entre os ticuna, entre os kaiapó, entre os assuriní ou entre qualquer povo indígena com muito ou pouco contato. Entre os kaingang, a introdução do futebol entre eles coincide com o processo civilizador de “esquecimento” de seus jogos de guerra kanjire e pinjire, considerados ultra violentos pelos colonizadores. E o futebol serviu como boa metáfora de tais treinamentos de guerra, deslocando a violência para uma direção do que era tido como comportamento civilizado.

Ademais, o futebol introduzido entre os indígenas permite-nos algumas análises sociológicas importantes. Um exemplo claro, é a posição de centralidade que o campo de futebol ocupa dentro de diversas aldeias. O futebol pode ser percebido também pela interação e pela integração social dos moradores de uma terra indígena (TI), destes com os de outras TIs e com a população e com as equipes da cidade em competições municipais e regionais (FAS-SHEBER, 2006, s/p).

É claro que pode haver processos alienantes, mas não só, há processos criativos que os tornam protagonistas de suas escolhas e suas próprias criatividade, eles mesmo pagando os preços das escolhas, das experimentações, das retomadas, tanto que parece haver retomadas de jogos ancestrais no Brasil, o que foi também disparado e pulverizado pelo legado dos Jogos Indígenas do Brasil e dos Jogos Mundiais Indígenas, idealizados por Carlos Terena e Marcos Terena, os irmãos Terena e o Comitê Intertribal.

Nesse contexto de etnoesporte se encontra o Futebol, ou o etnofutebol, o futebol do povo Gavião Kyikatejê do Pará. O povo Gavião é do tronco linguístico macro-Jê, bem diferente do tronco de língua Tupi, o que só ilustra a diversidade de línguas e culturas em solo brasileiro. Também chamados de povo Jê-Timbira, os povos Timbiras foram primeiramente estudados pelo etnógrafo alemão Curt Nimuendajú (1946). Posteriormente, os estudos sobre os Timbiras foram resgatados por antropólogos brasileiros como Julio Cesar Melatti (1970, 1972, 1978) e Roberto Augusto DaMatta (1976), e depois Odair Giralдин (2000), dentre outros. Ressalta-se que os avanços nos estudos Jê ocorreu na década de 1960-80, quando se realizou o projeto de estudos dos povos do Brasil Central, foi o projeto *Harvard Brazil Central Project*, ou Projeto Harvard-Museu Nacional, tendo Roberto Cardos de Oliveira com um dos brasileiros coordenadores junto com os estadunidenses David Maybury-Lewis da Universidade de Harvard. O Dossiê “*Outras imagens do pensamento para a etnologia dos povos Jê do Brasil Central*” (DEMARCHI et al., 2019) é uma edição em comemoração aos 40 anos do produto escrito que é fruto do Projeto Harvard – Museu Nacional que é a importante coletânea sobre povos Jê, o *Dialectical Societies* de 1979.

O povo Gavião do Pará, oriundos do povo Gavião do Maranhão, na verdade compõem vários povos de mesma língua e cultura que se autodenominam conforme se separam por aldeamentos. Segundo o pesquisador paraense Cícero Teresa dos Santos (2022), se aldeiam na Terra Indígena Mãe Maria (TIMM), localizada em Bom Jesus do Tocantins, sudeste do

Pará. Segundo Santos (2022), na TIMM encontram-se três grupos: Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrâtikatêje. Ainda segundo Santos, a reunião dos três grupos na TIMM era destinada somente aos Gaviões Parkatêjê, porém, deslocamentos compulsórios em decorrência da expansão violenta da agropecuária e dos grandes projetos de empresas na Amazônia, os Kyikatêjê e Akrâtikatêje foram agregados, não de forma tão pacífica, havendo conflitos externos e internos.

O futebol nos povos Gaviões do Pará (Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrâtikatêje) é uma modalidade esportiva muito popular. Tão popular a ponto de fazer parte da agenda dos Jogos Indígenas anuais locais onde se misturam jogos ancestrais-rituais e esporte moderno, no caso o etno-futebol dos Gaviões. Tal popularidade levou à criação de um time profissional de futebol que disputa campeonatos da liga de futebol local e estadual.

O time Futebol Clube Gavião Kyikatêjê foi fundado na década de 1980, sendo o primeiro time profissional de futebol indígena. O time representa a etnia Kyikatejê que significa “povo do rio acima”. Localizado no município de Bom Jesus do Tocantins, a 450 quilômetros de Belém, a capital do Pará e próximo 25km da cidade de Marabá, no sul do Pará. O futebol de raiz indígena disputou a divisão principal do campeonato profissional estadual em 2014, ficando conhecido nacional e internacionalmente, recebendo pesquisadores, jornalistas e documentaristas a TIMM. Em 2017, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), realizou um vídeo-documentário sobre a história do clube indígena. O treinador Zeca Gavião, e presidente do time, é o primeiro técnico indígena credenciado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O time original era formado totalmente por indígenas, atualmente é misto, o que não lhe tira o brilho. Os desafios e as superações dos mesmos são ilustrados com análise de dados coletados para esta pesquisa, especialmente a parte inicial da entrevista realizada com Zeca Gavião.

Método

Para este estudo foi aplicada metodologia qualitativa, integrando método observacional, método etnográfico e método de entrevista. Segundo Breakwell et al. (2010) a pesquisa observacional está integrada a outros métodos de pesquisa, o que no caso se integrou a estudo por entrevista e etnografia. Neste trabalho, a observação se deu por observação do ambiente social e o lugar das ações. A pesquisa etnográfica é oriunda da antropologia, área com a qual nosso viés psicológico dialoga de forma interdisciplinar. Segundo, o método etnográfico é amplo, para esta pesquisa pontuamos o aspecto de buscar a representação do mundo indígena pelo participante-informante, não o pesquisador somente, caracterizando uma co-autoria em entender e informar o mundo como o outro o vê e vive, no caso um treinador de futebol do povo Gavião. Terceiro, a pesquisa de entrevista foi usada em conjunto com os métodos anteriores, como bem previsto em Breakwell et al. (2010), e como entrevista não-estruturada desenvolvida como um intercâmbio com o entrevistado, no caso específico

o treinador Zeca Gavião, em sua casa, dentro da TIMM.

O sujeito entrevistado na verdade foram os sujeitos, primeiro o renomado treinador indígena conhecido como Zeca Gavião e sua esposa Concita Sampré, de origem Guarani e Xerente, em 15 de abril de 2023. O profissional de futebol e liderança indígena Zeca Gavião foi contactado meses antes, pois pedimos autorização oral para observar, ir a campo (etnografia) e entrevistá-lo sobre etnofutebol no evento de Jogos Indígenas conhecido como Festival da Castanha, ou Festival da Castanha Nova, que festeja a colheita da nova safra de castanha do Pará.

Quanto aos procedimentos éticos desta pesquisa, além da autorização oral recebida e gravada em áudio da liderança entrevistada, tivemos compactado o bem-estar dos participantes. Assim, o consentimento foi informado via oral, muito comum em entrevista de cunho antropológico em territórios indígenas, não havendo riscos potenciais aos participantes, os quais foram informados sobre o objetivo da pesquisa, havendo concordância entre ambos, inclusive ao direito de se retirar da pesquisa ou não ser identificado. No caso, os informantes autorizaram a publicação de seus nomes com relação ao objetivo da pesquisa acadêmica.

Sobre a análise dos dados coletados em observação, etnografia e entrevista, foi observado como as pessoas indígenas se comportam durante o festival, em especial as atividades etnoesportivas. Os dados colhidos em observação etnográfica não são reproduzíveis, ainda mais em ambientes sociais dinâmicos, humanos, mas não invalidam seus resultados, e assim foram anotados em diários de campos e cadernos de notas de campo a observação de comportamentos, falas informais, conversas informais, organização material indígena, interações interétnicas, interterritoriais e interculturais presentes, a alimentação. E, especialmente sobre a entrevista não-estruturada, os dados coletados foram transcritos e lidos exaustivamente, sob análise do prisma principal da visão do entrevistado, dos quais suas citações literais ilustram o modo de ver do próprio indígena, e como pesquisadores procuramos identificar informações significativas para a temática em estudo: o etnofutebol, sob os vieses teóricos estudados, lembrando, a psicologia social do esporte, a etnopsicologia e o etnoesporte.

Resultados e discussões

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa em andamento, ou melhor, resultados iniciais de pesquisa de fluxo contínuo com idas e vindas constantes aos territórios indígenas na Amazônia.

Os dados coletados durante o Festival da Castanha, que ocorre todo mês de abril na TIMM, na Amazônia Paraense foram dados de observação, etnográficos e de entrevista com o técnico de futebol Zeca Gavião, em 15 de abril de 2023, o qual durou duas horas. Os dados são analisados sob o viés da psicologia social do esporte, a etnopsicologia e etnoesporte, conforme estudados em revisão da literatura.

Resultados deste trabalho são amplos, mas aqui resumidos por questão de tempo e espaço. O

Festival da Castanha é um importante festival etnoesportivo, já em sua décima segunda edição, naquele momento, e logo em sua décima terceira em 2024, abril. O evento é idealizado pelos próprios indígenas e há a competição interétnica de corrida de tora, arco e flecha, corrida de varinhas, natação e futebol. O evento reúne os três povos principais do território, Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrâtikatêje, bem como outros povos como os Gavião Popkêjê do Maranhão, os Krikatí do Maranhão, os Kraô do Tocantins, os Xerente, os Xikrin, os Kayapós, dentre outras etnias do povo Jê-Timbira.

Sem dúvida o etnofutebol Timbira é bastante esperado e festejado, vide o seu histórico de bem sucedido regionalmente, tendo como ápice o time fundado por Zeca Gavião por volta de 1980.

Dados iniciais de entrevistas com Zeca Gavião ilustram o início difícil dessa etnohistória, a história esportiva dos Gavião Kyikateje, a trajetória pessoal do informante e parceiro indígena é exemplificada em três momentos recortados da entrevista geral, a) sua trajetória pessoal e deslocamentos territoriais violentos, b) seu despertar para o esporte e o c) surgimento da ideia de criar um time a partir da sua aldeia após sofrer preconceito e discriminação por ser indígena, como abaixo:

Zeca Gavião, apelido da liderança, presidente de time e técnico de futebol “Pepkrate” (1966-atual), teve uma infância cujos olhos, ouvidos e sentidos infantis assustados, testemunharam grandes mudanças na região onde nasceu devido o impacto das grandes empresas na Amazônia. A estrada Transamazônica estava em plena construção pela Ditadura Militar, a hidrelétrica de Tucuruí, as torres de energia, a transição Serviço de Proteção ao Índio (SPI) para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), na época. Como na passagem abaixo:

Eu me chamo “*Pepkrate Jakukreikapiti Ronore Konxarti*”, conhecido mais como Zeca Gavião, eu sou natural de Tucuruí, eu fui atingido por barragem, e por causa da barragem transferiram minha família pra cá pra Marabá, aonde essa terra foi doada pelo Magalhães Barata na época né em 1963, e eu sem entender porque que eu tinha vindo pra cá, quando eu vim eu tinha 08 ou 09 anos, quando eu saí de Tucuruí, em cima de um caminhão, com brasilit dentro, tudo para fazer uma casa, e eu não estava entendendo o que estava acontecendo, até minha mãe mesma não sabia, meu pai também, só outro irmão Paiarã, ficava mais a frente dessa discussão e nós viemos pra cá, chegamos em Marabá, naquela época era o SPI...

A colonialidade da nossa sociedade reconhece o nome Zeca, uma variante de José, Zé, mas Zeca não é um Zé Ninguém, tem seu nome reconhecido internacionalmente, inclusive pela FIFA. E Gavião não é uma autodenominação do próprio povo, que se autochamam de Kyikatêjê. Gavião é nome dado por antropólogos brancos, da academia, que fizeram menção às penas de Gavião que os povos Jê usam no cocar e adereços corporais, mais que adereços, própria pele, continuação identitária do corpo. Esses atos já não preconceituosos e discriminatórios,

estruturais na nossa sociedade ocidental.

Pepkrate é oriundo de povos atingidos por barragens, a de Tucuruí, que deslocou forçadamente famílias, aldeias e povos inteiros do seu lugar ancestral de origem, uma forma de violência. Como bem visto na psicologia social e na psicologia do esporte e exercício, uma hegemonia da ideologia de branquitude e branqueamento no Brasil, um processo civilizatório de embranquecimento como ideologia escolarizado, não só alienando a pessoa negra (pretos e pardos), questões raciais, mas também a pessoa indígena de diversas etnias, questões étnicas. Se o negro no esporte brasileiro nos obriga a revisitar a “raça” e o racismo, temos que ampliar estudos das questões de diversidade étnicas-raciais no Brasil e no mundo.

Os Kyikatêjê desenvolveram um enorme senso de sobreviver em terras alheias, se adaptar e manter viva suas tradições na medida do possível. Se escolarizar foi percebido como uma ferramenta de se proteger da ameaça de ser lançado na escuridão da ignorância. Pepkrate, o Zeca, foi um dos grandes líderes em buscar alfabetização, escolarização, ainda que ocidental, para o seu povo e observador de como poderia empreender mudanças que fortalecessem a sua comunidade, como abaixo exposto:

As pessoas que fossem estudar iam buscar o conhecimento para buscar pra aldeia, era uma ideia boa, o que não acontece hoje né, hoje o pessoal estuda e não está nem aí, volta até contra o próprio cacique ainda, então, era uma coisa assim rígida mas era importante, e aí eu comecei a estudar, com colegas aqui da TI Mãe Maria, aí eu comecei a observar o desenvolvimento do nosso povo, nesse intermédio nós observávamos que os velhos praticavam esporte, eles enchiam o caminhão e iam lá pra Rondon e ganhavam né...o primeiro esporte que entrou na aldeia foi o vôlei, porque os americanos gostam né e os americanos colocaram isso na aldeia...começou assim com evangelismo americano...

Zeca, Pepkrate, relata a rigidez de ter que ir para a cidade do entorno e poder não criar conflitos sociais. Em um trecho da entrevista ele relata que tiveram que voltar da cidade porque um parente indígena “mexeu” com uma moça branca, eram jovens estudantes na cidade, havia mais preconceito do que há atualmente, pois já se verifica misturas entre indígenas e brancos na própria aldeia, como observamos, famílias mestiças. Zeca sempre foi um grande observador, relata que o vôlei foi o primeiro esporte ocidental a se misturar com as práticas corporais entre os Kyikatêjê, isso devido os missionários evangélicos terem promovido a prática de vôlei entre os adultos e jovens. Zeca destaca nessa passagem acima que os idosos da aldeia aderiram bem à prática de vôlei e se sagravam campeões interterritoriais. Esse fato da força corporal do povo Gavião, dos Timbiras em geral, como observamos e estudamos nos estudos sobre os Timbira, como em Nimuendajum Melatti, DaMatta, sim, é uma característica muito forte dos povos Jê-Timbira. Bem notado por Zeca Gavião.

O futebol também se tornou prática popular entre os Kyikatêjê e os demais povos vizi-

nhos, os Gaviões Parkatêjê e Akrâtikatêje. Mas Zeca foi sonhador, protagonista e corajoso em montar um time de futebol forte na região. O fato de ser índio o tirou de um seletivo em Belém no time do Paysandu, rival de clubes paraenses como o Remo e Tunaluso. Mas o preconceito e a discriminação sempre sofridos nunca o fizeram desistir, e o futebol se ostra como ferramenta de reinserção social na busca de ressignificação da força indígena pelo mesmo, o que está bem de acordo com os estudos de Fassheber com os Kaingang do Paraná e seu conceito de etnoesporte que se amplia à ressignificação de uma modalidade ocidental no território e além, como menciona abaixo:

Eu ficava observando de montar um time de futebol só com indígenas, fizemos uma seleção e fomos campeão aqui na região, Bom Jesus, Rondon, Abel, Itupiranga e Marabá mesmo, aí apareceu um dirigente do Paysandú, eles criaram uma base chamada Timbira, como ele era vice esse dirigente acompanhava e levou três indígenas para fazer o teste em Belém...mas antes da contratação você não pode falar que você é índio, o presidente pode querer não gostar, aí eu saí da mesa, eu não gostei da forma, é um preconceito, aquilo me despertou, vai ser difícil a gente ver um indígena chegar no futebol brasileiro, aí me veio a ideia eu vou criar um time... eu tinha um time aqui que se chamava Akrã, mas os organizadores interno me tomaram esse time...minha esposa me deu a ideia de criar o time Kyikatejê futebol clube...

Mesmo tendo perdido o seu time original, o Akrã, e toda sua experiência, gana e capacidade de sonhar e ser protagonista de seu povo Kyikatêjê, Zeca fez nascer o Gavião Kyikatêjê Futebol Clube, o primeiro time profissional indígena do Brasil. Kyikatêjê (o povo do rio acima) futebol clube antes se chamava Castanheira atlético clube, mudando para Gaviões Kuikatêjê Futebol Clube em 2009. Uma trajetória heroica, notável e de protagonismo indígena como um dos casos mais significativos no futebol brasileiro, com a força do etnofutebol Jê-Timbira. Corredores de tora, lutadores de Apenkuite(luta corporal quase extinta), corredores de curtas e longas distâncias, reconhecidos por práticas corporais e esportivas diárias, como pudemos observar nas escolas dentro das aldeias, não poderíamos deixar de constatar essa muito forte etnoesportividade dos povos Timbira, em especial a do povo Gavião. O que também nos impressiona como observadores de fora, sem negar o apaixonamento de observador da força de manterem sua cultura, ainda que a língua Jê esteja em desuso se comparados com os Gaviões do Maranhão, por exemplo. Mas os maiores eventos etnoesportivos da região tocantina e araguaia, menção aos dois grandes rios da região (Tocantins e Araguaia), ocorre sem dúvida na integradora TIMM, e a partir do forte, resiliente e corajoso povo Kyikatêjê.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi conhecer, apresentar e ampliar saberes sobre o futebol indígena

desenvolvido entre o povo Timbira, em especial o povo Gavião Kyikatejê, o que parcialmente conseguimos alcançar, sendo um trabalho de fluxo contínuo de aprofundamento. A perspectiva teórica-metodológica que utilizamos foi a observação, a etnografia e a entrevista, e se mostraram suficientes ao longo do estudo necessitando sempre refinamento e aperfeiçoamento. O renomado e primeiro treinador indígena, o senhor Zeca Gavião, Pepkratê, nos forneceu dados importantes, significativos que exigem sempre maior investigação de tão ricos que se mostram na trajetória etnoesportiva do povo Timbira em geral, tão desconhecidos ainda na literatura. Em que pese a Constituição de 1988 prever a Defesa e a valorização do patrimônio cultural brasileiro, ainda tão encoberto.

Assim o legado dos estudos acadêmicos de José Fassheber e colaboradores é importante para continuarmos a pensar o etnoesporte, o etno futebol e a etnopsicologia dessas práticas corporais como ressignificadoras, atualizadoras entre jogo-ancestral e esporte moderno no território, bem como a partir das considerações de Bairrão na etnopsicologia, a de valorizar a narrativa do investigado como um saber não minorizado diante do acadêmico, mas uma outra forma de saber, e mesmo contribuir com a psicologia social do esporte que ainda engatinha sobre o tema. De acordo também com os estudos de Alexey Kylasov sobre os Jogos Tradicionais a partir da realidade russa, e a necessidade de valorizá-los, salvaguardá-los, conhecê-los, apresentá-los.

Sem dúvida daremos continuidade a esta pesquisa, a investigar trajetória heróica de *Pepkrate Jakukreikapiti Ronore Konxarti*, Zeca Gavião, bem como a riqueza de práticas corporais, que observamos na TIMM entre os povos Kyikatêjê, Parkatêjê e Akrâtikatêje. Temos a intenção de ampliarmos a coleta de dados no próximo Festival da Castanha, em abril de 2024, como também discussões e publicações sobre a diversidade étnico-cultural das práticas corporais, o etnoesporte, sob o viés da psicologia e da etnopsicologia, ao fazermos parcerias com os protagonistas em cada território que visitamos, nos quais somos muito gratos ao sermos bem-recebidos pelos povos da floresta.

Imagem 1: Escudo do time Gavião Kyikatêjê Futebol Clube.



Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BREAKWELL, Glynis M.; FIFE-SCHAW, Chris; HAMMOND, Sean; SMITH, Jonathan A. **Métodos de Pesquisa em Psicologia**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CARDIAS-GOMES, Fabio José. *Ethnosport Psychology: A model of traditional games of indigenous people of the Eastern Amazon*. In: **International Journal of Ethnosport and Traditional Games**, v. 2, n. 2, p. 63–75. 2019 DOI: <https://www.doi.org/10.34685/HI.2020.60.86.005>.

CARDIAS-GOMES, Fabio José. Etnoesporte Timbira: aspectos socioculturais e psicossociais do corpo-território e ressignificações da corrida de tora Amazônica. In: Stela Maris Ferrarese (org.). *Juegos Indígenas Antiguos y Contemporáneos de América del Sur*. Museo del Juguete Étnico/Argentina, 2021a.

CARDIAS-GOMES, Fabio José. Ethnosport psychology and Indigenous sportsmanship: a Brazilian contribution. In: Turkman, M.; Ziyagil, M.A.; , Kaya, A.. *Impacts of traditional sports and games on global peace and development during and after Covid-19*. Gece/Kitapigli: Ankara, Turquia, 2021b.

DEMARCHI, André; GIRALDIN, Odair; MELO, Maycon; MORAIS, Odilon (eds.). Dossiê: Outras imagens do pensamento para a etnologia dos povos Jê do Brasil Central. In: **Revista de Antropologia da UFSCar**. Editora da UFSCar: São Carlos, 2019.

FASSHEBER, José Ronaldo. **Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da experiência entre os Kaingang**. Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado. 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275209>, acesso em: 09.jan.2024

FASSHEBER, José Ronaldo. **Etno-desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

FASSHEBER, J. R. M.; FREITAG, L. C.; GOUVEA, D. Zikunahity X Football: a peleja por um esporte de identidade nacional no Brasil de 1922. Trabalho apresentado na **XIII Reunião de Antropologia do Mercosul**, Porto Alegre: UFRGS, 2019.

FASSHEBER, José Ronaldo; CARDIAS-GOMES, Fabio José. Etnoesporte: um conceito no mundo do século XXI. In: **International Sociology of Sport Association Congress**, Canada, 2020.

FREITAG, Liliane; FASSHEBER, José Ronaldo. Um estranho no ninho? O Futebol nas identidades indígenas. In V. R. T. Camargo, M. B. Rocha Ferreira, & O. R. M. Simson (Eds.), *Jogo, celebração, memória e identidade. Reconstrução da Trajetória de Criação, Implementação e Difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996–2009)* (pp. 111–126). Campinas, 2011.

GIRALDIN, Odair. *Axpen Pyrak: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinajé*. Tese (Doutorado) apresentado na Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2000.

KYLASOV, Alexey. **Ethnosport — cultural heritage/Youth — Culture - Politics: historical memory and civilization choice**: VIII Commemorative Alexander Panarin Readings (2010): Collection of articles/Ed. V. Rastorguev-Moscow: Moscow State University, MAKS Press (in Russian). 2012.

LAVEGA, Pere. **Juegos y Deportes Populares Tradicionales**. Múrcia, Espanha: Editorial Indi, 2021.

MATTA, Roberto da. **Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinajés**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MELATTI, Julio Cesar. **Ritos de uma Tribo Timbira**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

MELATTI, Julio Cesar. **O Messianismo Krahó**. São Paulo: Herder, 1972.

MELATTI, Julio Cesar. *Índios do Brasil*. Brasília: Coordenada, 1970.

NIMUENDAJU, Curt. **The Eastern Timbira**. Berkeley; University of California, 1946.

ONU. **Declaração da ONU sobre os povos indígenas**. Rio de Janeiro: Nações Unidas, 2007.

PAGLIUSO, L.; BAIRRÃO, J. F. M. H. A etnopsicologia: um breve histórico. In J. F. M. H. Bairrão & M. T. A. D. Coelho (Orgs.), **Etnopsicologia no Brasil: teorias, procedimentos, resultados**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SANTOS, Cícero Teresa dos. Narrativas orais de cantores indígenas Gavião da TI Mãe Maria.

In; Pandemia e futuros possíveis. **Anais do XVI Encontro Nacional de História Oral.** Anais... Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://even3.com.br/Anais/XVIEncontroNacionaldeHistoriaOral/488927-NARRATIVAS-ORAIS-DE-CANTORES-INDIGENAS-DA-TI-MAE-MARIA> , acesso em 13.jan.2024

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** Hucitec, São Paulo, 1999.

TOLEDO, L. H.. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). IN: **BIB**, n.52, São Paulo, 2001.

SILVA, E. C.; NAVARRO, E. A. **Redescobrimos Gonçalves dias no Esporte. In: Estudos sobre o Tupi-Antigo e as Línguas Gerais no Brasil.** 1. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

SILVA, E. C.; MIARKA, B. Modalidades de Lutas e Plano de Aula: Huka Huka in: RUFINO, L.G.B.; OLIVEIRA, A.A.B.; RINALDI, I.P.B. (orgs.). **Fundamentos Pedagógicos do Esporte Educacional – Lutas.** CURITIBA: CRV, 2022.

VIANNA, F. F. L. Brito. **A bola, os brancos e as toras: futebol para índios Xavantes.** Dissertação (Mestrado) em antropologia social. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.

VINHA, M.; Rocha Ferreira, M. B.. Jogos em Desuso? Relatos a partir do século XVIII sobre Jogos na Sociedade Indígena Mbayá-Guaicuru e no grupo Kadiwéu. In: **V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, 1997, Maceió. COLETÂNEA: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

VINHA, M.; Rocha Ferreira, M. B.; UGARTE, M. C. D.; TAGLIARI, Jr.; FASSHEBER, J. R. Raízes: Jogos Tradicionais Indígenas. In: Lamartine Da Costa. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil/Atlas of Sport in Brazil.** 1ªed.Rio de Janeiro: SHAPE, 2005.

VINHA, M. Competitividade e Rivalidade entre os Índios Kadiwéu. In: 40 Simpósio Internacional “Processo Civilizador: Corporeidade e Religiosidade, 1999, Piracicaba. **Anais: 40 Simpósio Internacional “Processo Civilizador: Corporeidade e Religiosidade.** Piracicaba, 1999.

VINHA, M. Considerações sobre Jogos Tradicionais na Escola da Aldeia. In: I Simpósio Cultura Corporal e Povos Indígenas do Paraná, 2001, Irati. **Anais: Cultura Corporal e Povos**

Indígenas do Paraná. Irati: UNICENTRO, 2001a.

VINHA, M. O joga bunda e o Cartão Vermelho: pensando com Norbert Elias o processo civilizador, tendo como Referência Empírica o grupo Indígena Kadiwéu. In: **VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura**, 2001, Assis. Anais: VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura. Assis, 2001b.

VINHA, M.; Rocha Ferreira, M. B. Tradição Recentemente Inventada - Terras Indígenas e Jogo Cabo-de-Guerra. In: **XVII Encontro Regional de História: o lugar da História**, 2004, Campinas. Anais: CD Rom XVII Encontro Regional de História: o lugar da História. Campinas: Unicamp, 2004.

SOBRE OS AUTORES

Alexandre Palma

Doutor em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ

Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

palma_alexandre@yahoo.com.br

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1986), mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1995), doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (2002) e estágio de pós-doutorado no Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e no Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade Gama Filho (2014). Atualmente, é professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona na Escola de Educação Física e Desportos.

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFe); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discência; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

Everson Carlos da Silva

Bacharel em Esporte, Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EE-FEUSP)

São Paulo, Universidade de São Paulo

everson.indio@alumni.usp.br

Bacharel em Esporte pela USP, Membro da Sociedade Mundial de Etnoesporte, Cidadão de Honra do Município de São Paulo, Treinador de levantamento de peso pela Organização Desportiva Pan-americana (ODEPA), Treinador de Crosstraining (Crossfit), Faixa preta de judô, jiu-jítsu e técnico de luta olímpica, Idealizador e coordenador da Semana de Meio Ambiente da USP, Aluno notório da USP, Idealizador do método de treinamento de força Levantamento de Peso Integrado (LPI, Realizou a 1ª corrida de toras na Avenida Paulista, Preparador físico de atletas de alto nível, Gestor de projetos de esporte em comunidades indígenas.

Fabio José Cardias-Gomes

Doutor em Educação, Universidade de São Paulo (FE-USP)

Imperatriz-Maranhão, Universidade Federal do Maranhão (UFMA-Imperatriz)

fabio.cardias@ufma.br

Professor Adjunto na Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz (desde 2010); Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (2012); Mestre em Saúde e Ciências (Psicologia) do Esporte pela Universidade de Tsukuba, Japão (2005); Especialista em Ciências do Esporte (Psicologia) pela Universidade de Tsukuba, Japão (2003); Formação e Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (2000). Psicólogo CRP-MA 22/01133, especialista em clínica (junguiana) e esporte/exercício (etnoesporte, artes marciais, futebol). Membro da Academia Olímpica Brasileira (OAB) com estágio na International Olympic Academy, Olympia, Greece; da World Ethnosport Society (Latvia/Russia) com treinamento na Rússia, desde 2018; da Red Mundial de Profesores y Investigadores de Juegos y Deportes Tradicionales (España); da Rede Internacional de Pesquisadores sobre Comunidades Tradicionais (RedeCT, UNESP-Tupã, São Paulo, Brasil), outras. Pratica capoeira Angola, judô e budô japonês, pesquisa etnoesporte, luta marajoara, lutas corporais, futebol, jogos e esportes de comunidades indígenas e tradicionais na Amazônia.

George Almeida Lima

Mestrando em Educação Física (UNIVASF)

george_almeida.lima@hotmail.com

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE); Membro do Grupo de Estudos sobre Educação e Práticas Corporais (GEEPRACOR/UNIVASF); Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física escolar (GEPEFE/UECE); Membro do Grupo de Estudos em Sociologia do Esporte (GESOE/ULBRA) e Membro do Grupo de

Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (UFRGS). Realiza pesquisas sobre os aspectos pedagógicos e socioculturais das práticas corporais, sobre educação física escolar e sociologia do esporte. E-mail*: george_almeida.lima@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0899-0427>

Heraldo Simões Ferreira

Doutor em Saúde Coletiva (UECE)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
heraldo.simoed@uece.br

Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós doutorado em Desenvolvimento Humano (UNESP), Doutor em Saúde Coletiva (UECE), Mestre em Educação em saúde (UNIFOR), Especialista em Psicomotricidade e Profissional de Educação Física (UNIFOR) – CREF 590 G/CE. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física escolar (GEPEFE\UECE). Realiza pesquisas sobre os aspectos pedagógicos da educação física, saúde na escola e lutas na educação física escolar. ORCID: orcid.org/0000-0003-1999-7982

Jairson Monteiro Rodrigues Viana

Mestre em Educação – PPGED UFPA
IFPA Tucuruí
Jairson.viana@ifpa.edu.br

Graduado em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará- UEPA (1999), Especialista em Pedagogia do Movimento Humano (UEPA - 2002) e Mestre em Educação - PPGED (UFPA - 2021). Tem experiência na área da Educação, Educação Física; com ênfase em Prática Docente, Educação Física Escolar e Treinamento esportivo. Integrante dos Grupos de Estudo e Pesquisa: Linguagem, Cultura e Educação na Amazônia e Tecnologia Assistiva para a Educação Inclusiva / IFPA – Tucuruí. Atualmente é professor de Educação Física escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA Campus Tucuruí (desde 08/ 2016); pesquisa o futebol praticado por mulheres indígenas da Aldeia Asuriní do Trocará, jogos – brinquedos e brincadeiras desta etnia e coordena o projeto de pesquisa e extensão de futebol PARA.BOLA & ALDEIA DO FUTEBOL desenvolvidos em Tucuruí-Pará (desde 2019). Também atuou como professor do ensino médio - SEDUC / Tucuruí - PA (2003 - 2016) e docente substituto - UEPA / Tucuruí, ministrando as disciplinas: Futsal, Handebol, Atletismo e Prática docente.

Júlia Barreira

Doutora, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas
juliab@unicamp.br

Docente no curso de Educação Física da UNICAMP ministrando as disciplinas relacionadas

às modalidades de futebol e futsal. Credenciada ao Programa de Pós-Graduação da mesma instituição desenvolvendo pesquisas sobre a participação e o desempenho nos esportes. Coordenadora do GTT - Gestão do Esporte: Diversidade e Identidade Cultural da Associação Brasileira de Gestão do Esporte (ABRAGESP). Desenvolve projetos para organizações esportivas e atua como parecerista em periódicos científicos nacionais e internacionais.

Manuella de Oliveira Mota Fernandes

Doutora, Ciências da Saúde, Universidade Federal de Sergipe

manuellinha@hotmail.com

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Pós-Graduação em Prescrição de Exercício Físico aplicado à Reabilitação Cardíaca e Grupos especiais - Universidade Gama Filho, Pós-Graduação em Gestão Pública em Saúde - UFS, Mestrado em Educação Física - UFS e Doutorado em Ciências da Saúde - UFS.

Maria Sarmento Pereira

Ma. Educação Profissional e Tecnológica – IFPA

SEDUC – PA / IFPA Tucuruí

sarmiento-y@hotmail.com

Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará - UEPA (2000). Possui Mestrado Educação Profissional e Tecnológica (IFPA - 2023), especialização em Pedagogia do Movimento Humano pela Universidade do Estado do Pará (2002), Gestão Escolar pela Universidade Federal do Pará (2008), Educação Empreendedora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC RIO (2017) e Formação profissional em Metodologia Ativa de ensino – NIAGARA COLLEGE CANADÁ (2019). Integrante dos Grupos de Estudo e Pesquisa: Linguagem, Cultura e Educação na Amazônia e Tecnologia Assistiva para a Educação Inclusiva / IFPA - Tucuruí. Atualmente é professora de Educação Física escolar SEDUC – PA - Ensino Médio (desde 2003) e Técnica em Assuntos Educacionais / IFPA Campus Tucuruí (desde 2012); pesquisa a construção de material tátil esportivo em papel microcapsulado para a pessoa com deficiência visual, o futebol praticado por mulheres indígenas da Aldeia Asuriní do Trocará, jogos – brinquedos e brincadeiras desta etnia e presta assessoria técnico pedagógica ao projeto de pesquisa e extensão de futebol PARA.BOLA & ALDEIA DO FUTEBOL desenvolvidos em Tucuruí-Pará (desde 2019). Anteriormente atuou como docente substituta - UEPA / Tucuruí, ministrando as disciplinas: Políticas Públicas de Educação Física & Esporte e Lazer, Fundamentos e Métodos do Jogo e Estudos do Lazer.

Mariana de Carvalho

Bacharela, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

m202967@dac.unicamp.br

Mariana Simões Pimentel Gomes

Doutora, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

gomesmsp@unicamp.br

Docente no curso de Educação Física da UNICAMP ministrando as disciplinas Educação Física Adaptada e Esportes Adaptados. Desenvolve projetos em metodologias de ensino de esportes, esportes paralímpicos, carreira de atletas paralímpicos, ensino das lutas e esportes de combate.

Pedro Gomes Waismarck Amorim

Especialista em Treinamento de Força - UFRJ

pedroamorim.nutri@gmail.com

Graduação em Nutrição (UFRJ) e Bacharel em Educação Física (UFRJ). Pós-graduação lato sensu em Nutrição Esportiva (Nutmed/UniRedentor). Residência em Nutrição Clínica Médica (UFRJ). Pós-graduação lato sensu em Musculação e Treinamento de Força (UFRJ). Residência em Saúde da Família e Comunidade (UFRJ). Atua na área de nutrição clínica e esportiva, além de musculação como treinador. Praticante de alinha desde 2009..

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

professormocarzel@gmail.com

Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto (UP / Portugal); Mestrado em Ciências da Atividade Física e Licenciatura Plena em Educação Física (UNIVERSO / Brasil); Especialização (Lato Sensu) em Acupuntura (ANHANGUERA / Brasil). Professor (Faixa Preta) em 6 estilos de Kung-Fu (Garra de Águia, Tai Chi Chuan, Shuai Jiao, Sanda/Sanshou e Wushu Moderno: Norte & Sul). Instrutor de Pilates e Dança (zouk e forró/xote). Atua também com Terapias Holísticas e Massagens. Atualmente estuda as Artes Marciais em suas diversas áreas de atuação, o Olimpismo, a Filosofia e Sociologia dos Esportes, os Jogos e eSports, História do Desporto, Terapias Holísticas e Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS). Autor de livros, capítulos de livros e artigos (nacionais e internacionais). Membro da Câmara de Lutas e Artes Marciais e da Comissão de Professores de Niterói e Adjacências do CREF-1. Fundador e Ex-Presidente da Associação de Kung-Fu Shaolin de Niterói (AKSN). Ex-Diretor da Federação de Kung-Fu do Estado do Rio de Janeiro (FKFERJ). Docente em academias há mais de 20 anos. Terapeuta holístico há mais de 15 anos. Pesquisador e docente universitário há mais de 10 anos.

Ricardo Leme

Pós-graduado em gerontologia e interdisciplinaridade pelo Centro Universitário São Camilo Walking Football Brasil

Empreendedor social, presidente e fundador da Walking Football Brasil, organização responsável

oficialmente pela modalidade no país. Pós-graduado em gerontologia e interdisciplinaridade pelo Centro Universitário São Camilo Estuda pós-graduação no Programa Executivo de Negócios pela Fundação Dom Cabral. Estudou negócios de impacto social pela mesma universidade e possui extensão em gestão estratégica do esporte pela Fundação Getúlio Vargas. Atuou como executivo de empresas e organizações da sociedade civil, nas áreas de responsabilidade social e desenvolvimento institucional.

Thálita Gonçalves Santos

Doutoranda, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas

santos.g.thalita@gmail.com

Auxiliar de coordenação em eventos de competições da Natação Paralímpica pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), Professora de Educação Física para crianças, jovens e adultos no Transtorno do Espectro Autista e Deficiência Intelectual.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFe); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discência; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

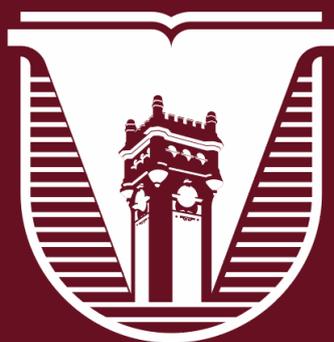
Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

professormocarzel@gmail.com

Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto (UP / Portugal); Mestrado em Ciências da Atividade Física e Licenciatura Plena em Educação Física (UNIVERSO / Brasil); Especialização (Lato Sensu) em Acupuntura (ANHANGUERA / Brasil). Professor (Faixa Preta) em 6 estilos de Kung-Fu (Garra de Águia, Tai Chi Chuan, Shuai Jiao, Sanda/Sanshou e Wushu Moderno: Norte & Sul). Instrutor de Pilates e Dança (zouk e forró/xote). Atua também com Terapias Holísticas e Massagens. Atualmente estuda as Artes Marciais em suas diversas áreas de atuação, o Olimpismo, a Filosofia e Sociologia dos Esportes, os Jogos e eSports, História do Desporto, Terapias Holísticas e Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS). Autor de livros, capítulos de livros e artigos (nacionais e internacionais).

Membro da Câmara de Lutas e Artes Marciais e da Comissão de Professores de Niterói e Adjacências do CREF-1. Fundador e Ex-Presidente da Associação de Kung-Fu Shaolin de Niterói (AKSN). Ex-Diretor da Federação de Kung-Fu do Estado do Rio de Janeiro (FKFERJ). Docente em academias há mais de 20 anos. Terapeuta holístico há mais de 15 anos. Pesquisador e docente universitário há mais de 10 anos.



UNIVASSOURAS